

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz**

**PEDRAS BONITAS PODEM FALAR!  
Memórias, narrativas e experiências de professoras de  
Itaporanga, SP**

**Sorocaba/SP  
2018**

**Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz**

**PEDRAS BONITAS PODEM FALAR!  
Memórias, narrativas e experiências de professoras de  
Itaporanga, SP**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wilson Sandano

**Sorocaba/SP  
2018**

**Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz**

**PEDRAS BONITAS PODEM FALAR!**  
**Memórias, narrativas e experiências de professoras de**  
**Itaporanga, SP**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Presidente: Prof. Dr. Wilson Sandano  
Universidade de Sorocaba.

---

1º Exam.: Profª Drª Viviane Melo de Mendonça  
Universidade Federal de São Carlos/ Sorocaba.

---

2º Exam.: Profª. Drª. Vania Regina Boschetti  
Universidade de Sorocaba.

---

3º Exam.: Profª. Drª. Valdelice Borghi Ferreira  
Universidade de Sorocaba.

---

4º Exam.: Profª. Drª. Eliete Jussara Nogueira  
Universidade de Sorocaba.

Dedico esta tese à Gabi, minha neta, por lapidar a pedra bruta que ainda sou.

Tão pequenina, pedra delicada me mostra a potência da vida.

Suas vozes me surpreendem ao anunciar que sua cor preferida é o azul, outras vezes o lilás.

Que prefere a fantasia do lobo mau que a da chapeuzinho vermelho.

Que me convida às leituras e reinventa os finais das histórias.

Seus olhinhos puxados, jabuticabas pisca-pisca, minha japinha, são pedras brilhantes que me movem ao mais profundo sentimento.

Haverá um dia que contarei essa história para você!

## AGRADECIMENTOS

Desafio tão grande quanto escrever esta tese é enunciar meus agradecimentos às pessoas que fizeram parte desta minha trajetória de quatro anos, ou melhor, a todas que de alguma forma, nesses anos de existência, me fizeram ser a mulher que hoje sou.

Nesse percurso, aprendi que a tese acabou sendo a extensão de minha vida como professora, pesquisadora, autora, narradora e mulher. Então, para que algo de valor fosse produzido, foi primeiro necessário criar algo de valor em mim mesma. Por este motivo, agradeço profundamente a todas as pessoas que muito me encorajaram e me ajudaram a produzir algo de valor em minha vida.

Antoine de Saint-Exupéry disse certa vez que um monte de pedras deixa de ser um monte de pedras no momento em que um único homem o contempla, nascendo dentro dele a imagem de uma catedral. Então digo mais, sou grata a todas as pedras que ajudaram na construção de minha catedral.

Queria formular meus agradecimentos de forma poética, quem sabe como fez Manoel de Barros ao brincar com as palavras e dizer que, quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas, é de poesia que estão falando, ou me comparar a uma de suas citações “sou água que corre entre pedras”, maneira que a liberdade busca para existir, caçar seu jeito. Quem sabe ainda roubar os versos de Cora Coralina, em que sou eu aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores. E porque não ousar dizer, como Raul Seixas, que também aprendi o segredo da vida, vendo as pedras que sonham sozinhas no mesmo lugar.

Pedras... com tantos atributos e características: firmeza, dureza, beleza, coloridas, ofuscantes, apagadas, vivas, fortes, fortalezas, tementes, estilhaços, robustez, maravilha... Todas essas pedras fazem parte dessa catedral construída, que por vezes pensei que não chegaria a contemplar sua beleza.

É também Antoine de Saint-Exupéry quem afirma que ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo, é fundamental. Se navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas. Por isso agradeço

a todas as mulheres, pedras bonitas, pedras maravilhas e todas as outras pedras preciosas, aquelas nas quais às vezes tropeço, aquelas que outras vezes acumulo, as que reservo, e as que distribuo:

Às pedras bonitas de Itaporanga, que foram o alicerce do trabalho. Sem elas não poderia ter levantado minha catedral e construído uma história sobre a educação em Itaporanga.

Às amigas Leida, Lucélia, Genilda, Talita, Rosemary, Vanéia, imensa gratidão pela colaboração na realização dos chás da tarde. Obrigada por alimentarem meu sonho com tantas delícias!

Às amigas Andréia e Mari, pedras que me acolhem, amparam, me ajudam a resistir às avalanches da vida.

Ao amigo Eder e à amiga Carminha, pedras coloridas e brilhantes que me impulsionam no percurso, sempre. Em nosso dia a dia, no trabalho, me fazem acreditar que posso ser a Mulher Maravilha.

À professora Jane, minha orientadora, pedra preciosa, mulher forte, guerreira, amiga, mulher-pedra-maravilha, minha eterna gratidão pela confiança, parceria, pelo percurso de vida inspirador e por me mostrar que podia me apaixonar e tornar possível a construção de um trabalho sobre mulheres e docência.

Ao professor João Batista de Magalhães Castilho, por compartilhar suas histórias e me ajudar a construir a minha com tanta riqueza e sabedoria, em meio a seus deliciosos licores. Um brinde!

À Ana Godoy, pedra firme, amiga, mulher sábia que me ajudou a encontrar a minha escrita. Se escrever é o elo que nos uniu, gostaria de ser uma eterna escritora, aprendo muito com você, será sempre minha mestra.

Ao professor Dr. Wilson Sandano, por me acolher no final da trajetória como orientador.

Às professoras Dra. Vania Boschetti, Dra. Viviane Mendonça, agradeço pela participação em meu Exame de Qualificação e Defesa. Ter minha produção sob o olhar atencioso de vocês foi um dos grandes momentos de minha vida. Sinto-me privilegiada por isso, e espero que possam reconhecer neste trabalho suas valiosas recomendações.

À amiga Margly, pela escuta sensível que me trouxe paz em tantos momentos angustiantes da escrita.

Ao meu marido, Vanei, meu agradecimento mais profundo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (Prosuc) pela bolsa concedida, sem a qual não teria condições de realizar o doutorado em Educação.

Ao Deus da minha vida, força em fé que me faz crer que há sempre um bem maior do que eu possa imaginar, que cuida dos meus planos e da minha vida. Continuo a rogar a ti que me dê olhos somente para o essencial. Toda honra e glória a ti Senhor!

## RESUMO

FERRAZ, Sandra Antonia Convento de Moura. **Pedras Bonitas podem falar!** Memórias, narrativas e experiências de professoras de Itaporanga, SP. 2018. 186f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2018.

Esta tese materializa o estudo realizado com seis professoras aposentadas, com idade aproximada de 80 anos, que exerceram a docência em uma cidade do interior paulista, da metade do século XX ao seu final. A construção da história da educação e (da docência em Itaporanga SP), na memória dessas professoras, é o que se pretendeu com a pesquisa. As pedras bonitas, como foram chamadas as professoras participantes, falaram num espaço criado de escuta e abertura, revisitando suas memórias e apresentando-as em forma de narrativas. A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa narrativa, que é o estudo da experiência como história, que possibilita conhecer vozes pessoais e singulares, quase sempre emudecidas pela narrativa dominante, em diversos contextos de pesquisa e do fazer profissional e pessoal. A importância das narrativas orais e escritas revela facetas vividas no/do cotidiano às quais talvez não se tivesse acesso se não pelo ato do narrar. As narrativas que emergiram da presente pesquisa potencializam a criação de conhecimentos e significados para as práticas de muitos professores hoje em exercício, podendo levá-los a refletir sobre as memórias compostas, que um dia foram práticas pedagógicas e didáticas constantes em um determinado tempo/lugar. Ao propiciar condições para que as professoras contassem as histórias de um cotidiano passado, de uma escola que serviu como modelo de educação de uma época, foi possível refletir sobre a mulher em suas múltiplas experiências de vida, formação e fazeres docentes, possibilitando análises que indicam que o modo de conceber a docência, as experiências e a educação são permeados por fatores que ultrapassam o fazer exclusivamente pedagógico, reconhecido na amplitude que se funde nas experiências cotidianas vividas no ambiente escolar e na vida pessoal. Por meio das narrativas, as professoras mostraram-se envolvidas por uma cultura cristalizada e fortemente segmentada, reafirmando em vários momentos a valorização da mulher como mãe e esposa, priorizaram a família, bem como os atributos de vocação e afeto foram conferidos à profissão docente, residindo aí ainda um dos campos de maior conflito para as mulheres na contemporaneidade. As narrativas, que iluminaram as relações, as práticas e experiências que atravessaram e compuseram a tese, poderão contribuir com a história da educação local, assim como na constituição da identidade docente, engendrando o fortalecimento das raízes da cidade de Itaporanga.

**Palavras-chave:** Memórias docentes. Narrativas. Gênero. História da Educação.

## ABSTRACT

FERRAZ, Sandra Antonia Convento de Moura. Beautiful Rocks can speak! Memories, narratives and experiences of teachers from Itaporanga, state of São Paulo-Brazil. 2018. 186f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2018.

This thesis materializes the study carried out with six retired teachers, with age about 80 years, who taught in a city in the inland of the state of São Paulo-Brazil, from the middle of the twentieth century to its end. This research aims to reconstruct the history of education and teaching in Itaporanga, state of São Paulo, through the memory of these teachers. The beautiful rocks, as the participating teachers have been called, spoke in a space created for listening and opening, in which was revisited their memories and presented them in the form of narratives. The used methodology is based on the narrative research, which is the study of the experience as history, which makes it possible to know personal and singular voices, almost always silenced by the dominant narrative, in several contexts of research and of the professional and personal work. The importance of oral and written narratives reveals experienced aspects of the day-to-day life to which one might not have access if not by the act of narrating. The narratives that have emerged from the present research enhance the creation of knowledge and meanings for the practices of many teachers who are working nowadays, and may lead them to think about the compound memories of teaching and didactic practices that were constant in a given time place. By providing conditions for the teachers to tell the stories of a past day-to-day life, of a school that served as an educational model of an era, it was possible to reflect on women in their multiple life experiences, formation and teaching activities, enabling analyzes that indicate the way of conceiving teaching, experiences and education is permeated by factors that go beyond the exclusively pedagogical work, recognized in the amplitude that is based on the day-to-day experiences lived in the school environment and personal life. The teachers revealed, through the narratives, to be involved in a crystallized and strongly segmented culture, restating in several moments the appreciation of the woman as mother and wife, prioritizing the family, as well as embodying the attributes of vocation and affection to the teaching profession, which shows this is still one of the fields of great conflict for the women in the contemporaneity. The narratives which enlightened the relationships, practices and experiences have crossed and formed this thesis shall contribute to the history of local education as well as to the constitution of the teaching identity, generating the development of the roots of the city of Itaporanga, state of São Paulo-Brazil.

**Key-words:** Teaching memories. Narratives. Gender. Experience. History of Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 ENTRE ENCONTROS, CHÁS, AROMAS, DELÍCIAS E HISTÓRIAS: PERCURSOS DA PESQUISA</b> .....	18
2.1 APROXIMAÇÕES.....	21
2.2 O PRIMEIRO GRUPO FOCAL: UM CHÁ DA TARDE DE OUTONO.....	23
2.3 ESCLARECIMENTOS SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA: COMBINADOS COM O GRUPO.....	31
2.4 O SEGUNDO GRUPO FOCAL: UM CHÁ DA TARDE DE VERÃO.....	32
<b>2.4.1 Experiências com registros</b> .....	37
2.5 A HISTÓRIA DE ITAPORANGA.....	42
<b>3 AS PEDRAS BONITAS: SUAS HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO</b> .....	47
3.1 PEDRA ESMERALDA.....	47
<b>3.1.1 Uma experiência especial</b> .....	57
3.2 PEDRA SAFIRA.....	58
3.3 PEDRA AMETISTA.....	61
3.4 PEDRA DIAMANTE.....	66
3.5 PEDRA RUBI.....	68
3.6 PEDRA TOPÁZIO.....	70
<b>4 EXPERIÊNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO</b> .....	72
4.1 A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO.....	76
4.2. “ERA POR VOCAÇÃO, UMA MISSÃO...”.....	84
4.3 ANJOS, SANTAS E MARIAS: MULHERES E A RELIGIÃO.....	86
4.4 AS MARCAS DA IDADE NAS MEMÓRIAS DOCENTES.....	90

<b>5 A EDUCAÇÃO EM ITAPORANGA: MULHERES, PROFESSORAS E PEDRAS .....</b>	<b>93</b>
5.1 PEDRA ESMERALDA, "MINHA VONTADE ERA SER PROFESSORA".....	93
5.2 O LEMBRAR E O ESQUECER DA PEDRA RUBI.....	97
5.3 PEDRA AMETISTA, "FOI UM PRESENTE QUE CAIU DO CÉU".....	99
5.4 PEDRA DIAMANTE, "SOFRI NO SÍTIO".....	106
5.5 PEDRA TOPÁZIO, "SÃO TANTAS HISTÓRIAS...".....	106
5.6 OS DITOS "NAQUELE TEMPO/NAQUELA ÉPOCA".....	107
<b>5.6.1 As tantas memórias, cabedal infinito de fragmentos.....</b>	<b>108</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE A – CONVITE PRIMEIRO ENCONTRO.....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE B – CARTA/ FORMULÁRIO.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO ENCONTRO.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>170</b>
<b>APÊNDICE F – AUTORIZAÇÃO PARA USO DE MAGEM.....</b>	<b>172</b>
<b>ANEXO A – HISTÓRIA DE ITAPORANGA.....</b>	<b>173</b>
<b>ANEXO B– NARRATIVA ESMERALDA.....</b>	<b>176</b>
<b>ANEXO C– NARRATIVA AMETISTA.....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXO D – NARRATIVA RUBI.....</b>	<b>184</b>
<b>ANEXO E – NARRATIVA TOPÁZIO.....</b>	<b>186</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Peço licença à ciência para escrever de forma poética, da maneira livre que encontrei para criar os primeiros rascunhos que se tornaram narrativas significativas com as quais experimentei o mundo e apresentei as vivências que me constituíram como mulher em minhas múltiplas facetas.

Certo dia, percorrendo os caminhos da escrita e digamos que perdida em meio às tentativas de acertos pela forma não acadêmica, que me proporcionasse maior liberdade para que os pensamentos fluíssem e se transformassem em palavras, tropecei nos versos de Clarice Lispector (1999), e neles encontrei explicações para meus rabiscos. Percebi que não estava sozinha. Como ela, penso que escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria vida.

Sinto que não estou escrevendo ainda. Pressinto e quero um linguajar mais fantasioso, mais exato, com maior arroubo, fazendo espirais no ar. Talvez essa seja a justificativa, desnecessária, porém importante, desse tipo de trabalho pelo qual me aventurei. Contudo, penso também que escrever é algo perigoso, pois podemos mexer no que está oculto e foi o que me aconteceu ao escrever a tese.

Pois bem, aqui estou para escrever, contar a vida de seis mulheres, professoras aposentadas da cidade de Itaporanga, no interior de São Paulo, palco da presente pesquisa, que exerceram a profissão docente entre os anos de 1950 a 1990 – uma parcela dessas vidas, é claro, e somente aquilo que elas quiseram revelar –, pois “a vida se vive para poder contá-la (alguns povos a cantam) ao mesmo tempo em que criamos nossos contos para dar sentido à vida.” (FERRER CERVERÓ 1995, p.188). Por considerar a importância das trajetórias de mulheres que viveram mais de um terço de suas vidas em escolas, ensinando, enfrentando desafios, percalços, tempo em que desempenharam diferentes papéis e assumiram o lugar de professoras, e que hoje vivem a fase da velhice, desfrutam das lembranças, de suas memórias, nada mais justo que essas histórias se constituam em objeto de estudo de uma tese, como histórias que merecem ser narradas.

Nesta pesquisa, busco acessar as memórias e ouvir as histórias das professoras da cidade de Itaporanga tomando-as como parte da constituição dessas mulheres. Perspectiva que me permite compreender o processo de formação das mulheres professoras numa cidade do interior de São Paulo; sua relação com a

dinâmica das relações sociais que perfazem a vida da cidade numa determinada época, bem como fortalecer as raízes locais da referida cidade. Espero com isso não apenas manter viva a história dessas mulheres, por meio do resgate e compartilhamento de suas memórias, mas contribuir com a formação/constituição dos novos professores, por meio do compartilhamento das experiências vividas por elas.

As protagonistas da pesquisa são professoras aposentadas, com idade aproximada de 80 anos, ou mais, que exerceram a docência na cidade de Itaporanga, SP, a partir de meados do século XX, de 1950 a 1990.

Os caminhos percorridos para narrar as histórias dessas seis professoras aposentadas, ouvir suas memórias, ressignificar suas trajetórias docentes, e registrar suas vidas, deu-se por meio da Pesquisa Narrativa. Tal modalidade de pesquisa considera a experiência de vida como história, onde as histórias de vida serão trazidas não como parte da pesquisa, mas como a própria pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Destaco dois encontros realizados em formato de chá da tarde, utilizando como procedimento metodológico o grupo focal que, segundo Gatti (2005, p.449), se define como “[...] um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é o objetivo da pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”.

A possibilidade de ouvir, narrar, relatar, recontar, criar e reconstruir de forma narrativa e singular as histórias das mulheres professoras é o que me atraiu e atrai neste procedimento metodológico.

Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado, que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho e muito belo seria dizer, a nossa luta (BOSI, 2013, p. 69).

Ao proporcionar às professoras o tempo propício para o ato de narrar suas vivências, também lhes foi possibilitada a reconstrução da trajetória percorrida com novos significados. “Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode-se transformadora da própria realidade.” (CUNHA, 1997, p. 187).

Benjamin (1994), em suas análises acerca da experiência da narração, diz que são cada vez mais raras as pessoas que sabem bem narrar, em virtude do fato de que a experiência se torna cada vez mais rara e pouco importante, de modo que a experiência da arte de narrar estaria em vias de extinção. A causa desse declínio da narrativa, segundo o autor, reside no excesso de informação: se somos ricos nesse aspecto, somos igualmente pobres em histórias surpreendentes. Tudo nos chega muito explicado, quase nada está a serviço da narrativa e sim a serviço da informação, empobrecendo cada vez mais a narrativa e a experiência.

Ao optar pela coleta das narrativas orais das professoras, creio que busco me aproximar da crença de Benjamin de que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores e, ao transformar essas narrativas em textos escritos, também me apego à concepção de que, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Portanto, narrar as histórias das professoras e apresentar suas narrativas escritas nesta tese é exercer aquilo que Benjamin afirma: “quem escuta uma história está em companhia do narrador, mesmo quem a lê partilha dessa companhia.” (BENJAMIN, 1994, p. 213).

Narrar essas experiências, trazendo a cidade de Itaporanga, palco dos acontecimentos, me remete ao que Larrosa (2002) diz acerca da experiência enquanto formadora e transformadora, que embora ela seja aquilo que nos toca em tudo que nos acontece, não é apenas um acontecimento em si, mas implica tudo que acontece em minhas palavras, em minhas ideias, em minhas representações e que somente em mim ocupa seu lugar. Isso pode acontecer, segundo ele, ao experienciar a cidade, a escola, e até mesmo o quintal da casa, possibilitando-me a pluralidade de experiências.

Esse olhar sobre a cidade, na intenção de entendê-la, facilita a compreensão dos motivos que me levaram a realizar os chás da tarde, produzir cada caixinha de lembranças, pensar em cada detalhe dos encontros, zelar para que cada coisa ocupasse seu lugar naquelas mesas, enfim, todos os cuidados que tive, envolvidos pela atmosfera de cidade pequena, interiorana, onde as pessoas costumam sentar-se à beira das calçadas aos finais de tarde e contar suas histórias. Busquei deste modo, com os chás da tarde, recuperar um modo de conversação familiar para as professoras, de modo a que elas se sentissem à vontade para falar.

Trouxe a história da cidade de Itaporanga por acreditar na importância de lhe dar visibilidade e também, como afirma Bosi (2013), porque a cidade não se define apenas por seus termos visuais, mas por todos os outros componentes que são vitais para seus habitantes e que participam da familiaridade, por meio da qual alcançam equilíbrio e segurança.

As transformações do espaço urbano também podem ser acompanhadas pelas histórias de vida das professoras, razão pela qual “A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma.” (BOSI, 2013, p. 75).

Trazer histórias de professoras e dos lugares é remexer em memórias. Tal conceito, no sentido original do termo, refere-se aquilo que uma pessoa guarda como resultado de suas experiências, sendo seletiva, pois ela funciona como um acervo de situações que nos foram significativas, não como um depósito de tudo que nos acontece. De forma poética e metafórica, como trazem os livros de literatura infanto-juvenis, a memória é algo que você se lembre, é algo quente, algo bem antigo, algo que o faz rir, algo que vale ouro (FOX, 2013). Ou aqueles onde, entre o lúdico e o real, as palavras dizem: “Memórias são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte” (LOBATO, 2011, p. 12). Ou ainda como é trazida em livros de autobiografias, que nos remetem às reflexões, embora seus autores pareçam estar desprendidos de qualquer preocupação conceitual, como assinala Buarque (2009, p. 41).

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto.

Se no início me preocupei com a ausência de documentos das memórias das professoras, aos poucos compreendi que a memória sendo entendida como socialmente construída, toda documentação também o é e não há diferença fundamental entre fonte escrita e oral “Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta.” (POLLAK, 1992, p. 207).

Ao convidar as professoras a revisitar suas memórias e registrar suas histórias, possibilito uma compreensão do modo de ser do indivíduo e do contexto social de sua profissão; todavia, não como realmente existiu, mas como estes próprios sujeitos os reconstruíram e às suas experiências passadas (BOSI 2004).

Pelas memórias dessas professoras, as quais falam de como foi ser professora, mulher, se tornar mulher e profissional, entramos em contato com todo um contexto histórico, social, político, educacional, pois é este contexto que está presente em suas falas. Assim, não são apenas histórias individuais, falam de muitos e por muitos outros que participaram dessa constituição.

A estrutura da tese apresenta diálogos entre as narrativas das professoras e os aportes teóricos que sustentam os posicionamentos:

O capítulo intitulado “Percurso da pesquisa: entre encontros, chás, aromas, delícias e histórias” traz a metodologia da pesquisa narrativa e os percursos adotados. Por considerar a pesquisa numa perspectiva dialógica, na qual o conhecimento é construído na inter-relação entre os sujeitos e a aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de conhecimento, oportunizou-me adotar a técnica do grupo focal. De acordo com segundo Gatti, o grupo focal

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (GATTI, 2005, p.11).

Trabalhar com a proposta do grupo focal realçou as concepções quanto à constituição dos sujeitos, visto que esta se dá através dos outros, nas relações sociais, no coletivo.

Já no capítulo “As Pedras Bonitas: suas histórias de vida e formação”, narro as histórias das Pedras Bonitas<sup>1</sup>, suas histórias de vida, formação e experiências.

---

<sup>1</sup> Pedras Bonitas: modo como denominei as professoras, valendo-me da crença popular de que Itaporanga, em Tupi-Guarani, significa "pedra bonita".

De forma narrativa, materializo e apresento as histórias de cada pedra bonita, construindo cada história, amparada nas narrativas orais e escritas presentes nas transcrições dos dois encontros e nos demais apêndices. Este capítulo é o ponto de partida para, posteriormente, trabalhar com os recortes de suas narrativas à luz dos referenciais teóricos que dialogam com as temáticas colocadas por elas.

Por fim, em “Experiência, Gênero e Educação”, debruço-me sobre estes conceitos considerando sua relevância na tese a partir das narrativas trazidas. Apresento o processo de feminização do magistério, bem como as questões ligadas à história das mulheres, suas condições de trabalho, as lutas por visibilidade, igualdade, resistências, superação, sua construção histórica, social e cultural, que me colocam a pensar nas relações de poder estabelecidas e seus impactos na constituição da profissão docente, como narradas pelas pedras bonitas, quanto aos desafios daquela época. Apresento também suas experiências como pedras que se constituíram nesse cenário educacional, representadas como pequenos fragmentos de memórias, porém não menos significativos, que permearam o modo de constituir-se professora e mulher.

Nas considerações finais, retomo aspectos trabalhados destacando a importância de propiciar condições para que as professoras contassem as histórias de um cotidiano passado e assim refletido sobre a mulher em suas múltiplas experiências de vida, formação e fazeres docente. Com isso me foi possível analisar que o modo de conceber a docência, as experiências e a educação transcendem o fazer exclusivamente pedagógico, reconhecido na amplitude que se funde nas experiências cotidianas vividas no ambiente escolar e na vida pessoal. Diante desse cabedal de tantas memórias, narrativas, experiências dessas mulheres-professoras-pedras, concluo que a pesquisa abriu possibilidades de contribuições para a construção da história da educação de Itaporanga, assim como com o processo de constituição da identidade docente.

## **2 PERCURSOS DA PESQUISA: ENTRE ENCONTROS, CHÁS, AROMAS, DELÍCIAS E HISTÓRIAS**

Ao realizar a pesquisa, como em todas as pesquisas acadêmicas, tive que optar por um percurso, refletir sobre as escolhas, caminhos a serem percorridos e os riscos envolvidos.

Tomando o dizer de Garcia (1996), ao realizar nossas escolhas é inevitável o risco, e nada nos garante o resultado do caminho escolhido que, “só parcialmente, e muito parcialmente, depende de nós.” (GARCIA, 1996, p. 62).

Por se tratar de pesquisa narrativa, é preciso entender que a vida “é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço e refletidos e entendidos em termos de unidades narrativas e descontinuidades.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 48).

Segundo os autores, na pesquisa narrativa as pessoas são vistas como corporificação de histórias vividas, encaradas como vidas compostas que constituem e são constituídas por narrativas sociais e culturais, que conseguem compor novas histórias para o tempo e lugar presentes, sendo possível puxar o fio da história e recontá-la, transformando-a e nos transformando. Nesse sentido, ela se destina ao entendimento e à composição de sentidos da experiência. “Usar a pesquisa narrativa é um caminho, acreditamos que o melhor, para pensar sobre a experiência” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 119).

A importância das narrativas orais e escritas das professoras revela facetas vividas no/do cotidiano, às quais talvez não tivéssemos acesso se não pelo ato do narrar. Suas narrativas potencializam a criação de conhecimentos e significados para as práticas de muitos professores hoje em exercício, levando-os a refletir sobre as memórias compostas que um dia foram práticas pedagógicas e didáticas constantes em um determinado tempo/lugar.

Sobre a importância do narrar-se como prática constitutiva de nossa identidade, Thomson (1997) diz que, por meio do processo de contar histórias para nós mesmos, sejam elas histórias reais ou fantasias, secretas ou não, ou ao contar histórias para outras pessoas no convívio social, “[...] identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser no futuro”. (THOMSON, 1997, p. 24).

Para Mello (2016, p. 30), viver uma experiência e a narrar, refletir e compor sentidos sobre ela e compor sentidos “[...] sobre o processo de aprendizagem e sobre um pouco do que vivemos em nossa paisagem educacional” é fazer pesquisa narrativa.

Os autores Clandinin e Connelly (2004) afirmam que é pela história que as pessoas conseguem adentrar no mundo e suas experiências sobre o mundo são interpretadas de forma significativa. Para os autores, o fenômeno da pesquisa narrativa é a própria narrativa.

Os textos de campo, ou seja, a escrita de diários, as fotos, cartas, conversas, entrevistas ou outros tipos de registros da experiência, tornam-se um processo de produção de sentidos que remetem à *interpretação ou análise narrativa*, ao invés de *análise da* narrativa. Os textos de campo, segundo Connelly e Clandinin (2011), não são construídos com intuito reflexivo, pois eles estão muito próximos da experiência; eles têm qualidade de registro seja auditivo ou visual, além de vasto e rico potencial de pesquisa que, posteriormente, é utilizado para a produção dos textos de pesquisa.

Nessa perspectiva, defendo a pesquisa narrativa como recurso metodológico por possibilitar conhecer vozes pessoais e singulares, quase sempre emudecidas pela narrativa dominante, em diversos contextos de pesquisa e de nosso fazer profissional e pessoal. “Além disso, os participantes de pesquisa podem ter a oportunidade de refletirem sobre suas experiências e de terem suas perspectivas honradas e publicadas.” (MELLO, 2016, p. 44).

Baseada nesses procedimentos, vali-me dos recursos materiais que garantissem a qualidade e a coleta de narrativas, que se tornaram textos escritos, eles próprios narrativas, construtores de uma história que, a partir de agora, ficará documentada.

Tomei a narrativa como o melhor modo de abordar e entender a experiência das professoras, lembrando que “Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela [...]” (CONNELLY; CLANDININ, 2011, p. 48).

Se a pesquisa narrativa é o estudo da experiência como história, e o caminho para se pensar essa experiência, “Trabalhar com a metodologia da pesquisa

narrativa é adotar uma visão particular da experiência como fenômeno estudado.” (CONNELLY; CLANDININ, 2004, p. 477).

A pesquisa narrativa não descreve um passado, um presente e um futuro das pessoas ou mesmo os eventos como foram ou aconteceram; ela considera que cada pessoa teve um certo tipo de história, [...] associada com um comportamento e em determinado e singular presente ou ações que possam parecer projetadas de forma particular no futuro. (CONNELLY; CLANDININ, 2004, p. 7). Assim, são consideradas as condições pessoais e sentimentos dos participantes, atentando para suas expectativas, desejos e esperanças. “Esse aspecto aponta ainda para as ‘condições existenciais’, nas quais a pessoa vive suas experiências.” (MELLO, 2016, p. 31).

Mello (2016) chama atenção ao movimento que a pesquisa narrativa faz ao dar atenção para a condição social e pessoal de cada pessoa e a como cada uma vive uma experiência como forma de com ela compor sentidos.

Para que as narrativas ganhassem sentido e fossem potencializadas como processo de formação e de conhecimento, tendo sua base existencial fundamentada na experiência, aventurei em uma viagem de descobertas pelos caminhos da memória e narrativas femininas, levando em consideração, segundo Braga (2002, p.43), que “o sujeito e sua memória constituem-se nas práticas sociais, na teia do discurso, no processo inescapável de produção de sentidos”, fortalecendo a constituição em termos de narrativa.

Ao analisar a constituição da memória em narrativas, a situação em que elas aconteceram merece ser considerada, pois se trata da narração de lembranças em encontros realizados nos chás da tarde entre professoras que não se viam há anos e que tiveram uma aproximação, embora vivam na mesma cidade. “Não são simplesmente narrativas. São narrativas que emergiram em uma situação de pesquisa, durante uma entrevista.” (BRAGA, 2002, p. 57).

Descrevo a seguir as opções feitas e os caminhos percorridos que integram o percurso metodológico que me possibilitou a construção deste trabalho.

## 2.1 APROXIMAÇÕES: BREVE BIOGRAFIA DAS PROFESSORAS

Inicialmente os convites foram enviados para 12 professoras e apenas seis delas atenderam a solicitação e participaram da pesquisa.

Apresento abaixo breve perfil biográfico das professoras, observando que todas elas estudaram e trabalharam em escolas públicas.<sup>2</sup>

### **Pedra Topázio**

Nasceu no dia 23 de outubro de 1940 na cidade de Sengés PR. Seu pai cursou até o quarto ano primário e sua mãe até o terceiro ano primário. Teve cinco irmãos. É casada. Tem quatro filhos, 10 netos e 11 bisnetos. Ingressou na primeira série aos sete anos. Cursou o ensino primário no “Grupo Escolar<sup>3</sup> Tomé Teixeira”, na cidade de Itararé. Cursou o ensino ginásial na E.E. “Dr. Epaminondas Ferreira Lobo”, na cidade de Itararé. Cursou o magistério na E.E. “Dr. Epaminondas Ferreira Lobo”, na cidade de Itararé. As escolas públicas em que ministrou aulas foram: E.E. “Tomé Teixeira” (Itararé), bairro Samambaia, E.E. “Epitácio Pessoa”, E.E. “Dr. Epaminondas Ferreira Lobo” (Itararé), Escola Dom Athanázio Merkle (Itaporanga), E.E. Herculano Pimentel (Itararé), E.M. “Cel. Vicente Russo do Amaral”, bairro Cerrado (Itararé), E.E. “Lázaro Soares (Riversul).

### **Pedra Esmeralda**

Nasceu na cidade de Itaporanga SP no dia 17 de fevereiro de 1935. Seu pai era analfabeto e sua mãe havia cursado o primeiro ano primário. Teve dois irmãos. É solteira. Não tem filhos. Ingressou na primeira série aos oito anos de idade. Cursou o ensino primário no “Grupo Escolar de Itaporanga”. Cursou o primeiro ano do ensino ginásial no “Ginásio Estadual de Carlópolis” (interior do Paraná) e concluiu o curso no “Ginásio Estadual Governador Jânio Quadros” em Itaporanga SP. Cursou

---

<sup>2</sup> Na cidade de Itaporanga, a primeira escola privada surgiu nos anos 90 do século XX.

<sup>3</sup> Os grupos escolares foram criados no estado de São Paulo em 1893, a partir da reunião de escolas isoladas agrupadas pela proximidade, eram obrigados a adotar o tipo de organização e método de ensino das escolas-modelo do estado. Foram instalados no estado de São Paulo em prédios construídos especialmente para atender a demanda, contava com professores formados pela Escola Normal de São Paulo e com materiais didáticos abundantes, resultando na qualidade dessas escolas que serviam de referência, se comparado à situação das escolas de primeiras letras, predominantes no regime monárquico. (SOUZA, 2009).

o Magistério na “Escola Normal de Itaporanga”. As escolas públicas em que ministrou aulas foram: escolas isoladas da “Fazenda Monções”, bairro Lageado, bairro dos Silvas, bairro dos Campos e bairro Rio Verde, município de Itaporanga. Se aposentou no ano de 1997.

### **Pedra Diamante**

Nasceu na cidade de Itaporanga SP no dia 05 de junho de 1929. Seus pais não frequentaram a escola, eram analfabetos. Teve sete irmãos. É viúva. Tem 10 filhos e 17 netos. Ingressou na primeira série aos sete anos de idade. Coursou o ensino primário no “Grupo Escolar de Itaporanga”. Coursou o ensino ginásial no “Ginásio Estadual de Itapeva”. Coursou o Magistério na “Escola Normal de Itaporanga”. As escolas públicas em que ministrou aulas foram: bairro Rio Verde, Ribeirão Branco, bairro Maria Nogueira, Samambaial, bairro Capituva, bairro Maria Julia, Riversul (Ginásio), Epitácio Pessoa, Barão de Antonina, Cel. Vicente Russo do Amaral.

### **Pedra Rubi**

Nasceu na cidade de Itaporanga SP, no dia cinco de novembro de 1936. Seu pai era semi alfabetizado e sua mãe era analfabeta. Teve cinco irmãos. É casada. Tem quatro filhos e sete netos. Ingressou na primeira série aos oito anos de idade. Coursou o ensino primário no “Grupo Escolar de Itaporanga”. Coursou o ensino ginásial e o Magistério na E.E. “Epitácio Pessoa”. As escolas públicas em que ministrou aulas foram: Escola Estadual “Epitácio Pessoa”, município de Itaporanga, escola do bairro dos Soares, no município de Piedade (interior de São Paulo).

### **Pedra Safira**

Nasceu na cidade de Itaporanga SP no dia cinco de agosto de 1936. Seus pais cursaram o ensino primário. Teve oito irmãos. É solteira. Não tem filhos. Ingressou na primeira série aos sete anos. Coursou o ensino primário no “Grupo Escolar de Itaporanga”. Coursou o ensino ginásial na “E.E. “Epitácio Pessoa”. Coursou o Magistério na “E.E. “Epitácio Pessoa”. As escolas públicas em que ministrou aulas

foram: bairro Maria Júlia, bairro Santo Antonio, bairro Cruzeiroinho, Taboão da Serra, E.E. Epitácio Pessoa. Se aposentou no ano de 1983.

### **Pedra Ametista**

Nasceu na cidade de Itararé SP no dia 16 de março de 1940. Seu pai não concluiu o ensino primário e sua mãe cursou o ensino primário completo. Teve sete irmãos. É viúva. Tem três filhos e oito netos. Ingressou na primeira série aos sete anos. Cursou o ensino primário no “Grupo Escolar Tomé Teixeira”, na cidade de Itararé. Cursou o ensino ginásial na E.E. “Dr. Epaminondas Ferreira Lobo”, na cidade de Itararé. Cursou o magistério na Escola Normal da E.E. “Dr. Epaminondas Ferreira Lobo”, na cidade de Itararé. As escolas públicas em que ministrou aulas foram: Grupo Escolar do Distrito da Barra do Chapéu (Apiaí SP), “Grupo Escolar Cel Vicente Russo do Amaral”, Escola Normal de Itaporanga, escolas isoladas nos municípios de Itapeva e Itararé. Aposentou-se no ano de 1987.

## **2.2 O PRIMEIRO GRUPO FOCAL: UM CHÁ DA TARDE DE OUTONO**

Ao adotar o procedimento de Grupo Focal, a realização do Chá da Tarde foi adotada como uma estratégia para reunir as professoras e dialogar com elas sobre algumas questões que fariam parte da tese num ambiente mais favorável para isso, como explicitado na Introdução.

Portando uma caixa de papelão com doze convites decorados com flores e laços de fitas, e o termo de consentimento livre e esclarecido em anexo, com grande ansiedade fui ao encontro delas. (APÊNDICE E, p.170).

A primeira professora convidada foi a Pedra Rubi que concordou em participar e disse que, se estivesse com boa saúde no dia, iria comparecer para contribuir com a tese.

A experiência vivida com a entrega do convite à Pedra Rubi foi suficiente para eu perceber que as próximas visitas não seriam tão simples e nem tão rápidas.

Ao deixar a casa da professora, estava inquieta e feliz com as histórias dos tempos de escola daquela mulher.

O segundo convite foi entregue à Pedra Safira. Surpresa com a visita, ela mostrou-se muito feliz e disposta a comparecer ao encontro, sugerindo nomes de outras professoras que podiam colaborar com a tese.

E lá estava eu diante de mais uma experiência: ouvir as histórias dessa professora e as trajetórias percorridas por ela no exercício da docência em umas poucas horas de visita, narradas com muito entusiasmo. Ela convidou para conhecer sua casa, o quintal, as árvores frutíferas e contou que cuida de todo aquele espaço sozinha e faz questão de que tudo esteja sempre bonito e bem cuidado.

O primeiro dia de entrega dos convites foi então finalizado, e o que eu mais desejava era voltar para a casa de minha mãe, relatar tudo que tinha ouvido, temendo deixar cair no esquecimento as histórias e sensações vividas junto daquelas mulheres especiais.

Ao iniciar as anotações, me dei conta de que, com as visitas realizadas naquele dia, algumas questões me instigavam: o que eu esperava encontrar naquelas mulheres? Que memórias esperava que elas me revelassem? Que corpos eram aqueles que o tempo desgastou, mas que mantinham vivas as lembranças e memórias em suas narrativas?

Na certa, como pesquisadora, pensei na surpresa que aquelas mulheres tiveram ao receber o convite e ao refletir sobre o exercício breve que fizeram sobre seus papéis de professoras. Mas a mais surpreendida naquele processo foi, sem dúvida, eu mesma.

\*

O dia seguinte amanheceu chuvoso, dificultando as visitas pela manhã, mas no período da tarde foi possível retomar a entrega dos convites.

A caixinha de papelão em minhas mãos parecia pesar bem menos, porém não era menor a ansiedade e expectativa pela entrega.

Era a vez de a Pedra Ametista receber o convite. Ela havia sido diretora da escola na época em que fui aluna no Ensino Fundamental. A elegância e a seriedade daquela pessoa eram lembradas por mim, bem como o receio do acesso à diretoria da escola, como em geral todas as crianças têm desse lugar.

Pedra Ametista imediatamente me reconheceu e lembrou com detalhes de meus familiares. Começamos a dialogar, e a conversa se estendeu por um bom tempo. Recordou que eu havia sido amiga de sua filha mais velha, já falecida, e os relatos da professora brotavam como se quisessem pular fora com muita pressa. Contava fatos de sua trajetória, de sua vinda para a cidade de Itaporanga, do processo de atribuição de aulas, do supervisor de ensino de sua escola, das organizações escolares. Diante das lembranças da professora, me parecia estar

perdendo uma rica oportunidade de gravar tudo que ouvia, pois na sua fala estavam presentes muitos temas possíveis de serem trabalhados na tese.

Ela ficou emocionada com tantas lembranças e as palavras tão bem expressas e os fatos trazidos por ela me deixaram impactada. Tinha, dentre os objetivos do trabalho, colher memórias de professoras, e, naquele momento, encontrava-me imersa em lembranças de um passado vivido por mulheres que me faziam pensar em minha própria condição atual.

As lembranças citadas pela Pedra Ametista fizeram com que eu viajassem em minhas memórias, a escola onde havia cursado o primário, o cheiro dos corredores encerados, as carteiras de madeira, os desfiles cívicos, o cheiro do pastel da cantina, o corrimão da escadaria que eu insistia em descer escorregando, enfim, lembranças que fizeram com que me despedisse e entrasse no carro emocionada.

Já era final de tarde, quase noite, quando nos dirigimos para a chácara onde reside a Pedra Esmeralda. Fui recebida por sua sobrinha, Sônia, que me cumprimentou e convidou para entrar e aguardar por sua tia.

A certeza de que as pessoas estão prontas para contar suas experiências foi confirmada assim que Pedra Esmeralda entrou na sala e, como que desfiando os fios de um novelo sobre sua vida, foi contando sobre sua formação, sua promoção no concurso público do estado de São Paulo, a experiência em lecionar na zona rural e lá permanecer até a aposentadoria.

Ela fez questão de relatar os motivos que a levaram a permanecer na zona rural, dizendo que foi por puro amor e que, mesmo tendo chances de dar aulas na cidade, preferiu permanecer naquele lugar.

Relatos sobre as dificuldades, percalços, organização de matrículas dos alunos, registros e documentações, visitas de supervisores, dinâmica da escola foram os assuntos sobre os quais a professora discorreu.

Aquela mulher tinha tudo registrado em sua memória. E minha insistência em interrompê-la, temendo que ela não voltasse a contar tudo novamente no momento da entrevista, de nada adiantava.

Finalmente despedimo-nos, e Pedra Esmeralda garantiu sua presença no encontro, dispondo-se a levar alguma coisa para o encontro, caso precisasse.

Já era noite, a chuva insistia em cair e o medo daquelas narrativas e impressões serem esquecidas fez com que eu me recolhesse cedo para o quarto e anotasse tudo.

No terceiro dia, a caixinha de convites estava quase pela metade, porém, ao abri-la, sentia pulsar a vida lá dentro, havia muita energia e afetividade depositada em cada um deles.

Chegou, então, a vez de entregar o convite à Pedra Diamante. Aquela mulher que, desde que tive as primeiras ideias sobre a tese e rascunhei o projeto de pesquisa, sabia que não poderia deixar de ouvir.

Aos 86 anos de idade, ela tinha sido minha professora de Geografia, e havia ministrado aulas por longos anos.

Da época em que fui sua aluna, lembrei-me das vezes em que a questionava sobre ter que fazer os mapas. Porém, me agradava ver a professora, com suas mãos pequenas e cheirosas, contornando com o lápis sobre aquelas folhas de papel de seda.

Pedra Diamante já aguardava pelo convite, pois sua nora, sendo minha amiga pessoal, havia comentado com ela. Conversamos muito sobre vários assuntos, e o que chamou a atenção neste diálogo foram os relatos de episódios envolvendo os gestores escolares e relações com seu marido, que também lecionara na mesma época. Contou como era a organização da sala de aula no porão da escola Coronel Vicente Russo e as reuniões pedagógicas. Teve uma ocasião em que ela havia esperado terminar a reunião para conversar com o diretor sobre assuntos da escola e que não foi um diálogo muito amigável, dizia ela.

A conversa com ela foi muito agradável e novas inquietações brotavam. Questões sobre o envelhecimento do corpo físico em relação à memória, as vivências registradas e outras esquecidas, os episódios da vida particular que merecem ser revelados, e a urgente necessidade em falar como se o tempo se esvaísse rapidamente. Eu sabia que eram questionamentos que uma tese não daria conta.

Uma colaboradora, por ser também professora aposentada e manter vínculos com as convidadas, ficou encarregada de entregar o convite à Pedra Topázio. As duas são vizinhas, o que facilitaria para mim que retornaria à Itaporanga somente no mês seguinte.

Convites entregues, emoções nunca antes experimentadas e novas expectativas sobre se aquelas mulheres compareceriam ao encontro marcado para o Chá da Tarde me moviam como pesquisadora.

Esperava que aquelas vidas, trajetórias e histórias iniciadas naqueles dias pudessem ter continuidade no dia do encontro, possibilitando às mulheres ocupar lugares como autoras, personagens e narradoras de si.

\*

Era um sábado de sol quente, dia lindo e céu azul quando as pedras bonitas se reuniram para um chá da tarde.

O motivo do reencontro não era apenas um casual chá da tarde entre amigas, atendia a um convite feito por mim, uma professora pesquisadora que desejava ouvi-las, proporcionando-lhes momentos de escuta de suas experiências.

Morando na mesma cidade, imaginamos que as amigas podiam se encontrar frequentemente, falar umas com as outras a todo tempo e estar sempre juntas, porém não era esse o cenário: algumas não se viam há anos, não se falavam nem por telefone e sequer sabiam como estavam suas amigas de juventude e profissão.

Na certa houve um preparo para as amigas comparecerem ao encontro, tal como para mim que, por já não morar na mesma cidade que as convidadas, precisei me deslocar 250 km, na véspera do dia marcado, para me juntar a elas, contando com a colaboração prévia de algumas amigas.

No dia do encontro, logo de manhã, fui até a escola estadual “Dona Elisa de Campos Lima Novelli” para organizar a sala onde receberia as convidadas.

Tudo preparado. A sala de aula estava acolhedora. As carteiras foram reunidas formando uma grande mesa central sobre a qual havia sido posta uma toalha branca. A lousa foi coberta com um cortinado de renda, e a mesa principal recebeu uma toalha em tom dourado que enriqueceu o ambiente.

No lugar onde sentariam cada uma das convidadas, além das xícaras e talheres, havia uma pequena recordação, uma caixinha customizada especialmente para elas. Alguns vasos de flores naturais foram distribuídos nas mesas, dando um ar de delicadeza ao ambiente.

Além de mim e das professoras convidadas, havia uma equipe de colaboradoras e cada uma ganhou uma atribuição naquela tarde. Elas pareciam felizes em contribuir com meu trabalho e demonstravam isso.

Os aparelhos para as gravações foram testados, os celulares carregados para garantir as gravações, caso houvesse alguma falha técnica.

A primeira a chegar foi Pedra Rubi, que entrou na sala sorrindo e me dizendo: “eu não poderia deixar de atender um convite desses”.

Em seguida, chegou Pedra Safira. Não demorou para que Pedra Diamante chegasse, acompanhada de sua nora. Pedra Esmeralda compareceu pouco depois, acompanhada de sua sobrinha. Pedra Ametista chegou quase junto com Pedra Esmeralda. A Pedra Topázio foi a última a chegar e me pediu desculpas pelo pequeno atraso e agradeceu o convite.

Estavam todas lindas, bem vestidas, cheirosas, vibrantes, falantes. E como falavam! Pareciam querer pôr em dia a conversa interrompida décadas atrás.

Algumas fotos foram feitas e, antes de iniciar as gravações, as amigas riram muito, trocaram receitas, falaram de filhos, netos, enfim, dos assuntos comuns sobre os quais amigas falam quando se reencontram.

Eu observava a conversa entre as amigas professoras e, ao perceber o momento oportuno para iniciar, já que estavam dialogando sobre o tema proposto para aquela tarde, convidei-as a refletirem sobre algumas temáticas que norteiam a pesquisa: a) Escolha da profissão: os motivos da escolha; b) Formação: como era a formação para a docência (falar sobre a formação continuada para exercer a profissão, como era a trajetória dessa formação, quais cursos eram oferecidos pelo estado/prefeitura/instituição); c) *Status* social: o exercício da profissão docente era reconhecido como trabalho ou condição social?; d) Gênero: como era ser profissional mulher naquela época? (cobranças, imposições, afazeres domésticos, preconceitos, remuneração, conciliar o trabalho com a família); e) Memórias docentes: relatar lembranças significativas/marcantes, tristes ou felizes, na trajetória profissional; f) Velhice: quais os impactos da docência na vivência da velhice (como essa experiência reflete nas ações e escolhas atuais); g) Relações: como se dava a relação dos professores com a direção e vice-versa, com os alunos e pais?; h) Narrativas:– principais dilemas, percalços e sucessos no exercício da docência.

Entre chás, aromas, delícias e narrativas, que foram emergindo das temáticas apresentadas ao longo do encontro, solicitei que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido.

As amigas estavam eufóricas e questionavam umas às outras sobre as datas de suas aposentadorias. Elas citaram datas, algumas com extrema precisão, e uma delas, Ametista, era minuciosa em detalhes como dia, mês e ano de ingresso,

remoção, aposentadoria – chamando atenção da amiga Rubi que comentava: “olha, elas ainda estão com as memórias boas.” (APÊNDICE C, 2015, p.134)

Ao falar sobre sua trajetória, Ametista conta às amigas que, no processo de remoção para a cidade de Itaporanga, sua expectativa era de que, na próxima remoção, fosse para sua cidade natal, Itararé. Porém, isso nunca aconteceu, ela se aposentou faz 29 anos trabalhando em Itaporanga. Sua amiga Diamante brinca: “já virou Itaporanguense”, e as amigas acham graça da conversa. Diamante pergunta à Esmeralda: “você lembra que nós íamos até o bairro dos Silvas juntas? Eu, você, a outra professora, e eu ainda dava aulas mais para frente ainda, dois anos dando aulas lá e quando chovia só faltava um bote para nos levar.” (APÊNDICE C, 2015, p.137). Se recorda do exame de admissão, que era necessário para ingressar no curso de segundo grau, antigo ginásio. Relata que, quando dava aulas de Educação Moral para o segundo grau, ensinava muitas coisas aos alunos, inclusive como sentar-se à mesa: “nas aulas de Educação Moral e Cívica elas aprendiam muita coisa, ajudava muito, mas depois tiraram.”

Dando sequência às lembranças de Diamante, Rubi faz referência ao modo de se vestir dos professores da época em que lecionavam, e diz não achar isso a característica mais importante para identificar um bom professor, mas que o profissional precisa ter atitudes e comportamentos que estejam de acordo com sua profissão e imponha o respeito. Ela diz não esquecer o cheiro de uma de suas professoras “sim... era diferente, tinham a gente como professora, até o cheiro, eu me lembrava do cheiro da Margarida, muitos anos.”

Diamante complementa a fala de Rubi dizendo que hoje os professores vão trabalhar de bermudas, camisa xadrez, chinelos e que acha muito descuido com a aparência.

Rubi continua lembrando com as amigas do processo de alfabetização de seus alunos: “elas [as crianças] iam em casa e iam no sítio a cavalo. Eu cheguei a pegar criança com dificuldades e alfabetizar em apenas seis meses.”(APÊNDICE C, 2015, p.141).

Uma característica notória em Rubi é a religiosidade e após suas amigas comentarem sobre suas trajetórias, mostrando-se satisfeitas com as conquistas, ela citava um verso bíblico como uma passagem do salmo que diz: “e todos nós podemos dizer, até aqui nos ajudou o Senhor, por isso estamos alegres!”

As amigas conversavam e viajavam nas lembranças do tempo vivido.

A tarde pareceu curta para as pedras bonitas compartilharem tantas experiências e, em meio às conversas de “comadres” e promessas de visitas e reencontros entre elas, desfrutavam dos quitutes e chás.

O clima era muito agradável e eu parecia não acreditar que tudo estivesse acontecendo daquela forma. Às vezes, as conversas chegavam a se truncar, pois todas falavam ao mesmo tempo, queriam narrar fatos e até ouvir minhas opiniões sobre determinados assuntos.

O grupo de amigas professoras era variado. O tempo todo predominavam algumas vozes mais que outras. Pedras Safira, Ametista e Esmeralda falaram bastante, e muita coisa se pôde saber delas. Quase nada se soube das Pedras Topázio e Diamante. Talvez tivessem a expectativa de que as colegas falassem menos e mais baixo e as deixassem falar, porém isso não aconteceu e as poucas coisas que soube foram por minha insistência que, em meio às falas das outras, dialogava com elas quase em particular.

Instiguei as professoras sobre algumas questões e todas disseram que, se fosse possível voltar no tempo, fariam tudo de novo, enfrentariam todos os obstáculos e dificuldades, pois estes serviram para o crescimento e base de suas carreiras. Afirmaram que fizeram tudo com muito amor e dedicação e defenderam a concepção de que a docência foi exercida como vocação.

Não foi tarefa fácil finalizar o diálogo, o que só foi possível com a promessa de que um segundo encontro aconteceria no ano seguinte, quando receberiam a transcrição das gravações daquele primeiro encontro e a foto coletiva que haviam tirado.

Todas receberam como lembrança uma caixinha de madeira decorada com pedrinhas adesivas coloridas e um pequeno bilhete contendo a frase do educador Paulo Freire: “as memórias de mim mesmo me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte”.

Despediram-se agradecendo e dizendo que aguardariam pelo segundo encontro.

A Pedra Esmeralda, ao sair, aproximou-se e me confessou que deixou de narrar várias situações importantes que gostaria de contar em outro momento.

Já era noite e terminei aquele dia com a impressão de ter proporcionado não somente um encontro entre professoras, mas um reencontro entre amigas; mulheres que precisavam falar de seus dilemas, suas lidas, seus anseios, seus feitos e

desatar alguns fios entrelaçados em alguns pontos, desfazendo alguns nós que estavam atados a um passado que por ora foi revisitado.

### 2.3 ESCLARECIMENTOS SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA: COMBINADOS COM O GRUPO

Após a finalização do encontro com as professoras, expliquei-lhes como funcionaria o processo de registro do material produzido e gravado durante o Chá da Tarde – este passou a ser o modo privilegiado de, com as professoras, me referir ao grupo focal.

A partir de então, teria que ouvir atentamente várias vezes a gravação, transcrever todos os diálogos na íntegra, todas as frases ditas, sem editar, ou seja, sem retirar nem acrescentar nada do que foi dito, inclusive manteria os vícios de linguagem.

Combinei que, em um próximo encontro, levaria o material para que elas conhecessem e se fosse necessária alguma alteração, assim faria.

Expliquei-lhes ainda que, após a transcrição, o material seria analisado juntamente com meu orientador e com sua aprovação incluiria aqueles temas recorrentes ou os diálogos e questões pertinentes a serem utilizadas na produção da tese, acrescentando que todo o material produzido era muito rico.

A professora Rubi, rindo, disse: “Eles vão rir muito, não vão?”. “imagina, vão amar tudo isso e vão valorizar muito”, respondi à ela. (APÊNDICE C, 2015, p.152)

Também combinamos que seus nomes e os das pessoas citadas por elas, serão substituídas por nomes fictícios para resguardá-las e mesmo se na revisão do material percebessem e desejassem retirar alguma fala do documento antes de ir para a tese, poderiam assim fazer.

Em relação aos nomes das professoras, estes poderiam ser substituídos pelos das pedras preciosas, se assim desejassem, para manter o sigilo de sua identidade.

Combinei que durante os dois próximos anos que tinha pela frente, me empenharia para produzir um material robusto que valorizasse os diálogos das professoras como pessoas e profissionais que devem ser lembradas por seus feitos, e assim suas memórias docentes ficariam registradas. Finalizei o encontro entregando uma lembrança a elas, uma pequena caixa de madeira customizada

com pedrinhas coloridas, na intenção de mostrar-lhes que são tão preciosas quanto as pedras bonitas.

E assim finalizei aquela tarde que já era noite, pois passava das 19h30.

Agradecimentos feitos, despedidas, abraços trocados, promessas de novos encontros, telefonemas, escolha de vasos de flores...

## 2.4 O SEGUNDO GRUPO FOCAL: UM CHÁ DA TARDE DE VERÃO

Como havia trabalhado com o material do primeiro encontro e percebido que algumas questões ainda precisavam ser aprofundadas, ou mereciam novas reflexões, pensei em uma estratégia que lhe favorecesse conseguir os dados que ainda faltavam para a construção de alguns tópicos da pesquisa. Para isso, criei um formulário investigativo que continha duas partes e que, juntamente com o convite para o Chá da Tarde, foi entregue em forma de uma carta anexa para cada professora. Nela, solicitava que elas preenchessem questões, como dados pessoais, data e local de nascimento, filiação e outras informações que comporiam o perfil de cada uma delas. (APÊNDICE B)

A segunda parte da “carta-formulário” entregue a elas continha sete questões para que elas respondessem e me entregassem no dia do encontro: a) Conte uma passagem que acha importante sobre sua trajetória docente; b) Narre sobre sua infância: como era sua família, a casa onde morou, bairro, cidade, o que gostava de fazer, quais brincadeiras gostava e/ou outras coisas que achar importantes; c) Traga algum tipo de registro (se tiver), por exemplo: cartas, bilhetes, cartões, fotos (até três fotos) que tenham um significado em sua trajetória como professora e escreva uma breve narrativa sobre eles; d) Quais são suas expectativas para o futuro? Tem algum sonho que ainda pretende realizar ou alguma situação que ainda não viveu e que gostaria de viver? e) Conte-me como é a sua rotina de vida atual. O que faz em casa? Participa de algum projeto ou grupo? Faz alguma atividade física? Desenvolve alguma outra atividade? Viaja? Lê? Fale o que achar relevante. f) Como tem sido o seu processo de envelhecimento? Fale um pouco sobre isso. g) Escolha uma Pedra Bonita que goste. Entretanto, foi dada a elas a opção de responder por escrito ou não, garantindo que nenhuma delas deixasse de ir ao encontro caso não preenchesse o formulário.

Esta estratégia facilitaria a coleta de dados e, de certa forma, auxiliaria na construção do perfil biográfico do grupo, bem como apresentaria escritos que poderiam contribuir com as colocações feitas no primeiro encontro.

O convite, estampado com um buquê de flores cor-de-rosa, uma xícara com chá e pires, um pedaço de bolo em um pequeno prato e um bule de chá, disposto sobre uma delicada toalha de crochê branca, enchiam os olhos daquelas que o recebiam.

A entrega dos convites foi iniciada num dia lindo de sábado, quente e ensolarado.

Topázio foi a primeira a receber, e abriu a porta de sua casa com um largo sorriso estampado em seu rosto.

Em seguida, me dirigi para a chácara de Esmeralda, e assim que me avistou, sorrindo, já sabendo o motivo da visita, aproximou-se e, após nos cumprimentar, conversamos por algum tempo.

Rubi estava na cozinha de sua casa preparando alguns quitutes quando eu e meus acompanhantes entramos, convidados e acompanhados por seu filho. A emoção e a ternura de Rubi foram logo externadas ao nos receber, assim como de todos os presentes, que não se continham em saudações e palavras carinhosas. Sentamos em volta de uma grande mesa de madeira e ficamos por algum tempo trocando conversas, falando de algumas pessoas de nossas famílias, já que todos se conhecem.

Ao receber o convite, Rubi mostrou-se emocionada e disse estar ultimamente muito sensível e chorona, e que se estivesse bem de saúde estaria presente.

“Que bom ver você menina!”, foi a frase usada por Safira ao me avistar quando a chamei pelo nome em seu portão. Ao abrir o envelope, elogiou o convite, achando-o muito bonito; mostrou para sua tia e sua sobrinha e disse que, se estivesse bem, iria ao encontro.

No mesmo dia, consegui ir até a casa de Ametista que, alegremente, insistiu para que eu entrasse para uma rápida conversa, na qual comentou que havia pensado na possibilidade de o segundo encontro ter acontecido e ela não ter sido convidada, visto que passara algum tempo desde o primeiro e, como havia sido combinado então, o próximo deveria acontecer ainda no ano seguinte.

O convite para Diamante foi entregue por sua nora, no entanto fiz questão de telefonar para ela informando todos os detalhes do próximo encontro.

Todos os convites estavam nas mãos das professoras, e agora era hora de pensar na segunda fase do encontro, organizar os preparativos, cuidar de todos os detalhes para receber as professoras, garantindo um ambiente agradável e acolhedor, afinal minhas pedras bonitas mereciam ser reconhecidas e tratadas como no primeiro encontro.

\*

Antes de darmos início ao segundo encontro, expliquei aos colaboradores o que esperava de cada um deles, para que minha atenção se voltasse somente para às professoras. Não poderia sequer ser consultada a respeito de o que fazer e quando, pois, a atenção estaria inteiramente voltada a tudo que as professoras dissessem, e eu estaria presente exclusivamente para conversar com cada uma naquele encontro. As demais atribuições caberiam a cada colaborador, e esperava que eles desenvolvessem bem suas tarefas para tudo acontecer tranquilamente.

Finalmente chegou o dia do encontro. Era uma quarta-feira chuvosa, como vinha sendo a semana toda. Logo pela manhã fomos até a mesma escola do primeiro encontro. Para minha surpresa, ao chegarmos lá, a sala onde aconteceria o encontro, a mesma onde aconteceu o primeiro, já estava limpa, lavada e encerada.

No centro da sala, formei uma grande mesa rodeada por oito cadeiras. Uma toalha branca de renda cobriu a mesa e nela foram dispostas as xícaras escolhidas uma a uma. Aos poucos, cada objeto foi ocupando seu lugar na mesa: xícaras, bules, açucareiros, taças, talheres, os vasos de flores com copo de leite amarelo, bolos, torradas, café, chás variados etc.

Topázio foi a primeira a chegar. “Que bom que a senhora veio!”, exclamei. Ela, em tom baixo e suave, agradeceu o convite, e caminhamos para a sala onde aconteceria o encontro. Conversamos durante alguns minutos, quando fomos surpreendidas pela chegada de Esmeralda e sua sobrinha que, adentrando a sala, disse: “eu não perderia isso tudo, não!”; rimos e nos cumprimentamos calorosamente.

As professoras foram convidadas a sentar, porém disseram que ocupariam um lugar na mesa principal somente quando chegassem todas as convidadas e, assim, acomodaram-se nas cadeiras dispostas no fundo da sala, conversando descontraidamente.

Quase ao mesmo tempo chegaram Rubi e Safira acompanhadas de uma neta de Rubi. Estavam perfumadas e mostravam-se alegres. “Estou com roupa de domingo”, disse Safira.

Caminharam para o fundo da sala.

As amigas trocaram abraços, falavam alto, gesticulavam, seguravam por alguns minutos a mão uma da outra, demoravam-se nos cumprimentos, sem pressa alguma.

A sala que, minutos atrás, contava apenas com carteiras, livros, cortinas e xícaras; agora, com a presença daquelas mulheres professoras, era tomada de vida, alma e vozes.

A chegada de Diamante, a mais velha dentre elas, foi anunciada em tom alto e admirado por uma das professoras, silenciando todo aquele falatório no fundo da sala.

Fui recebê-la, cumprimentá-la, acompanhando-a até as outras colegas, o que nem foi necessário, pois elas já haviam se deslocado para receber a colega, aguardando a vez para abraçá-la, trocar algumas palavras e dar-lhe as boas-vindas.

As colaboradoras e eu, naquele momento, pegas por um minuto de silêncio, somente contemplamos a cena, sem invadir o lugar das professoras que parecia não nos pertencer.

Faltava apenas uma para que o chá fosse iniciado. Mas poucos minutos depois, fui informada de que Ametista não poderia comparecer.

Iniciado o encontro, as professoras conversavam. O clima entre elas era agradável e aproveitei e convidei-as para ocupar um lugar na mesa principal.

“Boa tarde a todas! É uma imensa alegria recebê-las novamente para nosso segundo Chá da Tarde. E já que as senhoras estão sentadas, eu vou me sentar também.” Diamante brincou comigo, dizendo: “a dona da festa não pode sentar!”. E todas riram. As boas-vindas foram interrompidas pela voz de Esmeralda, que pediu para contar uma breve história às colegas, do tempo em que era diretora de escola de um bairro.

Retomando a conversa, disse a elas que as escolas estão repletas de histórias e as professoras são, ao mesmo tempo, as autoras, atoras e contadoras dessas muitas histórias, em um processo de produção de narrativas; e que, ao narrarem e serem narradas recriam sentidos do exercício da docência e da

escolarização e, nesse movimento, reafirmam ou reconstróem sua identidade coletiva profissional.

Ao contar histórias sobre a escola e suas práticas pedagógicas, sobre as aprendizagens dos alunos, os desafios e percalços enfrentados na carreira, as estratégias de ensino e de gestão escolar que adotaram e os ensinamentos que provocaram em anos de trabalho escolar, as professoras falam de si mesmas, de seus sonhos, de suas projeções e de suas realizações – aspectos importantes que integram a construção da tese.

Perguntei a elas se conseguiram realizar a proposta da carta-formulário, e reafirmei a necessidade da coleta de algumas datas e dados para a elaboração do perfil biográfico. Também firmei alguns combinados, propondo que ficassem à vontade, servindo-se como desejassem dos quitutes e chás, solicitando a presença das colaboradoras naquilo que precisassem. Todas disseram não ter ficado nenhuma dúvida.

“Como foi a experiência de escrever as narrativas?”, perguntei. Esmeralda rapidamente respondeu, dizendo ter gostado muito: “a gente sem querer fica voltando lá atrás, sente saudades.” Rubi disse não ter a memória boa como a das colegas, e teve dificuldades para recordar. “Eu não escrevi, prefiro falar” – disse Safira. (APÊNDICE D, p.162) O jeito descontraído da professora fazia suas colegas rirem. Já Diamante disse ter se lembrado de várias situações da época em que iniciou sua carreira na cidade de Riversul, mas como não escreveu iria contar alguma que lembrasse naquele momento.

A partir das questões levantadas anteriormente, elas conversaram sobre suas trajetórias como professoras, apontaram alguns desafios, percalços, narraram algumas histórias e se narraram como professoras em formação, assumindo a falta de experiência, de recursos materiais, de condições de trabalho e outros detalhes não comentados no primeiro encontro.

O segundo momento do Chá da Tarde foi marcado pela apresentação de alguns registros solicitados antecipadamente às professoras: fotos, cartões, bilhetes..., os quais ocuparam a maior parte do encontro, pois houve grande interesse das professoras pelo material.

Para dialogar com aquele momento, propus uma reflexão: entreguei a cada uma um pequeno objeto simbolizando um porta-joias, nele continha um pingente com uma pedrinha do Brasil, e solicitei a uma das professoras para realizar a leitura

da frase que acompanhava o porta-joias - “a pedra é parte e todo. Cada estilhaço pode tudo conter. Simboliza a dureza destruída e representa a construção possível. A beleza.” (Sonia Kramer). Dizia mais o cartão: você é a pedra bonita desse trabalho.

Perguntei sobre a pedra preciosa que cada professora gostaria de ser chamada na pesquisa, e as pedras escolhidas foram safira, rubi, esmeralda, topázio, diamante, ametista, conforme utilizado no corpo do texto.

Anunciando a finalização do encontro, entreguei a cada uma delas a lembrancinha do Chá da Tarde, uma caixinha transparente contendo vários sachês de chás de ervas, em cima dela uma pequena xícara em tom dourado, enlaçada por uma fita de cetim. Acompanhando a caixinha, havia um cartão com a frase de Ecléa Bosi: “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado, que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho e muito belo seria dizer, a nossa luta”.

As xícaras continuam a bater, vozes se cruzam, o cheiro do chá agora parece tomar conta da sala, e elas parecem não ter pressa em finalizar aquela tarde.

#### **2.4.1 Experiências com registros**

“Traga algum tipo de registro (se tiver), por exemplo: cartas, bilhetes, cartões, fotos que tenham um significado em sua trajetória como professora e escreva uma breve narrativa sobre ele.” (APÊNDICE B, 2017, p.133). Esta foi uma das propostas feitas às professoras na carta-formulário anexa ao convite, para que trouxessem no dia do segundo Chá da Tarde.

Perguntei então se tinham feito a “lição de casa”, o que as fez rir, pois a ideia de lição é muito peculiar à prática cotidiana de sala de aula entre professoras e alunos. As professoras responderam que sim e começaram a falar ao mesmo tempo, como se uma empolgação tomasse repentinamente conta do ambiente.

Topázio foi a primeira a se manifestar. Estava sentada na outra extremidade da mesa, em frente a mim, e chamou a atenção do grupo com um pequeno cartão recebido de alguns alunos no dia de seu aniversário. Datado de 23 de outubro de 1996, com um desenho infantil, no verso continha os dizeres que ela fez questão de ler ao grupo: “querida professora, te desejo um feliz aniversário, que Deus te

acompanhe em todos os caminhos da vida e que te de muita saúde e felicidade.” E terminava assim: “te amamos”.

Emocionada, Topázio dizia que sempre guardava os cartões e tudo que seus alunos lhe davam, mas as palavras sensíveis recebidas no cartão naquele determinado dia a motivaram a continuar tendo forças e a acreditar em seu trabalho. Disse que não se esquece dessas crianças, e que mesmo passados vinte anos pensa nelas como aquelas criancinhas que enviaram o cartão.

Safira disse que tinha em sua casa, porém não sabe onde foi parar, uma taça muito bonita que ganhou de seus alunos, com a escrita “eu e você”, mas que não tem o hábito de guardar nada, nem holerite.

Diamante trouxe “uma bagagem grande”, disse ela. Uma sacola com álbum de fotografias, recortes de jornais, cópias de documentos e diversas fotos. Solicitei que nos mostrasse o que quisesse, e ela começou com uma plaquinha com gravações de uma turma de formandos da 8ª série A, do ano de 1992, da Escola Cel. Vicente Russo do Amaral, homenageando-a. Ela fez questão de que eu lesse para o grupo ouvir. Em seguida, passou às minhas mãos outra placa maior, datada de 15 de julho de 1994, guardada dentro de uma caixa de veludo azul, que havia sido feita especialmente por sua família; não teve quem não se emocionasse ao ouvir a homenagem nela gravada.

E as professoras fitavam os olhos em Diamante, esperando ansiosas que daquela sacola tirasse mais coisas, quando então mostra uma fotografia bem antiga me dizendo: “essa é de família e muito importante para mim”. Na foto estavam ela, o marido, a filha mais velha e o primeiro neto. Rubi lhe pergunta quantos netos ela tem hoje e Diamante prontamente responde: “até hoje são 17 netos.”

Na última fotografia mostrada orgulhosamente por ela estavam seus 10 filhos juntos. Nesse momento, falando quase ao pé do meu ouvido, diz: “aqui ainda não faltava nenhum deles”.

Enquanto nós duas conversávamos e trocávamos detalhes sobre as fotos, as outras professoras conversavam sobre as outras fotografias que estavam passando em suas mãos. Elas estavam com o álbum que a Diamante levava e nas fotografias reconheciam pessoas, lembravam os eventos realizados nas escolas, detalhes das comemorações, dos gestores da época, de alguns alunos e suas famílias, das vestimentas, das pessoas que já partiram e da juventude de seus corpos e rostos.

Diamante, por fim, tira um volume grande de documentos impressos e me diz: “tudo que você quiser saber sobre Itaporanga está aqui. São documentos que eu duvido alguém ter. Vou te emprestar, mas quero de volta o mais rápido possível, isso aqui vale ouro. São informações históricas do município”.

Comprometi-me a cuidar daquele material com zelo e no dia seguinte devolver tudo como havia recebido, pois sabia o valor que havia naquilo tudo para ambas.

Diamante tira um envelope vermelho fechado, entrega e me diz: “este eu trouxe especialmente para você, guarde com muito carinho!”. O cartão impresso em papel fotográfico com sua fotografia é uma lembrança recebida no evento realizado em novembro de 2016, que homenageou vários professores da cidade de Itaporanga, e continha os dizeres *“Por sua história exemplar de vida profissional e pela inestimável contribuição dada à educação regional e à escola Cel. Vicente Russo do Amaral, nos anos em que exerceu o magistério, a homenagem dos participantes do IV Encontro dos Amigos de Itaporanga-SP.”* *“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”* (Cora Coralina).

O ambiente foi tomado por uma atmosfera diferente; era como se tivesse sido acesa uma luz em suas memórias, cada uma lembrava rapidamente de fatos ainda não ditos, se emocionavam, riam, a tonalidade de suas vozes não eram mais tão baixa como antes, houve uma aproximação entre elas, arrastavam as cadeiras para cá e para lá para verem juntas as imagens naquelas fotografias que passavam de mão em mão.

Percebi o movimento e emoções provocadas pelas imagens, resolvi deixar as professoras aproveitarem ao máximo o momento, pois a estratégia também havia de certa forma me surpreendido e aquelas fotografias também estavam narrando muitas histórias para as professoras.

Os lugares não eram mais os mesmos, uma passou a contar histórias para as outras e as imagens foram responsáveis por trazer à memória muitas delas.

Diamante contava histórias para Rubi. Safira, que não havia levado nenhum registro impresso, lembrava as amigas de detalhes que elas tinham dificuldade em recordar, e assim iam dando sequência às histórias e reconstruindo o passado vivido por elas naquela cidade. Quando tinham muita dificuldade em reconhecer alguém ou lembrar algum episódio ou fato, recorriam à Esmeralda, pois ela prontamente narrava com detalhes o que elas desejavam. Topázio ouvia as colegas com

admiração e contemplava atentamente as imagens das fotografias que tinha em mãos.

Esmeralda, que estava do outro lado da mesa, certo momento chamou minha atenção mostrando-me dois cartões. O primeiro, ela ganhara de uma professora amiga. Recebeu como lembrança de aposentadoria da colega de estudos e trabalho, que teve grande importância em sua vida pessoal e profissional.

Ela me pediu que a ouvisse atentamente, pois queria fazer a leitura do cartão datado de 3 de maio de 1997, e que continha os seguintes dizeres:

Quis o destino que nossas vidas seguissem sempre o mesmo caminho, quer no trabalho, quer em nossa vida social. Idealista, sonhadora, competente, amorosa e cheia da Luz de Deus, você sempre esteve presente nos bons e maus momentos de minha vida, me deu forças para superar os obstáculos. Aprendi com você o valor de uma amizade sincera. Amiga, é maravilhoso conviver com você. (ANEXO B, 2017, p.178).

Esmeralda me mostrou a fotografia do dia 10 de outubro do ano de 1944, que registra a abertura da semana da criança do Grupo Escolar de Itaporanga, na qual ela estava com 9 anos de idade, no primeiro ano escolar. Ela pediu para eu identificá-la na fotografia.

Com a fotografia em mãos, pedi para que as professoras observassem também e dissessem o que lhes chamava atenção naquela imagem. Esmeralda adiantou-se dizendo que era a disposição dos lugares das crianças, meninas de um lado e meninos do outro, separados como era o costume da época.

Rubi observou que isso era normal na época, ela mesma sempre fizera isso de forma natural em sua prática, meninas separadas dos meninos; assim evitam-se confusões, pois os meninos eram mais briguentos que as meninas e era bem mais fácil lidar com as meninas do que com os meninos, “eles eram mais agressivos”, dizia a professora.

Esmeralda relata que, quando atuou como professora, desenvolvia atividades para que as crianças brincassem sempre juntas e nunca concordou que houvesse divisão entre eles, achava importante a interação entre meninas e meninos e não dava importância para separar brinquedos e brincadeiras. Ela lembra que eles brigavam muito e, quando realizava atividades em conjunto, resolvia com mais facilidade os conflitos entre eles, a cooperação e interação.

A próxima imagem apresentada ao grupo é do ano de 1974, em que Esmeralda, com 39 anos na época, teve sua primeira turma participando da primeira comunhão no bairro Rio Verde – ela sempre esteve envolvida com questões de ordem religiosa da igreja católica. Nos mostra na fotografia várias crianças, dizendo nome por nome e destaca que neste mesmo bairro, ela se efetivou como professora no ano de 1977.

Em seguida, Esmeralda retira de um envelope amarelo uma fotografia grande da escola onde realizou o primeiro ano primário, o Grupo Escolar de Itaporanga. A fotografia registra uma construção antiga, do início do século XX, localizada na esquina da Rua Dr. Felipe Vita com a Rua 7 de Setembro. Nesse prédio, a escola funcionou por muitos anos, posteriormente, abrigou a Prefeitura Municipal e somente em 1940 a escola mudou-se para sua nova instalação onde até os dias de hoje funciona, a Escola Municipal Cel. Vicente Russo do Amaral.

Esmeralda também nos mostrou a foto da casa “simples” onde nasceu e viveu com os irmãos. Relatou que nasceu no bairro Cruzeiro, que seus pais eram descendentes de mineiros, foram os fundadores do bairro e sempre moraram no mesmo lugar, até quando seu irmão e irmã tiveram que ir à escola.

Vimos morar na chácara onde moramos até hoje. Nossa casa recém-construída era de barro batido, rebocada de branco, mais tarde caiada. Tinha 6 espaçosos cômodos, parte assoalhada e parte atijolada com cerâmica oitavada. Nela residimos por 20 anos até a construção da nossa casa atual. Brincamos bastante enquanto crianças. Nossa casa sempre foi cheia de crianças: primos, coleguinhas. Além de brincar, ajudava nas pequenas tarefas que sempre existem em chácaras. Fui para a escola aos 9 anos, em 1944. (ANEXO B, 2017, p.178)

Esmeralda mostrava a fotografia da casa onde viveu sua infância com a família, ao mesmo tempo em que fazia questão de mostrar a fotografia da atual casa onde mora.

A narrativa de Esmeralda priorizava questões de ordem familiar: pai trabalhou na lavoura até os 70 anos de idade; homem simples que frequentou a escola apenas por um mês; ficou órfão de pai e mãe muito cedo, porém era muito inteligente e se saía muito bem em conversas sobre qualquer assunto; pai amoroso, conselheiro e valorizava os estudos, deixando como legado a coragem e a honradez. Quanto às lembranças sobre sua mãe: calma, quieta, prendada; frequentou somente a primeira

série primária; era ela quem cuidava da casa, costurava, bordava, fazia crochê, e gostava de ler.

Enquanto Esmeralda tecia sua narrativa sobre as imagens das fotografias, as professoras estavam entretidas observando as muitas outras que circulavam ao redor da mesa. A maioria das imagens era em preto e branco, algumas não tão nítidas pela ação do tempo ou pela qualidade técnica da época.

Em cada imagem registrada, foi possível perceber a grande potência geradora de várias narrativas outras, que pareciam ter cor, brilho e vida, dando novo sentido ao estar/ser/existir naquele tempo/lugar.

As imagens trazidas pelas professoras funcionaram como disparadoras de narrativas que, ao mesmo tempo, evocavam histórias de pessoas já esquecidas e delas mesmas, se revelavam como suportes de memória e elo dos tempos, tornando-se essenciais no processo de fazer lembrar e assim compor a história (LOPES, 2013).

São os olhares, as (re)significações por meio das fotografias que garantem que as recordações do que foi vivido não caiam em esquecimento e possam produzir um conhecimento do mundo e de si próprio.

## 2.5 A HISTÓRIA DE ITAPORANGA

Para falar da cidade de Itaporanga e ter fontes fidedignas para utilizar na escrita da tese, marquei uma visita com o professor João Batista de Magalhães Castilho, o Seu João Castilho, de acordo com a indicação das pedras bonitas da pesquisa.

João Castilho, hoje aposentado, lecionou a disciplina de História por longos anos e se dedicou a pesquisar sobre a história do município. Homem renomado, respeitado pelos munícipes, recebeu recentemente o título de cidadão honorário. Também foi homenageado pela Escola Estadual Dona Elisa de Campos Lima Novelli e estava entre alguns personagens ilustres da cidade.

Recebeu-me gentilmente e, antes que eu expusesse os motivos da visita, comentou: “sei que você está fazendo um lindo trabalho com as professoras daqui”.

Solicitei sua ajuda para que eu pudesse escrever e contextualizar a pesquisa, visto que irei apresentar a cidade de Itaporanga, onde atuaram as professoras participantes da pesquisa.

Seu João narrou algumas histórias da cidade e logo estávamos visitando, em lembranças, os antigos casarões, as construções que poderiam ter sido conservadas como lugares de memórias da cidade e que foram demolidos, a vinda dos jesuítas, a nascente do Rio Verde, Frei Pacífico de Montefalco.

Coincidentemente, minutos antes de chegarmos à sua casa, havíamos passado por um desses lugares, uma construção do século XIX que havia sido demolida e que funcionou por longos anos como Fórum da cidade, chamado até hoje de Fórum Velho.

Ao questioná-lo sobre as pedras bonitas que foram encontradas às margens do Rio Verde, que deram origem ao nome da cidade, ele respondeu: “isso é balela, conversa fiada”.

Surpresa, comentei que achei estranho ter encontrado essa informação na internet, mas de nunca aprendido nas aulas de História.

Tomou conta de mim o sentimento de decepção, pois meu projeto de pesquisa traz no título referência a esse fato, que eu particularmente acho lindo, mas que talvez não seja verídico.

Mas se as pedras bonitas não foram encontradas nas margens do Rio Verde, como até então eu ouvira, que mal teria eu pesquisar sobre as pedras preciosas dessa cidade, mesmo que fosse metaforicamente me referindo às professoras da cidade?

Combinou comigo que iria fazer um apanhado de coisas que achava necessárias e importantes eu citar na tese e me avisaria futuramente.

O tempo foi se esvaindo. João Castilho adoeceu e após várias ligações telefônicas para sua residência, tive a sorte de falar com ele, que prontamente marcou um segundo encontro.

Novamente solicitou-me que falasse sobre minha pesquisa. Ouvia-me atentamente e, após fazer algumas perguntas, disse que as professoras haviam comentado com ele sobre o segundo encontro e que estavam felizes por tudo que havia acontecido.

Conversamos sobre a História Oral e o lugar da experiência ao trabalhar com histórias de vida, quando se possibilita colher as memórias e transformá-las em narrativas escritas.

“A história de Itaporanga é lindíssima Sandra!”, disse sorrindo João Castilho. Infelizmente, continuou ele, até 1980, ninguém sabia da história da fundação da cidade.

João Castilho revela que, na época em que lecionava em Itapeva, ele e alguns professores do Estado de São Paulo foram convocados a fazer um curso na capital, sobre História da América. Durante o curso, a formadora comentou sobre algumas cidades que não tinham a data de fundação, e Itaporanga era uma delas.

Teve interesse em procurar saber sobre a fundação e buscou orientações com a formadora. A busca começou e, durante os intervalos do curso, João Castilho dirigia-se à biblioteca Mario de Andrade, no centro de São Paulo, para pesquisar.

Em uma das revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ele descobriu o Diário de Viagem do Sr. João Henrique Elliot. A transcrição desse diário, diz João Castilho, representa para Itaporanga o que a carta de Pero Vaz de Caminha significa para o Brasil.

Pronto, estava desvendado o enigma sobre a fundação de Itaporanga. O professor retornou para a cidade e, coincidentemente, naquele ano, seriam comemorados os 150 anos de sua fundação, motivo pelo qual foi organizada uma grande festa, inclusive com encenações alusivas às margens do Rio Verde.

Sobre as “pedras bonitas”, o professor explicou-me que todas as cidades da região com nomes de origem religiosa, como São João Batista do Rio Verde ou São João Batista da Faxina, foram substituídos por nomes indígenas, tal como Itaporanga, de origem tupi-guarani.

Teve o cuidado de produzir um material para me entregar, dizendo que teve medo que a memória deixasse passar algum detalhe importante.

E assim escreveu João Castilho a História da fundação de Itaporanga:

“Desde o começo do século XIX, os índios Caiuás, de índole pacífica, descendentes dos primitivos Guaranis, vagavam pelos sertões meridionais do estado de São Paulo.

Em 1843, grande parte deles, entre a civilização e a barbárie, veio habitar o município de Itapeva da Faxina. Costumavam vir a essa localidade trocar cera e mel por ferramentas e vestuário. Desejavam sair da área que ocupavam devido à falta quase absoluta de caça e ao avanço que os civilizados faziam sobre suas terras.

É o que dizia João da Silva Machado, o Barão de Antonina, em documento dirigido ao Presidente da Província de São Paulo, com data de 2 de setembro de 1843, dia seguinte àquele que recebera alguns Caiuás em sua Fazenda Pirituba (hoje Engenheiro Maia, entre Itapeva e Itararé).

Através do citado documento, o Barão de Antonina solicitava da autoridade máxima da Província a criação de um aldeamento para tais índios, a fim de que os mesmos pudessem sobreviver sob a proteção oficial.

Sem resposta, em 1844, o Barão, preocupado com a sorte daqueles índios que viviam nas redondezas de Itapeva, atacados de um lado por tribos ferozes e inimigas e, do outro, pelos brancos ávidos de ocuparem suas terras, resolveu aldeá-los em lugar seguro e doou-lhes parte de suas terras localizadas entre os rios Verde e Itararé, designando-a Mata dos Índios. Para êxito de seus planos, solicitou a presença de um missionário para dirigir o aldeamento.

Nesse mesmo ano, a pedido do Governo Imperial, chegou da Itália um grupo de Missionários Capuchinhos para se dedicarem à catequese dos índios brasileiros. Desse grupo, foram enviados para Itapeva três Missionários: Frei Gaudêncio de Gênova, Frei Ponciano de Montaldo e Frei Pacífico de Montefalco. Este foi designado para dirigir o aldeamento criado pelo Barão.

Conforme relato de viagem deixado pelo escrivão da entrada, a comitiva partiu da Fazenda Pirituba no dia 16 de agosto de 1845. Dela faziam parte 19 pessoas, inclusive 8 índios. Dentre elas estavam Luiz Vergueiro, chefe da entrada, os três missionários capuchinhos, Joaquim Francisco Lopes, o próprio Barão e o americano João Henrique Elliot que nos deixou o diário de viagem.

Descendo pelo rio Verde em canoas, os “entradistas” chegaram no local onde seria a sede do aldeamento no dia 20 de agosto de 1845. Com a chegada do Barão e seus acompanhantes, os índios preparavam uma casa com ramos de flores para a recepção, mostrando grau de alegria com a presença do protetor (a quem chamavam de Pai-Guaçu, Grande Pai) e dos Missionários.

No dia seguinte, 21, teve lugar a cerimônia de levantamento da cruz que tinha sido preparada para essa ocasião. Frei Pacífico fez uma alocução alusiva ao acontecimento e, à noite, os índios apresentaram um cerimonial de acordo com suas tradições. Estava oficialmente fundada Itaporanga, que recebeu o nome de São João Batista do Rio Verde ou São João Batista da Faxina, como também foi chamada durante muitos anos.

Frei Pacífico assumiu a direção do aldeamento e recebeu o título de vice-prefeito e diretor dos índios.

Em 1847, foi construída a primeira capela dedicada a São João Batista e a população começa a crescer.

Em 1855, dez anos depois, a povoação é elevada à categoria de Distrito de Paz e Paróquia (Freguesia) com o nome de Rio Verde.

Em 1862, no dia 30 de dezembro, com apenas 48 anos de idade, faleceu Frei Pacífico.

No dia 06 de março de 1871, o Distrito é elevado à categoria de Município e, em 24 de fevereiro de 1883 é elevado à Comarca.

No dia 21 de junho de 1899, o Município passou a chamar-se Itaporanga, nome que perdura até nossos dias e que na língua indígena significa Pedra Bonita (ita=pedra + poranga= bonita).

Conforme o último Censo, Itaporanga conta com um total de 14.544 habitantes (IBGE/2010)."<sup>4</sup> (ANEXO A, p. 173)

Os trajetos apresentados neste capítulo representam o percurso da pesquisa, pelos quais caminhei na criação da tese.

---

<sup>4</sup> Dados sobre o município disponível em: <<http://www.itaporanga.sp.gov.br/novoportal/o-munic%C3%ADpio/dados-do-munic%C3%ADpio.html>>. Acesso em: 29 jan. 2017

### 3 AS PEDRAS BONITAS: SUAS HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO

Na tentativa de apresentar narrativamente as histórias de vida e formação das pedras bonitas de Itaporanga, eu as narro a seguir, corporificando as memórias e dando vida às histórias contadas.

A partir dos registros advindos dos encontros e materiais compartilhados pelas/com as professoras, buscarei fazer como o pesquisador apresentado por Mello, que “[...] ouve as histórias de seus participantes de pesquisa e por meio de uma relação de cunho colaborativo tenta compor sentidos das mesmas” (MELLO, 2016, p. 30).

Construí as histórias das pedras bonitas amparada em suas narrativas orais e escritas, presentes nas transcrições dos dois encontros e nos apêndices e anexos. Estes materiais me permitiram materializar as experiências dessas mulheres professoras aposentadas, apresentando-as no corpo da tese, para, posteriormente, trabalhar com os recortes de suas narrativas à luz dos referenciais teóricos que dialogam com as temáticas colocadas por elas.

#### 3.1 PEDRA ESMERALDA

Era mês de fevereiro do ano de 1935. Na pequena cidade chamada Itaporanga (interior de SP), nascia Esmeralda, a filha mais velha da família. Eram pessoas de vida simples, típica de cidades do interior em meio a campos, gados e fogão de lenha. Teve mais dois irmãos.

Cresceu auxiliando sua mãe nos trabalhos da casa e dividindo com ela os cuidados com os dois irmãos mais novos.

Os sonhos de menina de frequentar a escola tinham lugar e data marcada para acontecer: primeiro, era preciso cuidar de seus irmãos, ser pajem enquanto a mãe trabalhava duro para dar conta dos afazeres domésticos e das costuras que fazia para conseguir uma renda extra e ajudar no orçamento da casa.

Ir para a escola parecia ficar cada vez mais distante, e só conseguiu ingressar aos oito anos, idade de suas colegas que já estavam na segunda série.

Para ela, isso não tinha importância, haja vista a imensa vontade de estar naquele lugar.

Cursou o ensino primário no Grupo Escolar de Itaporanga e não teve nenhuma dificuldade em acompanhar sua turma, aprendia com facilidade e sempre foi muito bem, rendendo elogios de suas professoras.

Com o passar dos anos, sua trajetória escolar foi permeada por algumas dificuldades, pois era necessário conciliar trabalho e estudo. Talvez pela intimidade com a matemática desde muito jovem, aprendeu a gostar dos números e, com isso, não foi difícil arranjar um emprego no qual tivesse que lidar com eles.

A menina teve propostas para sair da cidade do interior para estudar. Uma das cidades era Sorocaba, próxima a capital, São Paulo, mas, naquele momento, o apego com a família não permitiu o distanciamento. Ela sabia que não conseguiria suportar a saudade dos pais, dos irmãos e da vida que levava no interior. Não se casou nem teve filhos.

Em 1955, iniciou os estudos no Ginásio Estadual de Carlópolis, na cidade de Carlópolis, interior do Paraná, pois a cidade de Itaporanga não oferecia a modalidade deste curso. Os enfrentamentos foram surgindo para ela como para suas parceiras de turma, Safira e Rubi: viajavam em carrocerias de caminhão, tomando sol e chuva. Bolhas em suas costas se formavam por causa das queimaduras de sol.

Após cursar o primeiro ano, terminou o ensino ginásial no Ginásio Estadual Governador Jânio Quadros, em Itaporanga, que passara a oferecer o curso.

Neste período, além de estudar, confeccionava costuras para fora e já tinha renda própria.

Almejando um emprego melhor e com o qual ganhasse mais, decidiu que se mudaria então para a cidade de Sorocaba. Ao comunicar a decisão para sua mãe, esta aprovou, porém era muito apegava à vida que havia construído e, por medo e insegurança, desistiu da mudança.

Esmeralda disse à sua mãe que desejava arrumar um emprego com salário fixo, que lhe permitisse contar com valor certo no final do mês, diferente da costura, que além de ser barata, não tinha valor certo. Sua mãe, entendendo a intenção, sugeriu que ela rezasse para São José, pois a família era devota do santo – inclusive, a chácara onde moravam e moram até hoje leva o nome do santo e existe uma imagem dele em sua homenagem.

Esmeralda rezou, mas não rezou com muita fé, porém, sua mãe deve ter rezado com muita devoção, pois na véspera do dia de São José, dia 19 de março,

um soldado foi até sua casa e anunciou que o chefe do posto fiscal queria falar com ela.

Era época de reajustes dos impostos rurais e como Esmeralda era boa em matemática, foi indicada para auxiliá-lo neste trabalho.

Uma colega de estudos informou seu pai, prefeito da cidade na época, que Esmeralda se saía muito bem em matemática e seria a pessoa certa para cuidar dos impostos. Este rapidamente solicitou a um menino que chamasse Esmeralda para tratar do trabalho no posto fiscal.

Ela aceitou a proposta mesmo sabendo que o valor a ser recebido por seu trabalho ia ser pouco, uma ajuda de custo para o cafezinho, porém sua mãe incentivou, dizendo que se não gostasse podia parar.

Ela iniciou no novo trabalho logo no dia seguinte, no dia de São José.

Na experiência no banco, percebeu que o trabalho ocupava mais seu tempo do que no posto fiscal e, mesmo tendo oportunidade de voltar ao posto, optou por permanecer no banco.

Dona Violeta, uma professora que conhecia Esmeralda e também era cliente do banco, vendo-a frequentemente no exercício do trabalho, convidou-a para iniciar o curso do magistério. Ela era diretora da escola e sua professora de inglês e desenho.

Nesta época, Esmeralda trabalhava no setor de conta corrente do banco, era muito serviço todos os dias e não podia faltar.

Desde menina, desejava muito ser professora, e sua família queria que, mesmo sem ter diploma, ela desse aulas no sítio para os parentes.

Dona Violeta, empenhada em que Esmeralda cursasse o magistério, solicitou que ela fosse até a escola realizar sua inscrição, porém, o gerente do banco não permitiu sua saída, alegando que iria abrir precedentes para os demais funcionários.

A atitude do gerente irritou dona Violeta. Sabendo da capacidade de Esmeralda, orientou-a a pegar os materiais com os colegas e realizar as provas aos sábados, até resolver a situação.

No ano de 1965, Esmeralda iniciou o magistério na “Escola Normal de Itaporanga” e ficou o ano todo indo aos sábados, para realizar as provas. Suas notas não eram ruins, considerando as condições de que dispunha para fazer o curso.

Ao finalizar o primeiro ano, um novo banco abriu na cidade de Taguaí. Para o evento, vieram os gerentes do banco de Curitiba e os diretores de São Paulo. Dona

Violeta aproveitou a oportunidade para conversar com os superiores do banco, dizendo que se não permitissem que Esmeralda fosse à escola, ela iria tirá-la do trabalho, pois o gerente não permitia que estudasse, mesmo com a autorização dos diretores.

Acabaram concordando que Esmeralda saísse para frequentar a escola.

A partir desse dia sua rotina passou a ser a seguinte: às 5h da manhã estava no banco, abria a porta, abria meio cofre e tirava o serviço. Às 7h50 ia para a escola. Às 11h50 ia para casa, trocava de roupa, almoçava e voltava para o banco, lá permanecendo até a noite, por volta das onze horas. No outro dia, estava lá às 5h da manhã novamente.

No final do ano de 1968 se formou professora.

As pessoas que conheciam a rotina de Esmeralda costumavam dizer que ela não ia aguentar muito tempo, mas ela temia deixar aquela situação que, de certa forma, era segura, por uma duvidosa.

Com o passar do tempo, apesar do medo que sentia, Esmeralda decidiu que iria tirar suas férias do banco no começo do ano e aproveitaria para iniciar na escola como professora. Teve oportunidade de conversar com o diretor do banco de São Paulo e comunicou-lhe que, se gostasse da experiência na escola, não voltaria mais para o banco, por isso era necessário pôr outra pessoa para ensinar a função que desempenhava no banco. O diretor sugeriu que ela tirasse suas férias no final do ano, para regularizar as coisas do seu curso, porém, ela preferiu deixar para o começo do ano, como havia programado.

Após terminar suas férias, ela pediu para sair do banco. Fez um acordo em termos de valores, e saiu de lá com o reconhecimento de que poderia retornar quando quisesse, tamanha era a satisfação que tinham com seu trabalho. A saída não foi fácil, chorou muito, pois havia gostado de trabalhar no banco, e também se sentia insegura porque não sabia se teria condições de dar aulas.

Mas no primeiro dia, lá estava ela na escola. Não sabia como funcionava nada. Em sua cabeça era uma escola bonita, linda e maravilhosa.

Em 1971, Esmeralda foi aprovada no concurso público para professora primária. Teve uma colega que a ajudou muito, pois como era acostumada a trabalhar sentada o dia todo durante o trabalho no banco, e na escola tinha apenas uma cadeira, cedia a cadeira para ela sentar e aliviar o cansaço de suas pernas.

Em sua trajetória profissional, Esmeralda teve a experiência de dar aulas no curso de jovens e adultos.

Durante o dia ministrava aulas para crianças e a noite para adultos. Fazia isso sem remuneração, não ganhava nada, além do reconhecimento e gratidão dos alunos. As condições da escola eram precárias, sequer tinha luz elétrica, eram utilizados lanternas ou lampião para iluminar o ambiente, e as carteiras eram improvisadas com tábuas.

Naquele ano, a rotina de Esmeralda seguiu assim por seis meses, até que quando conseguir organizar a documentação do curso e enviar para a cidade de Itapeva veio a informação de que não estava autorizado funcionar mais esta modalidade de curso.

Ela se viu diante de uma situação difícil: havia assumido uma turma de 16 alunos, era passada metade do primeiro semestre e não via condições de abandonar o que havia iniciado. Decidiu então, por sua conta e risco, terminar o semestre a fim de ensinar o básico para a turma: numeração, escrita do próprio nome e outras atividades referentes à escolarização inicial.

Comunicou à turma a situação legal do curso antes de sair em gozo das férias de julho.

Ao retornar à escola após esse período, deparou-se com alguns alunos esperando por ela, na expectativa de que continuasse com as aulas e ela, novamente informou-lhes sobre a suspensão do curso.

Anos depois, Esmeralda encontrou um dos alunos dessa turma no centro da cidade de Itaporanga e lembrou-se que era um daqueles jovens que não sabia ler, escrever e que havia sido alfabetizado por ela. Qual foi sua alegria ao ser abordado por ele e ouvir que suas aulas tinham sido muito boas e que naquele dia havia ido à cidade tirar seu título de eleitor.

Ela sentiu o coração bater forte no peito e a certeza de que havia feito a coisa certa, mesmo não tendo ganhado dinheiro, nem pontos para evolução profissional, ganhou em reconhecimento que estava contido nas palavras daquele homem.

Esmeralda não contava com muitas condições materiais para dar suas aulas e em sua sala de aula nem lousa para ela escrever tinha, porém tinha uma janela de madeira que ela acabou improvisando e pintando com tinta de tingir roupas e lá escrevia e passava as lições para as crianças.

Quando professora, ela ensinava as meninas a se sentarem corretamente, principalmente se estivessem vestidas de saias, ensinavam a se comportar e outras coisas que atualmente na escola não ensinam mais.

Ensinava os alunos a fazer uso corretamente de seus materiais, como por exemplo, apontar o lápis somente quando necessário, não arrancar as folhas dos cadernos, inclusive orientava-os a desenhar somente sob seu comando, sempre ocupando a primeira linha do caderno até a última, ditando quantas linhas seriam necessárias ou quantas folhas seriam utilizadas para determinada atividade, com o objetivo de ensiná-los a economizar.

Em sua trajetória docente, Esmeralda assumiu em caráter de substituição, por dois anos a direção da escola que na época era estadual localizada no bairro Santo Antonio. Ela trabalhou em cinco escolas durante sua trajetória profissional, uma substituindo a direção e as outras quatro como professora. As escolas em que ministrou aulas foram: escolas isoladas da “Fazenda Monções” no bairro Lageado, escola do bairro dos Silvas, do bairro dos Campos e escola do bairro Rio Verde.

Nas escolas isoladas as classes eram realmente isoladas, sem meios de condução, comunicação, iluminação, tudo muito precário. Em compensação as pessoas do bairro eram amáveis, acolhedoras e ajudavam as professoras em algumas necessidades do dia-a-dia. Ela e outra colega passaram a residir em casa de parentes, donos do terreno onde funcionavam essas classes.

As crianças iam à escola a cavalo ou a pé, pois a maioria morava longe do bairro. As professoras tinham que improvisar sempre, pois além dos conteúdos do programa de ensino tinham a preocupação em preparar o aluno para a vida futura, viver em sociedade, passando a eles os preceitos morais, boas maneiras, saúde, religião e outros. Elas sabiam que a escola seria para muitas crianças a única fonte de todos os tipos de aprendizados.

Os temas trabalhados diziam respeito à amizade, respeito ao próximo, importância do companheirismo e do coletivo, ensinamentos básicos de religião, pois muitos iam para a escola quase sem nenhuma orientação sobre esses. Ela diz que com as aulas conseguiram melhorar até o comportamento das crianças dentro da escola.

Esmeralda permaneceu quatro anos na escola do bairro São Francisco, indo em seguida para a escola do bairro dos Silvas onde ficou por um ano. Quando surgiu uma classe na escola do bairro dos Campos, e o acesso a ela se dava por

estrada vicinal, pensou nas condições e facilidades que teria com o transporte e nessa escola ficou um ano. Por último foi para a escola do bairro Rio Verde, onde só saiu por sete meses para responder pela direção da escola do bairro Santo Antonio.

Sua ida para a direção não se deu por iniciativa própria, na verdade não teve muitas opções e praticamente foi substituir a direção pressionada por uma diretora que era sua amiga e sabia das habilitações que tinha feito no curso de Pedagogia.

A realização desse curso na cidade de Avaré se deu de uma forma não muito comum. Ela tinha a incumbência de vigiar a irmã que namorava e como tinha que passar o tempo na cidade de Avaré, aproveitou para realizar o curso. Ela e mais algumas amigas se dedicaram bastante e suas notas sempre foram muito altas. Ao finalizar o curso, saiu com habilitação em supervisão escolar. Sentia-se motivada, e por mais seis meses permaneceu no curso para ter direito a habilitação para administração escolar, podendo substituir a direção da escola caso surgisse oportunidade.

Ela não parou e assim que surgiu nova oportunidade, depois de um tempo foi fazer a habilitação para orientação escolar na cidade de Jacarezinho, no paraná.

Esmeralda estava habilitada a substituir a direção de escola com essas habilitações, sendo assim recebeu o convite para ficar na direção da escola do bairro Santo Antonio no ano de 1980.

No ano seguinte, devido a um processo cirúrgico que exigiria seu afastamento da escola, ela entrou em licença mdia, e voltou no mês de outubro assumindo sua sala de aula na escola do bairro Rio Verde.

Novamente, foi substituir a direção como assistente de diretor, permaneceu por dois anos e meio na escola do bairro Santo Antonio, saindo quando chegou a diretora efetiva. Voltou para a escola do Bairro Rio Verde em 1983 e nesse mesmo ano foi para a escola do bairro Cruzeiro onde ficou até se aposentar.

Esmeralda diz que teve oportunidades de dar aulas nas escolas da cidade, porém permaneceu na zona rural por achar que seu trabalho seria mais útil. Tem boas lembranças de todas as escolas que trabalhou e sente saudades, pois passou bons momentos de convivência com alunos e seus familiares o que a faz acreditar que além de ensiná-los, aprendeu muito com eles.

Ao narrar suas experiências como diretora da Escola do bairro Santo Antonio, lembra que se deparou com uma professora de uma cidade vizinha de Itaporanga

que desperdiçava muitos materiais, coisa que a incomodava muito, pois o cesto de lixo de sua sala de aula diariamente era encontrado cheio de papéis em branco.

Como a escola era pequena, sabia tudo que acontecia nas poucas salas de aula, pois percorria os ambientes. Certo dia, não resistindo mais àquela situação, entreviu chamando a atenção da professora solicitando que cuidasse melhor do material das crianças e que refletisse com elas e seus pais sobre a importância do cuidado e zelo com o material, pois este, embora fosse doado pela escola, tinha custo.

Esmeralda era extremamente preocupada com questões de economia e disse para a professora que se percebesse mais exageros voltaria e numeraria as páginas dos cadernos de seus alunos, na tentativa de que aquela situação melhorasse.

Ela sempre foi uma profissional bem exigente, porém jamais castigou seus alunos, embora tenha presenciado colegas de trabalho deixar alunos ajoelhados em grãos de milho na hora do recreio, o que julgava um ato muito duro com as crianças.

Exercendo a direção de escola, aprendeu a fazer a documentação de alunos, dos professores, e as documentações de ordem administrativa da escola. O mapa de pagamento era um documento realizado todo mês, onde era lançada a presença dos professores, as faltas, as abonadas, atestados médicos e outras observações a fim de acerto de pagamento do mês.

Certa vez, depois de todo o mapa de pagamento pronto, um funcionário da casa de coleta da cidade tinha que bater na máquina de datilografia, para ser entregue o produto final. O problema é que este documento acabou não sendo aceito pelo motivo que foi feito tudo na cor vermelha, pois a pessoa que o fez era daltônica. Esmeralda amanheceu refazendo, para no dia seguinte fosse levado para a cidade de Itapeva onde localizava a Delegacia de Ensino.

Além do curso de magistério, ela realizou poucos cursos de formação, pois dispunha a fazê-los em suas férias e era necessário pagar pensão em Itapeva para se alojar, pois não tinha como ir e voltar todos os dias para Itaporanga.

Entre suas amigas, Esmeralda foi a primeira delas a pegar aulas e estas foram no bairro dos Silva, localizado a oito Km da cidade de Itaporanga.

Ao chegar ao bairro pegou uma classe multisseriada, 3ª e 4ª séries juntas e assim que uma colega foi para lá ficou somente com a 4ª série.

Nesta série, ela teve um aluno que marcou muito sua trajetória. Esse aluno faltava demais, ela se preocupava com a ausência dele, porém quase nunca

comparecia e quando vinha tinha dificuldades em acompanhar os colegas, pois perdia muito do que ela tinha passado à turma. Sempre com a justificativa de que estava doente, com gripe. Esmeralda temia que ele ficasse retido, porém foi inevitável.

Qual não foi a surpresa de Esmeralda quando, passado um tempo, o pai desse aluno foi até a loja de tecidos do irmão de Esmeralda, na cidade, e não sabendo de quem se tratava comentou que o filho havia ficado retido porque a professora dele faltava muito às aulas, e que ele quase havia ido denunciá-la.

Ela ficou extremamente irritada ao saber que, sendo a professora que era, com fama de “caxias”, estava sendo julgada injustamente por aquele homem. Ela dizia que ele devia ter ido mesmo denunciá-la, teria sido sua salvação, pois todos a conheciam e sabiam como era seu trabalho.

Passado muito anos, aquele aluno, homem feito, encontrou com Esmeralda em um clube onde se reúne o movimento da Terceira Idade da cidade e ela comentou com ele sobre a mentira para o pai e a possível consequência dela. Os dois riram muito do acontecido.

O que Esmeralda não gostava como profissional era das muitas comemorações na escola. Achava que elas tomavam muito tempo dos professores, das crianças, tinha que comunicar os pais, parar com as atividades que estava passando às crianças.

Certa vez, ainda no início do ano, Esmeralda preparou as crianças para cantar em uma comemoração. Uma determinada aluna pediu para recitar um verso e, ao finalizá-lo, qual não foi sua surpresa que a aluna citou uma besteira que a envergonhou demais, tirando risos de todos os presentes.

Em outra comemoração, Dia das Mães, acontecia uma festa para as famílias das crianças, Esmeralda preparou as crianças para cantar novamente e recitar. No final das apresentações a diretora deixou a palavra livre para as crianças e familiares, ela tremeu de medo de voltar a repetir situação semelhante.

A relação com os superiores na época em que era professora era de muito respeito, porém muito medo. Esmeralda teve um diretor, que a sondava pelo buraco da chave da porta. Como o bairro onde se localizava a escola tinha difícil acesso de carro, ninguém percebia quando chegavam pessoas de fora, então várias vezes isso aconteceu. Ele chegava de mansinho e sondava. Teve uma vez em que ele entrou em sua sala, sentou-se em uma carteira no fundo, e pediu para que ela continuasse

dando a aula. Ela estava trabalhando matemática com as crianças, ensinava-lhes o conteúdo “conjuntos”. Após assistir a aula, se retirou e foi embora, mostrando-se satisfeito.

Mais tarde, a prima de Esmeralda, que morava no bairro, contou-lhe que com frequência ele fazia isso, contudo além de bravo ela achava ele um diretor muito competente.

A presença dos pais naquela época era como hoje, tinha pais que nunca compareciam e tinha aqueles preocupados com o desempenho dos filhos na escola. Ela percebia que eles depositavam confiança em seu trabalho e isso era muito gratificante.

Em 21 de março de 1997, Esmeralda se aposentou. Há 18 anos ela se afastou da sala de aula, e atualmente trabalha na loja de seu irmão. Ela brinca que está quase aposentando novamente.

Nas vésperas de completar 82 anos, ela diz que somente tem a agradecer pela vida, saúde, família, inúmeros amigos e seguir sempre “fazendo o bem, sem escolher a quem”.

Seu sonho é um dia poder ouvir que o Brasil saiu da crise pela qual está passando atualmente, pois sabe que muitas pessoas passam dificuldades financeiras e a miséria aumenta.

Sua rotina é animada: todas as manhãs ela sai de sua chácara e vai para a loja de confecções de seu irmão. Ajuda fazendo o que sempre fez e gosta de fazer, como anotações, somas e arquivos e algumas vezes tomando conta do caixa da loja quando ele se ausenta com a família. Em sua casa, ajuda em algumas tarefas, vê televisão, descansa, lê, faz palavras cruzadas, crochê, tricô.

Participou por longos anos do Grupo Reviver da 3ª Idade, que presidiu por nove anos, realizando excursões por vários lugares do Brasil, organizando desfiles de modas. Lembra com entusiasmo que realizou eventos, organizou coral e fanfarra. Hoje não frequenta mais o grupo, pois este se descaracterizou e é voltado somente para bailes, dos quais ela não gosta.

Sobre o processo de envelhecimento, reconhece que é normal. Diz não ter dores, nem enfermidades comuns em pessoas de sua idade.

### 3.1.1 Uma experiência especial

Ao narrar suas experiências Esmeralda lembra em especial de uma situação vivida no início de sua carreira como professora. Diz que ganhou da colega Diamante um fogareiro pequeno que levou para a escola.

Ela e outras colegas professoras moravam no bairro São Francisco e, naquele ano em especial, havia sido alterado o horário das crianças irem para a escola, as do período da tarde começaram a frequentar a escola pela manhã. Ela não sabia, mas as crianças vinham para a escola às 7h sem nenhuma alimentação e só retornavam para suas casas depois do término das aulas. Como muitos deles moravam longe da escola, só chegariam em casa depois das 15h. Ela sequer imaginou que sendo crianças ainda bem novas, deviam ter entre sete a nove anos, pudessem fazer um trajeto longo e passar tanto tempo sem se alimentar.

Constantemente, em uma determinada hora da manhã, uma ou mais crianças começavam a reclamar de dor de cabeça. Como ela havia plantado vários tipos de ervas na horta da escola, punha um canecão grande de água para ferver e fazia chá de erva-doce, camomila, hortelã e dava para a criança que havia reclamado. Assim, todas as outras acabavam também querendo o chá, e tomavam. Pouco depois, aquela que havia se queixado de dor de cabeça dizia não sentir mais dor.

O tempo passou e, no mês de outubro daquele ano, quando começou a trabalhar o tema “Dia das aves”, que é comemorado em cinco de outubro, ao explicar a matéria, comentou sobre o ovo frito que geralmente todos comem pela manhã, no pão, ou até mesmo com arroz ou farinha. Qual não foi sua surpresa quando as crianças disseram que não tomavam café da manhã e muitos deles tomavam somente um cafezinho sem nenhum alimento.

Ao saber disso, investigou a rotina das crianças e constatou que eram acostumadas a almoçar às 9h, depois comiam alguma coisa e, por volta das 16h ou 17h, jantavam.

Ela sentiu certo desespero, e sugeriu às crianças que assim que jantassem, pedissem para a mãe arrumar uma marmita com a sobra do jantar para que eles pudessem comer na escola no dia seguinte todos juntos.

E elas vinham de longe, até chegar de volta em casa, era tarde e algumas crianças passavam com o pouco que levavam, comiam pipoca e tomavam limonada, o que tapeava a fome, conta Esmeralda.

Como ela morava no bairro com uma prima, esta, ao ficar sabendo, propôs mandar todo dia uma tigela com comida para ela comer junto com as crianças. E assim elas se acostumaram a trazer o que tinham em casa e, juntos, comiam todo dia.

Depois dessa constatação, Esmeralda refletiu sobre as dificuldades de algumas crianças para aprender e que talvez a razão fosse a fome e falta de uma alimentação que as sustentasse. E ela se perguntava como, sendo a professora, não havia percebido. Como ela, sendo a professora, pensava que todas as crianças pudessem tomar o café da manhã igual a ela, alimentando-se bem e o suficiente para esperar chegar a hora do almoço sem ou com pouca fome?

Esmeralda reconhece ter deixado passar despercebida uma situação muito importante, e aprendeu que, mesmo sendo nova, sem experiência como professora, deveria estar atenta a tudo que acontecia no cotidiano escolar envolvendo a vida das crianças.

A partir disso, mudou sua prática. Logo no início de cada ano, procurava conhecer a vida das crianças, seus hábitos e condições de vida, para facilitar os demais acontecimentos da sala de aula.

Ela narra que mesmo depois que introduziram a comida, o lanche, as crianças queriam tomar o chazinho, pois estavam acostumadas.

### 3.2 PEDRA SAFIRA

Na cidade de Itaporanga, em agosto de 1936, nasceu Safira, que com mais oito irmãos formaram uma grande família. Seus pais, apesar da pouca escolaridade – cursaram apenas o ensino primário –, valorizavam muito a escola, o que desde cedo despertou na jovem o desejo pelos estudos.

Ingressou na primeira série aos sete anos, e cursou todo o ensino primário no Grupo Escolar de Itaporanga. Realizou o ginásio na E.E. Epitácio Pessoa e, ao concluí-lo, viu-se perdida, sem saber o que fazer da vida. A neta de italianos, cheia de alegria e vigor da juventude, sabia que precisava dar um rumo em sua vida e desejava ser professora. Mas como cursar o magistério se a cidade não oferecia o curso?

As cidades próximas também se encontravam na mesma situação, e os jovens não tinham quase ou nenhuma opção para dar continuidade aos estudos, e trabalhar era somente possível nos poucos comércios da cidade.

Em Riversul, uma cidadezinha bem próxima de Itaporanga, Safira mantinha algumas amizades, o que facilitou para que formasse uma turma para irem à cidade de Itararé prestar o vestibular para o curso do magistério. Infelizmente, ela não foi aprovada no vestibular, e optou em cursar contabilidade em Itararé.

Ao iniciar o curso, ela e mais duas colegas dividiam o mesmo quarto, e a lembrança que mantém viva dessa época é a que suas colegas fumavam muito e, aos poucos, ela também foi adquirindo o vício.

Após concluir o curso de contabilidade, Safira voltou para Itaporanga e começou a trabalhar na contabilidade da cooperativa local.

Uma funcionária do correio aconselhava-a, dizendo-lhe que devia deixar o serviço na cooperativa e iniciar o magistério, incentivando-a a continuar os estudos. Após pensar nos conselhos dessa amiga, decidiu que intercalaria, comparecendo dia sim, dia não, o que ocasionou sua demissão.

Safira iniciou o curso do magistério na cidade de Carlópolis, interior do Paraná, e lá realizou o primeiro ano. Quando ingressou no segundo ano, houve a implantação do curso de Magistério na Escola Estadual Epitácio Pessoa, em Itaporanga, permitindo-lhe voltar para sua cidade, para concluí-lo.

Sua trajetória não foi fácil, porém ela tinha um objetivo a ser alcançado e foi. Safira se formou professora primária e iniciou sua carreira. Não se casou, nem teve filhos.

Ela traz em sua lembrança a primeira vez em que foi para a escola: o sítio onde ficava a escola no bairro dos Campos, a casa de uma senhora do bairro onde passada as tardes, e a história da intoxicação com o cigarro.

Com essa senhora que morava pertinho da escola, todo dia as duas tomavam café juntas e em seguida fumavam. Era uma rotina mantida entre elas, até que um dia Safira fumou tanto que passou mal, ficou deitada no chão da sala sem conseguir levantar para ir embora. Depois de passar por esse mal-estar, Safira prometeu a si mesma nunca mais colocar cigarro na boca e assim o fez até o dia de hoje.

Antes de ser aprovada em concurso público para professora primária, trabalhou por 13 anos na zona rural, e o ingresso como professora efetiva se deu em Taboão da Serra, São Paulo. Permaneceu seis meses nesta cidade, e depois se

removeu para a Escola Estadual Epitácio Pessoa, em Itaporanga. Nesta época, os professores passavam por uma avaliação de desempenho e a eles eram atribuídos conceitos por desempenho “ótimo/bom/regular”. Por seu desempenho, comprometimento e assiduidade, recebeu o conceito ótimo e com ele veio para a escola de destino.

A professora que nasceu, cresceu e viveu na pequena cidade, sem vivência na cidade grande, teve medo de enfrentar a nova cidade e seus desafios e, ao mesmo tempo, coragem e ousadia não lhe faltou para que tivesse êxito no cumprimento de suas novas atribuições. Safira diz que por ser uma pessoa confiante em Deus, crê que ele a ajudou e fez com que vencesse todas as barreiras e obstáculos.

Antes do processo de ingresso como professora efetiva, Safira havia ministrado aulas nas escolas dos bairros Maria Júlia, Santo Antonio e Cruzeirinho.

Safira comenta a diversidade de materiais de uso pedagógico, como cartolinas, livros, papéis que atualmente se tem. Fica encantada ao ver sua sobrinha professora com tantos materiais, e lembra que sofreu por não ter nada disso. Hoje, segundo ela, é tudo mais colorido; em sua época era tudo preto e branco e o professor tinha que dispor dinheiro do próprio bolso se quisesse algum outro material diferente, e na cidade era difícil encontrar.

Na época em que era professora, no final de cada ano era realizada uma avaliação dos alunos pelos supervisores de ensino, a fim de avaliar também o trabalho do professor.

Um episódio engraçado que registrou em sua memória remete ao período em que dava aulas em uma escola do bairro São Sebastião. Certa vez, um dos diretores de escola – naquele tempo, além dos supervisores, também os diretores participavam das avaliações no final do ano – foi para a cozinha e fez um arroz com frango para a merenda e colocou muita pimenta, resultando em que cada colherada colocada na boca era cuspidada longe e ninguém comeu.

Sempre alegre e bem-humorada, gosta de contar piadas e histórias para as amigas. De outra vez, dando aula em uma escola no bairro dos Benini, fez um desenho na lousa de uma árvore bem bonita, cheia de folhas, pois era acostumada a desenhar muito para os alunos. As sílabas que os alunos estavam dominando ela colocava em cada folha da árvore; pegou uma varinha e sentou-se no fundo da sala. De lá, pedia para cada criança ir até a lousa e mostrar onde estava determinada

sílaba, por exemplo, “ba”. De repente, sem perceber, pediu para que um aluno fosse até a lousa e mostrasse a sílaba “cu”. A sala caiu em gargalhadas e ela, com a pele clara, avermelhou-se e não sabia como sair da situação.

Ao longo de sua trajetória, Safira realizou alguns cursos, a fim de ganhar pontos e ter vantagens em relação a seus colegas na hora da atribuição de aulas, além disso, gostava de aprender coisas novas que viessem a acrescentar seja na teoria, seja em sua prática. Os cursos que ela fez foram na cidade de São Paulo e se dispunha a fazê-los em suas férias.

Houve um período em que ela sofreu um acidente de carro, como não era época de férias e não podia tirar licença médica por causa de questões trabalhistas, acabou fazendo um acordo com a diretora da escola e nada lhe foi descontado.

A trajetória de Safira foi de muita luta, mas também de muitas alegrias.

Está aposentada desde 17 de abril de 1983.

### 3.3 PEDRA AMETISTA

Ametista nasceu na cidade de Itararé, interior de São Paulo, em março de 1940.

Seu pai exercia o trabalho de mecânico de automóveis e sua mãe cuidava da casa e dos oito filhos. Eram pessoas humildes, frequentaram pouco a escola, a mãe concluiu o ensino primário e o pai não.

Aos sete anos, Ametista estava matriculada na primeira série no Grupo Escolar Tomé Teixeira, na cidade de Itararé, onde cursou todo o ensino primário. Os cursos ginásial e o magistério foram realizados na E.E. Dr. Epaminondas Ferreira Lobo, na mesma cidade. Aos 22 anos, realizou no curso de aperfeiçoamento para o magistério.

O ano de 1962 foi intenso para ela, pois, além do ingresso no curso, estava cheia de planos para sua vida pessoal e profissional.

No ano seguinte, começou a lecionar eventualmente na fábrica de cimentos Maringá, e assim permaneceu até meados de 1964.

Ametista lembra que na porta da escola onde começou como professora substituta, em seu primeiro dia, pensou se seria possível, quem sabe, chegar ao último dia de trabalho como professora.

Seu sobrinho, muito apegado a ela afetivamente, queria morar com Ametista, e ela lhe dizia que quando tivesse uma “cadeira”, termo ilustrativo para cargo efetivo, uma condição estável, o levaria – coisa que o menino, ainda uma criança, não entendia. Certo dia, ele comentou com a mãe de Ametista que achava estranho ela dizer isso, pois ele via muitas cadeiras na cozinha da tia.

Ametista enfrentou grandes dificuldades para estudar, cursar a faculdade e finalmente exercer a docência. Percorria uma distância de mais de 15 km e, sem transporte, não era possível viajar diariamente da escola para casa, o que a obrigava a morar na escola. As viagens eram feitas com meios precários: de trator, de Jeep, a pé, de carroça, debaixo de chuva. Quando chovia, tinha que andar de pés descalços, pois os chinelos grudavam no chão, fazendo com que caísse.

Teve uma ocasião em que Ametista se viu em uma situação de desespero por não saber como voltar para casa e não ter como avisar seu pai. Ela voltava do bairro Itaipava em cima de uma carroça carregada de espigas de milho, e demorava muito para os cavalos andarem puxando a carroça. A certa altura do caminho, tinha fogo nos dois lados da estrada, e os cavalos se recusavam a continuar, foi um desespero. Chegou em casa às 23 horas, estava uma escuridão na cidade toda, pois a energia tinha acabado, coisa que às vezes acontecia. Foi recebida por seu pai, que queria saber o motivo de seu atraso, com quem havia vindo da escola e, entre uma explicação e outra, somente no dia seguinte Ametista foi saber que o presidente Kennedy havia morrido.

Além das dificuldades de locomoção e acesso à escola, ela enfrentou grandes desafios como mulher trabalhadora em suas gestações, pois não foi nada fácil percorrer grávida esse trajeto.

A primeira escola onde lecionou com turma fixa foi uma escola rural no município de Barra do Chapéu, próximo da cidade de Itapeva, onde morava sua família. No dia 4 de janeiro de 1967, ela tomou posse como professora primária efetiva no mesmo município e, no dia 15 de fevereiro daquele ano, entrou em exercício.

Ocupando seu cargo, na condição de professora efetiva, cumpriu a promessa de que ao ter uma “cadeira” levaria o sobrinho para morar com ela.

Após um ano, no dia 16 de fevereiro de 1968, passou pelo processo de remoção e foi para a cidade de Itaporanga, na esperança de que, na próxima

remoção, fosse para a sua cidade natal, Itararé. Esse dia não chegou, e ela permaneceu em Itaporanga até se aposentar.

Ametista teve a experiência de trabalhar em várias escolas: Grupo Escolar do Distrito da Barra do Chapéu, na cidade de Apiaí, Grupo Escolar Cel. Vicente Russo do Amaral, Escola Normal de Itaporanga e em todas as escolas isoladas nos municípios de Itapeva e Itararé.

Para ela, um momento marcante que ficou impresso em sua memória foi quando, em meio ao exercício da docência, por ter tido a oportunidade de trabalhar na administração escolar, pode substituir a direção da escola. A “transformação de cargos”, era assim o nome dado para o processo de transição entre os cargos, acontecia para quem, como ela, tinha substituído a administração da escola – ela havia substituído uma colega em licença maternidade que não quis mais voltar à secretaria, e sim para a sala de aula, então o supervisor nomeou Ametista como diretora da unidade escolar.

A transformação de cargo de professor I em cargo de Assistente de Diretor de Escola, em 8 junho de 1979, foi para Ametista a passagem mais marcante em sua trajetória.

No ano de 1979, essa prática foi estendida a várias escolas, havendo transformação de cargos de muitos colegas que estavam na mesma situação. No total, foram contemplados sete diretores entre as cidades de Itararé, Itaporanga e Riversul. Houve a transformação de cargos para assistente de diretor de escola.

Ametista considera como um presente que caiu do céu, pois foi a única vez que essa situação ocorreu no Estado de São Paulo enquanto exerceu a profissão. Isso dava a ela e aos demais colegas direito de substituir o diretor. Ela permaneceu nesta condição até se aposentar.

Sua trajetória como professora teve desafios, como trabalhar com turmas multisseriadas, dividir a pequena lousa entre três séries, pouco ou quase nenhum recurso material.

Ela gostava de trabalhar com a primeira série. Quando passou pelo processo de remoção e foi para a cidade de Itaporanga, solicitou à diretora da escola que lhe atribuísse a primeira série, mas, como naquele ano não tinha, acabou ficando com a segunda. No ano seguinte, conseguiu a primeira série e assim foi nos demais anos: sempre trabalhou apenas com a primeira série enquanto professora.

Ametista preferia lecionar para crianças que não passavam pela pré-escola, aquelas que ela percebia ter dificuldades, pois sentia prazer em alfabetizar e, se preciso fosse, levava a criança para sua casa, como fez muitas vezes.

Ao recordar de alguns recursos auxiliares ao trabalho do professor de sua época, ela traz o uso do mimeógrafo, que foi uma tecnologia que ela acredita que chegou para inovar e que ajudou muito.

Ela acredita que, com certas práticas, na escola, as crianças aprendem e não esquecem, e cita o exemplo de sua filha. Nas conversas que tinha sobre a escola, sua filha diz ter aprendido o hino nacional e guardado suas estrofes por causa do trabalho de uma professora que a ajudou a memorizar, organizando e contextualizando, como ao dizer, por exemplo, que o “sonho vem antes do amor”, e assim ela nunca esqueceu.

Ametista comenta que sua neta gostava tanto de uma determinada aula que lhe pediu para comprar um globo terrestre a fim de estudar a matéria, além da apostila, e entender melhor que o planeta Terra é “redondo”, pois no papel não dá para ver que é.

Ela tem concepções de que hoje a escola ensina de maneira vaga para a criança, que não basta ela querer ser boa aluna, a professora ser boa professora, pois, em sua época, por exemplo, a geografia era mais palpável, era diferente, e a criança acabava aprendendo e não esquecia. Hoje há inúmeros fatores que não colaboram para que a criança aprenda ou aprenda e logo esqueça.

Ametista recorda de seus colegas, Pedra Diamante e um professor, professor de Geografia, que faziam uso de diversos recursos como mapas, globo terrestre, confecção de cartazes. No dizer dela, foram professores espetaculares.

Ela atribui a falta de interesse das crianças aos muitos atrativos externos à escola, e não responsabiliza somente o professor pela situação atual da escola, mas acha que o sistema de ensino mudou muito e também mudou muita coisa em relação ao seu tempo; no entanto, considera que talvez seja injusto comentar, uma vez que não faz mais parte desse cotidiano.

Ela acredita que, ao exercer a docência, as mulheres são mais dedicadas que os homens e, em sua época, não havia diferença salarial entre homens e mulheres.

Recorda-se ainda de um colega de sua época que exerceu o trabalho com primor, que, além de excelente professor, era muito caprichoso. Seus trabalhos

eram impecáveis. Ela havia trabalhado com ele e seus rascunhos pareciam passados a limpo em relação aos dela: era uma perfeição.

Ametista diz que em sua época, a vestimenta dos professores era bem diferente da atual. As mulheres trajavam blusinhas de manga japonesa, os homens usavam terno, os alunos usavam uniformes, era fácil distinguir, na escola, quem era aluno e quem era professor.

Para ela, é gratificante ter exercido a docência e experienciado tantos aprendizados, ter vivido tantas histórias e ter tanto a contar. Se fosse preciso, ela viveria tudo de novo, com toda a intensidade que viveu, e acredita que a velhice é nobre, ninguém se dirige a ela com menosprezo ou com maldade, ao contrário, aqueles que foram seus alunos são muito bem educados.

Dos muitos alunos que teve, um em especial ela não esquece. Era bom aluno, esperto, terminava as tarefas primeiro que os demais e depois ficava de carteira em carteira perturbando os colegas. Certo dia, ela estava dando aula naquela turma multisseriada, e ele, todo agitado, estava impossível, o que fez com que chamasse sua atenção. Geralmente ela não fazia isso. Insistia para que ele sentasse. Qual não foi a surpresa de Ametista com a resposta do aluno: “professora, parece que hoje você está com o diabo no corpo!”. Depois deste episódio, o aluno passou dias sem aparecer na escola, até que um dia Ametista encontrou com o pai do menino em um comércio do bairro e perguntou por ele. O pai contou à professora que o filho havia dito que não estava tendo aulas. A mentira foi desfeita ali e o menino retornou à escola, porém ele não confessou ao pai os reais motivos que o fez afastar-se da escola e as ofensas proferidas à professora.

Ametista trabalhou em uma época em que se casar com professora era alcançar um *status* social bem considerado. Se o homem, por infelicidade, fosse casado com uma professora e tivesse uma profissão com menor remuneração ou menor destaque que ela, alguns até diziam que aquele homem era um “chupim”, desqualificando-o como se vivesse à custa da mulher.

Há mais de 28 anos ela está aposentada e, desde que saiu da escola, não trabalhou mais como professora nem como diretora.

A publicação de sua aposentadoria saiu no Diário Oficial do dia 25 de julho de 1987, cumprindo sua jornada e atribuições com dedicação.

Quando leu a publicação, lembrou-se daquele primeiro dia quando chegou à escola como substituta estagiária, quando, na porta da escola, esperando para ver

se algum professor faltava para ela substituir, pensou se chegaria ao último dia. E o último dia havia chegado.

Vinte e oito anos se passaram desde que Ametista se aposentou – a mulher, professora, diretora, que impressiona a todos com a precisão das datas e acontecimentos que relata.

Hoje, Ametista é viúva, tem três filhos e oito netos.

Sua expectativa para o futuro é cumprir a missão de cuidar das duas netas, de 15 e 10 anos, filhas da filha falecida, e espera ter saúde e forças para realizá-la. Sua rotina é cuidar da casa e das netas, além de bordar, fazer tricô e crochê para passar o tempo. Gosta muito de ler. E seu maior sonho é ver suas netas formadas.

Ela acredita que o processo de envelhecimento, para ela, tem sido como para a maioria das pessoas: trabalha em casa, tem saúde. Diz que, tendo as netas sob sua responsabilidade, pede a Deus forças para poder atingir seu maior objetivo que é vê-las criadas, felizes e com um futuro promissor.

Ametista finaliza sua narrativa escrita registrando: “felizes aqueles que me ajudam a lembrar coisas de antigamente, tal qual você!”

### 3.4 PEDRA DIAMANTE

O mês de junho do ano de 1929 foi marcado pela chegada de Diamante. Ela nasceu em uma família simples, na pequena cidade de Itaporanga.

Seus pais não frequentaram a escola, eram analfabetos. Ela e mais sete irmãos tiveram uma infância modesta.

Aos sete anos, ingressou na primeira série e cursou o ensino primário no Grupo Escolar de Itaporanga. O curso ginasial foi realizado no Ginásio Estadual de Itapeva e o curso de magistério na Escola Normal de Itaporanga.

Sua trajetória docente foi marcada por muitas dificuldades e percalços, tendo trabalhado em várias escolas como professora primária e posteriormente como professora de geografia.

Durante seis anos, todos os dias, saía de Itaporanga para a cidade vizinha, Riversul, para trabalhar como professora. O trajeto era feito de ônibus durante o dia, e a noite o marido ia buscá-la. “*Era tudo muito difícil, sacrifício mesmo!*”, exclama Diamante.

Lembra-se com gratidão de um funcionário da escola, um servente que demonstrava preocupação com ela, oferecendo companhia até seu marido chegar e perguntando-se prestativo e acolhedor.

Diamante ministrou aulas em vários bairros em Itaporanga, como no bairro Rio Verde, que foi sua primeira escola, e na sequência na escola do bairro Ribeirão Branco, Maria Nogueira, Samambaial, Capituva, Maria Julia, que foi a última escola da zona rural onde trabalhou.

Também ministrou aulas na Escola Estadual Barão de Antonina, Escola Cel. Vicente Russo do Amaral e Escola Estadual Epitácio Pessoa, onde permaneceu até a aposentadoria.

Ela e o marido estudaram com muitas dificuldades, depois que já haviam se casado. A renda dele era para manter as despesas da casa e a dela para os estudos dos dois. Com a família se construindo, os filhos foram nascendo e ela continuou a estudar com os filhos pequenos.

Diamante lembra-se de episódios em que precisava estudar, na época de provas, e com uma mão segurava o livro e com o pé empurrava o carrinho de um dos filhos que chorava. “*A gente passava até fome*”, diz ela ao lembrar-se dos tempos em que, com 10 filhos, tinha que conciliar a profissão, os estudos e as atribuições da casa.

Apesar dos obstáculos e dificuldades, ela diz não se arrepender de nada e que se fosse preciso faria tudo de novo, pois as oportunidades surgiram depois que havia se casado e o incentivo do marido a ajudou conquistar os outros cursos universitários.

Guarda em sua memória a história de um aluno que, na ocasião, devia ter uns 17 anos e parecia apresentar alguns problemas mentais, porém dizia que queria muito estudar, aprender a escrever cartas para a namorada. Os colegas tinham medo dele. O marido de Diamante se preocupava com a presença do garoto e a orientava para que chamasse a polícia caso se sentisse ameaçada, mas ela enfrentou tudo com firmeza e nunca foi preciso acionar a polícia nem temer as atitudes do aluno. Diamante dava a ele uma folha de caderno e um lápis e o ensinava, e ele ficava horas embaixo de uma árvore escrevendo. Alguns pais, por não quererem a presença do aluno junto com os demais, ameaçavam denunciá-la, porém nunca isso aconteceu.

A charrete, muitas vezes, foi o meio de transporte utilizado por ela para chegar ao bairro onde lecionava. Ela ia de carro até o bairro da Onça com algumas colegas e de lá seguia de charrete para a escola onde dava aulas.

Quando trabalhava no bairro Maria Nogueira, fazia uso da charrete, e quando chovia tinha que ir a pé até o lugar marcado pelo charreteiro para encontrá-la. Como ela precisava sair cinco minutos antes do horário para não atrasar as colegas, teve uma senhora que ameaçava denunciá-la, fazia reza de terços em sua casa na tentativa de colher assinaturas contra ela, porém não teve sucesso, pois os outros pais gostavam muito dela e de sua prática docente.

Guarda em sua memória que, certo dia, em uma das escolas da zona rural que tinha muitos buracos no chão saiu de um deles uma cobra, e como não tinha a quem recorrer, teve que matar, pois as crianças estavam assustadas.

Diamante lembra com orgulho de uma aluna que, devido a paralisia infantil, o pai a levava carregada todos os dias, não perdendo as aulas e dando importância para a escola mesmo com todas as dificuldades que tinha. Futuramente essa menina, já adulta, cursou a faculdade e tornou-se professora.

Após concluir a faculdade de geografia, Diamante começou a dar aulas dessa disciplina e deixou de ministrar para o ensino primário. As aventuras pelos bairros como professora primária foram terminando e a última escola onde trabalhou foi no bairro Maria Júlia, e na sequência permaneceu na escola estadual Epitácio Pessoa, até se aposentar.

Diamante vive rodeada pelos filhos e seus 17 netos, não lhe faltando companhia para conversar sobre diversos assuntos. Participa de um grupo de mulheres da cidade que se reúne mensalmente para jantares, cafés, jogar bingo e conversar.

### 3.5 PEDRA RUBI

Em 5 de novembro do ano de 1936, na pequena cidade do interior de São Paulo, conhecida como Itaporanga, nascia Rubi. Ela teve cinco irmãos. Seu maior desejo era estudar e ter uma profissão.

Diferente de algumas moças de sua época foi crescendo almejando um dia ter seu próprio dinheiro e uma profissão e ocupar um lugar que fosse além de mãe e dona de casa.

Sua infância junto com seus irmãos foi muito feliz, pois foram amados por seus pais que lhes cobriam de cuidados e atenção. Fomos “*pobres sim, mas o amor era real*”, escreveu Rubi.

Suas brincadeiras preferidas eram brincar de roda, peteca, pular corda. Considera que teve uma infância com muita liberdade, o que a deixa muito feliz em lembrar.

Ingressou na primeira série aos oito anos de idade, e cursou o ensino primário no Grupo Escolar de Itaporanga. Logo em seguida, passou a cursar o ginásio e o Magistério na Escola Estadual Epitácio Pessoa.

Tendo estudado com sacrifício, reconhece que não teve muitas oportunidades de avançar nos estudos enquanto era solteira e voltou a estudar e terminar os estudos apenas depois de casada.

Antes de ingressar como professora primária, trabalhou no posto de saúde, em Itaporanga, como enfermeira, mas não gostava, pois não concordava com a maneira de atuar dos médicos que conhecia. Ela tinha lecionado alguns anos, mas, como os filhos ainda eram pequenos, fez o concurso para o centro de saúde e, por achar que teria mais segurança financeira, ingressou e permaneceu nesse trabalho por 12 anos.

Ao narrar sua trajetória docente, Rubi diz que uma passagem importante em sua carreira é o fato de ter enfrentado um grande desafio: dar aula fora da cidade de Itaporanga, na cidade de Piedade, distante mais de 270 km. Ia para Piedade no domingo à noite e retornava a Itaporanga na noite de sexta-feira.

O sonho de ser professora exigiu dela muitos sacrifícios, pois, para realizá-lo, enfrentou grandes dificuldades como ter que deixar o marido e os quatro filhos pequenos com sua irmã mais velha. Contudo, sua família e seu marido a apoiaram na decisão, o que fez com que ela aproveitasse a oportunidade.

Ao ingressar na escola em Piedade, ficou sabendo que a sala com a qual ia trabalhar não seria fácil, o diretor deixou para ela uma classe considerada difícil, pois a professora anterior havia ficado doente e dizia ser por conta do mau comportamento das crianças. Ela, sem nenhuma experiência, enfrentou e deu conta da sala.

Permaneceu seis meses nesta escola e assim que conseguiu se remover para Itaporanga, foi para a escola estadual Cel. Vicente Russo do Amaral e nela ficou até se aposentar. Rubi não trabalhou na zona rural.

Guarda na memória um cartão que seus alunos da segunda série deram a ela quando se aposentou *“foi muito emocionante ver o esforço, o carinho e a alegria deles ao me entregar o cartão que guardo até hoje”*.

Aos 80 anos, Rubi tem como expectativa terminar seus dias em paz, com alegria, junto aos seus, até, como ela diz, *“que Deus a chame para junto Dele”*.

Ela diz ter limitações quanto à realização de atividades de casa, mas que continua fazendo guloseimas para seus filhos, os sete netos e uma bisneta que mora com ela, como forma de expressar seu carinho e dedicação a eles. Também faz parte de um grupo de mulheres da igreja, dedicado à ação social e a oração.

Sobre o processo de envelhecimento, Rubi diz que isso acontece de forma natural e aceita com segurança, *“me sinto amada por Deus e por toda a família e amigos”*, diz ela.

### 3.6 PEDRA TOPÁZIO

Na cidade de Sengés, interior do Paraná, em outubro de 1940, nasceu Topázio. Seus pais estudaram as séries iniciais do ensino primário, sendo que o pai concluiu o 4<sup>a</sup> ano primário e sua mãe o 3<sup>o</sup> ano.

Ela e seus cinco irmãos tiveram uma infância feliz, apesar da falta de recursos financeiros da família, eles eram muito unidos. A casa onde viviam era simples, num bairro na cidade de Itararé. Brincavam de roda, pega-pega, amarelinha, pula-corda, peteca.

Aos sete anos, ingressou na primeira série na escola onde concluiu o ensino primário, o Grupo Escolar Tomé Teixeira, na cidade de Itararé. Em seguida, cursou o ginásio na escola estadual Dr. Epaminondas Ferreira Lobo, na cidade de Itararé, onde também cursou o magistério.

Ao iniciar sua carreira profissional como professora, Topázio se reconhece como uma das colaboradoras na formação da Escola Estadual Herculano Pimentel, em Itararé, pois ela e alguns colegas saíram pelos bairros da cidade procurando alunos para matricularem nessa escola.

Para poder trabalhar, antes de ser professora primária efetiva, Topázio substituíria nas escolas das cidades vizinhas. Por três anos viajou da cidade de Itararé para a cidade de Riversul em uma Kombi que saía às 4h30 da manhã e ia distribuindo os professores pelos bairros.

No ano de 1980, Topázio foi morar em Itaporanga, e seu ingresso docente como professora primária foi na escola do bairro da Onça, onde ficou seis meses, indo em seguida para o bairro Samambaial. Após um ano nesse bairro, ela foi para a escola da Vila Alvorada, na cidade de Itaporanga, onde permaneceu por dois anos. Em seguida, foi para a escola estadual Epitácio Pessoa, onde ministrou aulas de PEB I e PEB II, pois nessa época havia cursado a faculdade de Pedagogia e Letras.

Sua formação acadêmica em Letras e Pedagogia foi conquistada com muito sacrifício, pois já era casada e, na época, tinha três filhos, o que exigia que os deixasse ainda pequenos para poder estudar.

Até o terceiro ano do curso de pedagogia estudou na cidade de Itapeva, pois em Itararé não existia o curso. Fez parte da primeira turma de pedagogia da cidade de Itararé, onde terminou o curso.

Para realizar o curso de Letras, teve também que cursar o primeiro ano na cidade de Itapeva; viajava todas as noites e deixava os filhos com o marido em casa.

Topázio diz que tudo foi muito difícil, mas venceu e agradece a Deus.

Em sua trajetória docente, diz que teve muitas passagens importantes, mas não as cita, e não esquece principalmente o carinho com que as crianças a tratavam, enviando bilhetinhos sempre muito carinhosos.

As várias escolas públicas que Topázio ministrou aulas foram: E.E. Tomé Teixeira (Itararé), bairro Samambaial, E.E. Epitácio Pessoa, E.E. Dr. Epaminondas Ferreira Lobo, em Itararé, Escola Dom Athanázio Merkle, em Itaporanga, E.E. Herculano Pimentel, em Itararé, E. M. Cel. Vicente Russo do Amaral, bairro Cerrado, em Itararé, E.E. Lázaro Soares, em Riversul.

Ela diz não ter muitas expectativas para o futuro, pois já realizou todos os seus sonhos e só tem muito a agradecer a Deus.

Atualmente, Topázio mantém como rotina os cuidados com a casa e as idas três vezes por semana para o seu sítio, onde cuida do pomar e da horta. Gosta de ler livros de assuntos religiosos e, quando viaja, vai para a casa de seus quatro filhos, para visitar os dez netos e onze bisnetos.

Sobre o processo de envelhecimento, ela diz que tem uma vida ativa e não depende de ninguém, pois ainda dirige e vai para os lugares que quer e precisa sozinha.

#### 4 EXPERIÊNCIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO

Ao me questionar acerca do tipo de escrita que devia adotar, sendo eu uma pesquisadora mulher, também professora, e que minha trajetória de vida e experiência se entrelaça com a das participantes da pesquisa, engendrando novas narrativas, refleti a propósito da experiência considerando sua história.

Optei por uma maneira de escrever que não ignora o entrecruzar de minha experiência com a das professoras, seja por partilharmos momentos comuns, eu como aluna de uma delas, seja por partilharmos, em épocas diversas, uma cidade comum, Itaporanga, seja ainda por partilharmos uma profissão e um gênero comuns, mulheres professoras.

Pensar a experiência educativa dessas mulheres em conexão com a minha, remete-me a Anísio Teixeira (2010), o qual apresenta um esboço da teoria de educação do filósofo John Dewey, onde encontrei a concepção de experiência educativa como uma experiência inteligente, em que o pensamento participa, e por ele se percebe as relações e continuidades que antes não eram percebidas.

Para Dewey, segundo o esboço de Teixeira (2010), na linguagem popular, diz-se que aprendemos por experiência e que o processo da experiência atinge um nível de percepção das relações e das coisas, e que sempre acontece aprendizagem de coisas novas por meio desse processo.

Tal perspectiva nos apresenta a vida como um tecido de experiências, onde vivemos constantemente sofrendo e fazendo experiências, pois ela é toda uma longa aprendizagem. “Vida, experiência, aprendizagem- não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos.” (TEIXEIRA, 2010, p.37).

Dewey definiu a educação como uma categoria da vida que traz os resultados das experiências inevitavelmente vividas, afirmando que a educação acontece à medida que vivo minhas experiências inteligivelmente, entendendo-a “[...] como o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras.” (TEIXEIRA, 2010, p.37).

Destaco também a vertente que me faz refletir acerca da concepção de que experiência e informação não expressam os mesmos sentidos e que o sujeito da experiência é aquele que transcende a aquisição de informação, a partir de um

saber da experiência. Como pontua Souza (2007, p. 11), o saber da experiência é “[...] singular, subjetivo, pessoal, finito e particular ao indivíduo ou ao coletivo em seus acontecimentos. Isto porque a transformação do acontecimento em experiência vincula-se ao sentido e ao contexto vivido por cada sujeito.”

O sujeito da experiência é, portanto, “[...] um ator que se apodera de suas transformações, sendo afetado e afetando o que lhe acontece, produzindo marcas e implicando-se com sua itinerância.” (SOUZA, 2007, p. 11).

Nessa perspectiva, segundo esse autor, o sujeito da experiência é considerado como um ponto de chegada e de partida das suas vivências, transformando-se a partir dos saberes adquiridos pela experiência. Isso quer dizer que cada um vive suas experiências a partir de suas representações concretas e simbólicas, ou seja, para um mesmo acontecimento podem ser dadas diferentes dimensões, de modo que não necessariamente a mesma dimensão existencial atribuída por um será atribuída pelo outro. Nesse processo, as experiências ganham sentido quando o sujeito se transforma e aprende a partir de suas próprias marcas sócio-históricas.

Segundo Worcman (2006), atualmente deparamo-nos com o desafio de mudar e conquistar a história, na qual cada pessoa tenha direito à palavra, cada história seja contada escrita ou oralmente, tenha seu valor, e que a narrativa seja reconhecida como uma oportunidade de reconstrução da experiência vivida.

A autora reflete acerca do intenso fluxo de informações que recebemos e que nos leva à ilusão de que conhecemos a riqueza de nossa sociedade. Ela indaga sobre qual é a real diferença entre o mundo de hoje e aquele em que as pessoas não compreendiam que, além do horizonte, existiam outras culturas e pessoas que também eram humanas.

Atualmente as pessoas,

[...] associam as expressões “sociedade de informação”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade de aprendizagem” como se fossem sinônimas, como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação (LARROSA, 2002, p. 22).

Para o autor, uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível de acontecer, pois todas as possibilidades de experiência são canceladas por ela. Infelizmente, na atualidade,

percebemos que as pessoas estão em busca, cada vez mais, de informações; deixam de viver experiências, não são tocadas por elas, não permitem que nada lhes aconteça de fato. Pois, para Larrosa (202, p. 21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Em Larrosa (2001), observo que o ser humano é comparado a uma biblioteca, fonte singular de conhecimento, e que talvez nós não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. Mas, para contarmos o que somos, talvez nossa única possibilidade seja percorrer de novo as ruínas de nossa biblioteca, “para tentar aí recolher as palavras que falem por nós” (LARROSA, 2001, p. 22). Encontrar as palavras que falem por nós, compondo as diferentes visões, revela-se um exercício fundamental de cidadania, uma vez que testemunha nossa presença no mundo e nossa ação sobre ele, e apresenta-se como oportunidade inédita de tecer as memórias, dando sentido a esta presença e a esta ação.

Com isso em mente, propus articular as narrativas e incentivei as professoras a serem autoras de suas histórias, acreditando na importância de a narrativa histórica da sociedade de Itaporanga conter múltiplas vozes, incluindo, sem hierarquia, as histórias de vida dessas mulheres, em que cada uma delas será um ponto da teia social daquele lugar.

Meu interesse está no que foi lembrado pelas professoras para fazer perdurar a história de suas vidas, de forma que elas sejam reconstruídas com outros significados e possível redimensionamento. Tal como Bosi (2004), apoiei-me no conceito de “memória-trabalho”, com o qual se põe em dúvida a sobrevivência do passado tal como foi, levando-nos a pensar que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 2004, p. 57).

\*

Trilhando o caminho das experiências das pedras bonitas, entrelaçadas com as minhas, deparei-me com algumas temáticas latentes no percurso que provocaram novos caminhos.

Inicialmente, eu acreditava que a pesquisa enfatizaria a docência das pedras bonitas, suas formações e fazeres como professora e, conseqüentemente, as

contribuições que essas experiências pudessem trazer para a profissão docente de novas professoras.

Todavia, as experiências narradas e compartilhadas no percurso da pesquisa, instigaram-me a transcender a docência como um fazer exclusivamente pedagógico, tensionando a complexidade que se funde nas demais experiências cotidianas vividas no ambiente escolar e na vida pessoal, histórica e cultural dessas mulheres. O fazer educacional transborda a própria escola, ou seja, a própria docência, pois a prática docente não começa e acaba na escola.

Somos constituídos por nossas experiências, elas são parte de nós e nossa atuação no mundo depende delas, uma vez que “não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência.” (SCOTT, 1999, p. 27).

As experiências fizeram emergir fortemente as questões de gênero que permeiam a profissão docente e seus desdobramentos no âmbito social, as quais me possibilitaram “[...] compreender quais significações de gênero emergem em determinados contextos, através da noção de experiência, possibilita trabalhar com a subjetividade” (FIGUEREDO, 2013, p.3), e, no caso, compreender a relação entre gênero e educação.

Scott (1995) aponta que a palavra gênero tornou-se útil por oferecer um meio de diferenciar a prática dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens, tendo em vista que “[...] uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p.76).

Segundo a autora, embora o termo “gênero” marque o fato de que as relações entre os sexos são sociais, não diz acerca dos motivos pelos quais essas relações são construídas como são, tampouco diz como funcionam, como mudam.

Ainda que algumas abordagens tenham sido pinceladas já no século XVIII, até o final do século XX “gênero” ainda não havia sido conceituado como forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais.

O termo “gênero” faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (SCOTT, 1995, p. 85).

A autora apresenta a teorização do gênero apoiada na seguinte proposição: “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86), revelando, principalmente no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas, as significações de poder e de gênero que acabam por se construir reciprocamente.

Desta forma, é necessário que se redefina e reestruture o gênero, considerando uma “igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça” (SCOTT, 1995, p. 93).

#### 4.1 A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

A educação brasileira é fortemente marcada pela presença das mulheres. A feminização do magistério, bem como as questões ligadas à história das mulheres, suas condições de trabalho, as lutas por visibilidade, igualdade, resistências, superação, sua construção histórica, social e cultural, me coloca a pensar nas relações de poder estabelecidas e seus impactos na constituição da profissão docente, como narradas pelas pedras bonitas, quanto aos desafios daquela época:

[...] Na minha época tinha mais de 15 km da cidade, então não podia viajar diariamente (referindo-se ao trajeto da escola à cidade de onde ia para a faculdade) [...] então tinha que morar na escola. (AMETISTA, APÊNDICE C, 2015, p. 137).

Esmeralda, você lembra que nós íamos até o bairro dos Silvas juntas? Eu, você e outra professora? E eu ainda dava aulas num bairro mais para frente ainda. Dois anos dando aulas lá e quando chovia só faltava um bote para nos levar. (DIAMANTE, APÊNDICE C, 2015, pp.137)

[...] Eu fiz tudo com dez filhos e com muitas dificuldades [...] a gente passava até fome. (DIAMANTE, APÊNDICE D, 2017, p.158)

[...] quando eu tive oportunidade de passar no concurso para professora eu enfrentei a realidade. Deixei filhos, marido, eles me deram apoio muito grande, e fui pra lá (referindo-se a cidade de Piedade). (RUBI, APÊNDICE D, 2017, p. 156).

Em outra escola que dei aula, acho que foi no bairro Lageado, tinha buracos no chão da sala, da escola toda, um dia saiu uma cobra do chão e foi uma correria da criançada. Não foi fácil! (DIAMANTE, APÊNDICE D, 2017, p. 160).

Embora desde o final do século XIX se observe a presença feminina no exercício da docência, foi ao longo do século XX que, predominantemente, esta foi consolidada, especificamente na educação básica, em razão da expansão do ensino público primário.

Segundo Vianna (2001), nos últimos anos do Império (1860) as mulheres assumem a função de professoras, e assim participam do quadro de funcionárias públicas em diversas províncias. Os homens cada vez mais vão deixando as salas de aula nos cursos primários e há uma expansão no número de professoras formadas pelas escolas normais.

Contudo, “no século XX, o caráter feminino do magistério primário se intensificou a tal ponto que, no final da década de 20 e início dos anos 30, a maioria já era essencialmente feminina” (VIANNA, 2001, p.85).

Esse cenário é mantido por todo o século XX, e vem acentuar a presença das mulheres no mercado de trabalho em geral, visto as importantes transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas pelas quais passa o país.

Todavia, mesmo diante dessas intensas transformações e da predominância das mulheres na “[...] composição sexual da categoria docente, [...] a incorporação do conceito de gênero na análise da feminização do magistério brasileiro é um fenômeno bem mais recente” (VIANNA, 2001, p. 86-87).

O fator biológico, ou seja, as diferenças percebidas entre os sexos, tende a predominar nos trabalhos que abordam a presença das mulheres na educação, sem, contudo, discutir e considerar as relações de gênero. Relações estas que revelam, principalmente, as relações de poder socialmente constituídas, como se percebe, por exemplo, na definição dos lugares que ocupam mulheres e homens.

Safira e Rubi destacam em suas narrativas a posição ocupada pelos homens na educação da época, relacionadas à hierarquia, controle, respeito e medo.

[...] lembra que tinha aquele negócio que iam os supervisores, os diretores, as pessoas mais importantes da escola iam lá fazer exames para avaliar as crianças? [...] Aquele tempo era muito rigoroso. (SAFIRA, APÊNDICE C, 2015, p.141).

Muito respeito e medo, muito medo. Eu tinha muito medo! Não gosto nem de me lembrar disso. Eu, eu me achava muito pequena sabe, num sei se porque foi o primeiro dia de aula eu peguei uma classe de uma professora assim de muito gabarito né, mas ela perdeu e eu tinha acabado de me formar. Eu me senti assim muito pequena, e depois de uns dias eu percebi que o diretor estava me sondando, e

eu não tinha experiência nenhuma, eu não conseguia entender o porquê dele sondar. [...] Ah, isso é o cúmulo né? Realmente desnecessário. Pra que isso? (RUBI, APÊNDICE C, 2015, pp.150-151).

Almeida (2014) apresenta o cenário do século XX, em seus anos iniciais, momento em que os papéis tradicionais eram assumidos culturalmente e amplamente aceitos pela sociedade, sendo os limites de convivência entre os gêneros bem definidos, transmitidos e interiorizados com facilidade.

A identidade feminina, resguardada entre os vários segmentos sociais, era definida numa moldura cultural em que valores, normas, expectativas, imagens, regras, conceitos e preconceitos compunham o arcabouço social e determinavam os hábitos e costumes. Das mulheres esperava-se a permanência no espaço doméstico, o recato, a submissão, o acatamento da maternidade como a mais elevada aspiração. Dos homens, a atuação no espaço público, no mundo do trabalho, na política, o exercício da liberdade, inclusive sexual, a incorporação dos atributos de proteção e autoridade. (ALMEIDA, 2014, p. 68).

A mulher deveria adequar-se para viver em sociedade e ser agradável ao homem, e não poderia concorrer com ele profissional e intelectualmente, pois isso seria ultrapassar os limites da segurança social, e ela representaria um risco se lhe fosse dado liberar-se economicamente do marido ou dos pais e tornar-se igual intelectualmente. Tais posicionamentos são notados nos dizeres de Ametista, quando dá sua opinião sobre o exercício da docência pela mulher naquela época: “[...] não porque eu sou mulher, mas eu acho que as mulheres são mais dedicadas. No magistério sim” (APÊNDICE C, 2015, p.142).

A história mostra que, antes do século XIX, às mulheres cabia pouca instrução escolar, mediante normas sociais herdadas do colonialismo, as quais as impediam de ocupar espaços sociais, sair em público desacompanhadas ou exercer profissão remunerada.

A mentalidade vigente estendeu-se ao longo do Império, predominando ainda no período republicano. Assim, a educação oferecida às mulheres era elitizada, no sentido de que os pais optavam por educar suas filhas em sua própria casa, com professores particulares e religiosos.

À sombra dessas ideologias e mentalidades, a presença das mulheres no magistério foi fortalecida nos finais do século XIX, contudo, apesar da crença de

regenerar a sociedade, mantinha-se aquela da escola que domestica, cuida, educa e ampara.

Essa crença teve seu prolongamento nas décadas seguintes à Proclamação e, juntamente com as aspirações de unidade política e a proliferação de um discurso alvissareiro sobre a educação, colocou nas mãos femininas a responsabilidade de guiar a infância e moralizar os costumes. A figura da mulher atuante na escola-mãe que redimia e encaminhava para uma vida de utilidade e sucesso foi esculpida em prosa e verso. (ALMEIDA, 2014, p. 5).

Desta forma, fortalecia-se a feminização do magistério, amparada na visão da mulher-mãe-professora, responsável pela transmissão dos saberes e moralidade, “[...] qual mãe amorosa debruçada sobre as frágeis crianças a serem orientadas e transformadas por ensinamentos que possuíam a capacidade natural de desenhar destinos e acalantar [...]” (ALMEIDA, 2014, p. 5).

O século XX foi de grande importância para a história das mulheres, com o aumento da presença e da força no exercício do magistério, fortalecida com a formação das jovens professoras pelas escolas normais.

Contudo, nesse século, a posição social da mulher foi sofrendo transformações e a sua formação passou a ser pensada de forma mais cuidadosa, mesmo que permeada pela submissão ao homem e pela permanência no espaço da casa e cuidados com os filhos. “Apesar das iniciativas em favor da mulher e o reconhecimento da necessidade de educação para o sexo feminino para a sociedade urbanizada que ditava novas regras de convivência no espaço da cidade” (ALMEIDA, 2014), um caminho árduo haveria de ser percorrido.

Nesse século, houve grande procura pelas escolas normais, que formavam os profissionais para atender as demandas do Estado. A oferta experimenta uma nova extensão, o que possibilitou que mulheres de classe média frequentassem essas escolas e não somente as da elite, como anteriormente. “As cidades do interior viram florescer vários estabelecimentos de ensino para onde iam as filhas dos fazendeiros, dos ricos negociantes e profissionais liberais da região onde se localizavam.” (ALMEIDA, 2014, p. 69).

As mulheres, filhas da elite e dos abastados comerciantes e fazendeiros, foram beneficiadas com os colégios católicos, enquanto as jovens mulheres da

população menos abastada frequentavam escolas profissionais e recebiam a educação popular.

Surgiram as escolas públicas para a educação popular e, nessa época, a educação se ampliou quantitativamente, e começaram a ser inauguradas escolas por toda parte. Eram “[...] colégios católicos, escolas protestantes e escolas públicas, todas herdeiras de um mesmo pressuposto: educar as mulheres para tornar melhores os homens, instruir futuras mães para que contribuíssem para a grandeza da pátria” (ALMEIDA, 2014, p. 70).

Nesse cenário educacional, permeado pela expansão das escolas normais voltadas para a educação feminina, na qual as mulheres se formassem para as funções de educar e instruir as futuras mães, esposas e donas de casa, capazes de promover a educação da família, as escolas tinham como missão formar professoras para um desempenho pedagógico firmado no humanismo, na competência e nos valores sociais: “[...] as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras” (ALMEIDA, 2014, p. 70).

Inseridas no mercado de trabalho, porém vivendo sob as ideologias da destinação vocacional para educar a infância, as mulheres, ao longo do século XX, foram ocupando os espaços escolares como professoras, e o magistério foi sendo cada vez mais marcado pela presença feminina. Diferentemente, os homens buscaram outros rumos, afastaram-se do exercício das aulas e galgavam cargos nas chefias e administração escolar.

As mulheres professoras sofreram rapidamente os efeitos do capitalismo, o que as levou a acumular aulas em várias escolas, a fim de aumentar seus ganhos, haja vista as necessidades postas pela sobrevivência. Sob a luz do sistema capitalista, as salas de aulas sofriam os impactos, e as professoras se submetiam a condições de trabalho conflituosas e violentas.

Esmeralda nos apresenta sua jornada de trabalho e “caridade” permeada por falta de condições estruturais:

[...] de dia eu dava aulas pra crianças e de noite dava para adultos, concomitante, graciosamente, sem ganhar nada, não remunerado, debaixo de lanternas, não tinha luz elétrica [...] E era assim, nem carteira tinha. Era uma carteira pra lá, tábua aqui; de noite com lampião [...]. (APÊNDICE C, 2015, p. 138).

Com a crença fortemente perseguida, durante o século XX, de que a mulher deveria atender as idealizações de pureza, redenção e amor ao próximo, tidas como suas características inatas, fortaleceu a importância feminina na educação escolar, a qual

[...] significasse cuidar de alguém, doar-se com nobreza e resignação, e servir com submissão, qualidades inerentes às mulheres, premissas com as quais também se afinavam profissões ligadas à saúde, como enfermeira ou parteira. (ALMEIDA, 2014, p. 66).

Com a instrução, as mulheres podiam exercer o magistério sem fugir das funções de regenerar a sociedade, beneficiar o lar, o bem-estar do marido e dos filhos e, por meio desses, a pátria, enquanto o homem mantinha-se ocupando o lugar de provedor da família.

Deixei filhos, marido, eles deram apoio muito grande, e fui pra lá, mas logo voltei. Fiquei seis meses. Não tirei sequer um dia de licença. Consegui ficar todo tempo. Além da escola do bairro, o diretor me fez ficar com uma classe que a professora tinha ficado doente de tão danadas que as crianças eram, e eu sem experiência por tantos anos sem dar aulas, mas Deus me deu forças. Eu ia no domingo a noite e voltava na sexta-feira a noite. Minhas crianças ficavam com minha irmã. Foi uma experiência muito boa que eu tive. Deus me deu muita força. Depois voltei pra cá, não dei nem aula no sítio. Fui direto pra escola Vicente Russo e lá fiquei. Assim que me formei também peguei classe na cidade. Deus tem me abençoado muito na jornada (RUBI, APÊNDICE D, 2017, p.156).

Rubi nos mostra em suas narrativas, que educar era então considerada uma ação de cunho solidário, sagrada, de cuidados dispensados a outrem sem merecer nenhum tipo de retribuição, visto que as mulheres deveriam servir com submissão e cumprir a missão que lhes fora dada como destino desde o nascimento. Esse pensamento arraigou-se por décadas na mentalidade social brasileira.

No Brasil, nos anos após a Proclamação da República, “[...] a necessidade de universalizar o ensino através da democratização da escola primária se conjugou com a ideia de dar uma destinação profissional às jovens de poucos recursos.” (ALMEIDA, 2014, p.67).

Nesse cenário, a estratégia foi a criação de cursos preparatórios de formação oferecidos pelas escolas normais, idealizadas anteriormente nos anos 70 do século XIX. Algumas dessas escolas instruíam e habilitavam as moças que desejavam ser

professoras, principalmente as órfãs, que necessitavam de uma profissão para não cair na dependência financeira de algum familiar.

Do espaço privado do lar ao espaço público escolar, as mulheres passaram a dominar o magistério para crianças. Contudo, esse espaço público ainda domesticado atendia às aspirações da sociedade de que nele as mulheres deveriam estender as atribuições há muito tempo desempenhadas no lar.

Todavia, as possibilidades de se libertarem economicamente por meio do exercício do magistério levaram muitas mulheres a buscar pela profissão, “[...] mesmo que isso representasse a aceitação da profissão envolta na aura da maternagem e missão.” (ALMEIDA, 2014, p. 98). Nas palavras da autora,

[...] paulatinamente, o trabalho feminino deixou de ser contingencial e ditado apenas pelos atributos de vocação e missão, tornando-se, no cenário econômico do século XX, uma exigência ante os tempos que corriam, não somente pela profissão em si, como em relação ao ingresso financeiro. (ALMEIDA, 2014, p. 77).

Com a inserção das mulheres no espaço profissional, responsáveis pela educação da infância, as primeiras décadas do século XX foram marcadas pelos primeiros movimentos de lutas pela liberdade feminina.

O exercício do magistério como profissão ou propulsor da ascensão social é observado quando

[...] Essa classe via no magistério uma possibilidade de ascensão social, e as jovens normalistas e futuras professoras principiaram a desfrutar de maior liberdade pessoal, advinda do exercício da profissão que, envolvida numa aura de respeitabilidade, permitia sua profissionalização sem maiores problemas, instalando-se, em pouco tempo e de forma definitiva, sua completa feminização (ALMEIDA, 2014, p. 76).

Assim, o magistério foi o ponto de partida, em meio ao contexto social e político no qual as professoras primárias do século XX viviam, tirando-as do espaço privado e inserindo-as no espaço público, redimensionando o caráter de invisibilidade para sua presença, que fugia dos serviços domésticos aos quais estavam submissas, julgados como reduto privilegiado de feminilidade. (ALMEIDA, 2014).

Mesmo assim, o magistério, considerado então trabalho intelectual e assalariado, era visto como profissão ideal para as mulheres, que mesmo ocupando o espaço público, era capaz de conciliar as demais atribuições domésticas e “[...]”

conferia mobilidade social, maior liberdade e respeito entre as classes trabalhadoras e possibilitava bem-estar econômico.” (ALMEIDA, 2014, p. 76). Isso era muito mais do que tinham até então.

Nas décadas de 1950 e 1960, época em que as professoras estavam no início de suas carreiras docentes, destaca-se diferentes aspectos da escola primária paulista, ressaltando “[...] traços marcantes de uma identidade institucional assentada em princípios e valores consagrados a partir do amálgama de vários elementos consolidados ao longo do século XX” (SOUZA, 2009, p. 352).

O ensino estava centrado na transmissão das noções elementares, o cumprimento dos programas era uma preocupação permanente dos professores e uma prioridade, os exames eram formais e ritualizados, a relação professor-aluno era baseada numa rígida disciplina pautada pela autoridade, respeito e obediência, a burocracia era de controle e vigilância. Isso permeava todos os âmbitos do sistema escolar. (SOUZA, 2009, p. 352)

Seguindo as proposições de Souza (2009), percebo características marcantes que permearam a prática, a vivência e o constituir-se professora dessas mulheres, como a autoridade na postura da professora Esmeralda enquanto docente e diretora de escola, as formas de aplicação dos exames aos alunos pelos supervisores, formas de ingresso no curso ginásial, a valorização da disciplina de educação Moral e Cívica, que ditava normas de disciplina e comportamentos para o corpo, especialmente da mulher e outras representações de autoridade.

[...] para a gente entrar no ginásio tinha que fazer exame de admissão. [...] quando eu dava aulas para o segundo grau, aulas de Educação Moral e Cívica, ensinava comportamento, como sentar-se a mesa [...] nas aulas de Educação Moral e Cívica elas aprendiam muita coisa, ajudava muito, mas depois tiraram (DIAMANTE, APÊNDICE C, 2015, p. 141-142)

[...] eu também ensinava elas sentarem, e todas usavam saias, a se comportar. Minha sobrinha A. eu dei aula para ela na 4ª série, até agora ela fala que eu ensinei muita coisa que hoje passa batido; [...] e outra coisa que também ensinei muito foi a utilizar o lápis, o caderno sem estragar, eu apontava o lápis de todo mundo e falava “desenhar é só a hora que eu mandar”, tem que ocupar desde a primeira linha até a última e contava, são tantas linhas, tantas folhas, se vocês perderem tantas folhas [...]; Eu nunca castiguei alunos, mas eu era exigente com eles. Cheguei a ver colega minha deixar aluno estudando a cartilha de joelho no grão de milho na hora do recreio, isso é duro, na hora do recreio, todos lá comendo, brincando e estes lá ajoelhados no grão de milho de castigo. (ESMERALDA, APÊNDICE C, 2015, p. 142).

No exercício da profissão, as mulheres professoras tiveram maneiras próprias de ensinar e de trabalhar com as crianças que a elas eram confiadas. Estavam firmadas em concepções resultantes do contexto histórico, cultural, social e educacional da época em que foram educadas, estudaram e foram se constituindo professoras.

Quanto à formação, atualização dos conhecimentos, realização de cursos de aperfeiçoamento, capacitação em serviço, percebo, a partir dos relatos, que as professoras tinham praticamente o curso de formação do magistério como único processo formador.

É tinha sim, com muita dificuldade. [...] olha, curso além do magistério eu nunca fiz. Eu até fui dar aula na igreja, mas nunca participei de nenhum curso de formação. (RUBI, APÊNDICE C, 2015, p. 145).

Eu fiz curso em São Paulo, assim, para ganhar ponto. [...] Isso mesmo, fazia em suas férias! Era de interesse do professor, quem não quisesse não era obrigado não. [...] era interesse do professor, se ele quisesse ficar parado ficava, se não quisesse tinha que ir para São Paulo fazer os cursos. (SAFIRA APÊNDICE C, 2015, p. 145-146).

É, eu fiz também em São Paulo e em Itapeva. [...] os cursos eram dados nas férias. [...] a gente parava em uma pensão em Itapeva para fazer os cursos. (ESMERALDA, APÊNDICE C, 2015, p. 145).

#### 4.2. “ERA POR VOCAÇÃO, UMA MISSÃO...”

O magistério, pela especificidade da qual se revestia representada pelo cuidado de outrem, foi talvez uma das maiores oportunidades para se atingir esse equilíbrio (equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter) por ser adequado às mulheres no desempenho do papel de regeneradoras da sociedade e salvadoras da pátria, além de ser aceitável, em termos sociais, trabalhar como professora. (ALMEIDA, 2007, p. 84).

Ao realizar o primeiro encontro com as professoras, uma das questões abordadas se referia ao exercício da docência como profissão ou como representação de *status* social. Propus a elas pensarem sobre o início da carreira, se estava relacionada ao exercício da profissão como um trabalho em si, como uma forma de atingir um certo status social por meio da docência.

As seis professoras, quase em coro, unanimemente responderam que para elas o exercício da profissão docente estava ligado à vocação, caridade.

Uma delas, Esmeralda, complementou dizendo que para ela era “[...] pura vocação, uma missão, e isso era percebido nos trabalhos que a gente fazia” (APÊNDICE C, 2015, p. 140).

Persisti na questão, justificando que gostaria de saber mais acerca disso, pois é sabido que muitas mulheres, naquela época – e ainda hoje –, saíam de casa para o mercado de trabalho se deparando com muitos enfrentamentos, além da busca pelo trabalho remunerado que acabava por auxiliar o marido nas despesas com a casa e os filhos. E também, por ser uma profissão benquista na época, as mulheres podiam ter seu espaço conquistado fora do lar, sem sofrer os preconceitos que as outras profissões carregavam.

Muitos relatos das pedras bonitas buscavam justificar suas ações, como se as práticas que exerceram fossem legitimadas por uma tendência natural da mulher, como se fosse possível realizá-las sob o jugo de um sacerdócio, de um despreendimento das dificuldades, a fim de alcançar o objetivo proposto, no caso ser professora.

Só pra você ter uma ideia, eu trabalhava com três séries, segunda, terceira e quarta séries, uma única lousa. [...] a gente levava criança até pra casa da gente para ensinar. (AMETISTA, APÊNDICE C, 2015, p.141).

[...] eu também, elas (as crianças) iam em casa. Vinham do sítio a cavalo. Eu cheguei a pegar criança com dificuldades e alfabetizar em apenas seis meses. (RUBI, APÊNDICE C, 2015, p.141).

Sofri, tinha que fazer tudo, pois não tinha nada, nada, nada (referindo-se aos materiais). (SAFIRA, APÊNDICE C, 2015, p. 141).

Eu não tinha lousa, mas tinha uma janela lá na escola, eu comprei tinta de tingir roupa, passei na janela para fazer uma lousa, pois não tinha nem lousa para ensinar. (ESMERALDA, APÊNDICE C, 2015, p.141).

As narrativas apresentam as dificuldades das professoras com uma certa naturalização, sendo que receber as crianças em sua própria casa, a inexistência ou os poucos recursos materiais, a falta de condições mínimas para realizar o trabalho, são aceitos como intrínsecos da profissão vocacional, uma missão ancorada nos moldes propostos pela sociedade da época.

Tais modelos são frutos do pensamento da época, fortemente marcado pelas ideias de que as mulheres tinham uma vocação, gostavam de crianças como uma

pessoa próxima da família, a 'tia', mulher capaz de cuidar com acalento como se cuidasse dos próprios filhos ou até mesmo capaz de renunciar a própria vida particular para dedicar-se à profissão.

Assim, exercer a maternidade, cuidar de alguém com bondade, ser amorosa e renunciar a seus anseios e desejos pessoais, até mesmo àqueles referentes à sua existência como pessoa de direitos, permaneceram como atributos das mulheres, favorecendo sua inserção no mercado de trabalho, sem, contudo, deixar de atender aos princípios de domesticidade e submissão a que estavam sujeitadas.

No cenário do século XX, as mulheres deram passos significativos na conquista do espaço público, mesmo sob a forte crença, ainda que ilusória, herdada pelo imaginário republicano, de atribuir o poder da escola à “[...] destinação vocacionada feminina para educar a infância”. (ALMEIDA, 2014, p. 57).

Essa crença, segundo Almeida (2014), permaneceu durante todo o século XX. Por meio dela, idealizava-se a mulher como provida de “[...] potencial de redenção pela pureza e amor ao próximo, atributos dos quais as mulheres eram/são possuidoras, e teve o efeito de maximizar a importância feminina na educação escolar” (ALMEIDA, 2014, p. 57).

Para a autora, o magistério primário foi a chance das mulheres se sustentarem, pois sem a obrigação de casar-se era necessário angariar meio de sobrevivência que fosse ao mesmo tempo digno e que não representasse um trabalho braçal. Sendo professora, via-se a possibilidade de cuidar de crianças e ao mesmo tempo ser 'maternal', uma maneira de desempenhar sua missão de acordo com o imaginário social.

Diante disso, as narrativas anunciam as dificuldades e os enfrentamentos das professoras como “provas da vocação”, legitimando o exercício da docência pela vocação, que se tinha ou não, sem considerá-la uma profissão.

#### 4.3 ANJOS, SANTAS E MARIAS: MULHERES E A RELIGIÃO

Imbuídas de funções maternas e inculcadas pelos atributos de missão, vocação e sacerdócio, ao exercer o magistério as mulheres prolongavam suas funções maternas e ao mesmo tempo instruíam e educavam crianças, o que acabou contribuindo para a aceitação da profissão, sendo que o magistério era “[...] a

profissão ideal em vista destas possuírem moral ilibada, sendo pacientes, bondosas e indulgentes para lidar com os alunos.” (ALMEIDA, 2014, p.76).

O magistério era uma profissão exaltada não somente para as mulheres, mas também para os homens, porém a conotação de dever sagrado esteve sempre ligada à ideia da profissão de professora.

As práticas sociais que situam o papel da mulher exclusivamente no privado foram fortalecidas pelo sistema patriarcal e, ao longo da história, pela religião cristã, consolidando o exercício do poder pelos homens.

As mudanças nessas práticas sociais foram acontecendo no decurso do tempo, o que leva a compreender que as transformações estruturais sociais acontecem lentamente.

As conquistas das mulheres no exercício da profissão docente não se deram de maneira natural, como muitos pensam; elas aconteceram sob fortes polêmicas, pois para muitos parecia insensatez confiar às mulheres, geralmente despreparadas e portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos”, pelo seu “desuso”, a educação das crianças (SAFFIOTI, 1981).

As argumentações em sentido oposto afirmavam que as mulheres tinham ‘por natureza’ um destino inato para o trato com as crianças, que eram sem dúvida as primeiras educadoras naturais e que dariam conta da educação dessas crianças.

Filhos e filhas espirituais, assim eram denominadas as crianças que estavam sob a educação das mulheres. Exercer a docência era reconhecido como extensão da maternidade na visão vocacionada da época e, todavia, não contrariava a função feminina, somente ampliando-a e sublimando-a.

Almeida (2007, p.66) aponta que a religião de qualquer origem sempre influenciou os comportamentos femininos, principalmente o catolicismo, que atribuía às mulheres o modelo de Maria, virgem e mãe. Outras religiões, como o protestantismo, mantêm seus ideais pautados nas abstenções como meio de atingir a perfeição, e o islamismo infringindo ao sexo feminino as mais dolorosas humilhações e proibições de liberdade individual.

No Brasil, há de considerar a miscigenação religiosa, que se estende desde a religião de origem africana trazida pelos escravos, a religião indígena dos naturais da terra, acrescidas ainda por crenças asiáticas, estruturando-se assim um misticismo de várias faces (ALMEIDA. 2007).

A história apresenta a importante influência da religião nas relações de poder e desde os tempos coloniais, a Igreja Católica garantia grande poder por meio de técnicas eficientes de controle ideológico da população sob a égide da fé religiosa.

No século XIX, a religião era o fundamento pelo qual se apoiavam as aspirações, os costumes, as tradições, a política, a vida social e a economia. “Sob sua sombra onipresente construíam-se as identidades e normatizava-se a vida social e a sexualidade. Transgredir as normas religiosas também era transgredir as regras da sociedade, da política e da economia” (ALMEIDA, 2007, p. 81).

Nos anos iniciais do século XX, os pensamentos das elites intelectuais no período republicano, reforçavam as ideologias de que a educação para a mulher residia na necessidade de transmitir a moral, os bons costumes, e de torná-las guardiãs da virtude e da religiosidade. (ALMEIDA, 2007)

Almeida (2007) traça um panorama da religião em relação à educação e os contextos sociais, apresentando a crença de que ela ocupa lugar determinante na vida humana “[...] e insere-se na cultura como aspecto importante no delineamento da identidade de um povo” (ALMEIDA, 2007, p. 76).

Tanto no campo quanto na cidade, as mulheres foram as principais destinatárias da ideologia religiosa e as fiéis transmissoras dos papéis sagrados da ordem, da moral e dos preceitos cristãos.

Do princípio até a metade do século 20, as expectativas sobre a conduta feminina, as doutrinações religiosas impostas pela Igreja Católica, as implicações na sexualidade, o controle de feminilidade e as normatizações sociais, aliadas às exigências de casamento religioso, o batismo dos filhos e a confissão dos pecados também significavam uma exacerbada vigilância do corpo e da alma das mulheres (ALMEIDA, 2007, p. 82).

As ideias da autora afirmam que a religião é uma das armas mais eficazes para manter a servidão, e o cristianismo talvez “[...] tenha representado a mais efetiva forma de controle do corpo e da alma acobertada pela louvação à maternidade e à sacralidade dessa missão” (ALMEIDA, 2007, p. 80).

No contexto social, a religião permaneceu orientando a existência feminina. A religião católica, amparada em suas normas repressoras, que vigiava os corpos e delineava mentes de acordo com sua ideologia; a protestante, com seu espírito alicerçado na ética, na moral e na obediência, ambas pouco divergindo entre si

quanto às expectativas acerca dos papéis reservados a homens e mulheres. (ALMEIDA. 2007).

A imagem feminina era traçada de acordo com os padrões sociais, tendo suas marcas impressas na sexualidade, construindo uma pureza por meio da normatização dos corpos e mentes.

Esse modelo normativo de mulher, que teve sua criação no século XIX, inspirado nos cânones do cristianismo, revelava a cultura da época, valorizava virtudes como castidade e abnegação e retratava uma mulher construída nos moldes da religião e da sociedade, instalando a desqualificação da mulher do ponto de vista profissional, político e educacional (ALMEIDA, 2014).

Segundo a autora, a qualificação do papel feminino era buscada na religião e nas metáforas e analogias que definiam a mulher como mãe, com as classificações religiosas de santa, anjo de bondade e pureza, considerando a crença que todas as mulheres deveriam possuir para serem dignas de se relacionar com os homens e com eles gerar e criar seus filhos.

A Igreja Católica associaria a figura da mulher santa, feita à imagem de Maria, à pureza de corpo e espírito, enquanto a mulher desviante, transgressora, principalmente a prostituída, seria ligada à maldade, à perfídia, ao pecado e à decadência [...] ambas deveriam ser submissas e dependentes (ALMEIDA, 2014, p.64).

A igreja católica disseminava as ideias de que as mulheres deveriam permanecer próximas à igreja e viver conforme suas normas e regras, caso contrário alguns privilégios não poderiam ser estendidos a elas, como, por exemplo, batizar seus filhos e receber as bênçãos dadas pelos padres. Não deixava de ser uma forma de pressão para adestrar os corpos, principalmente a sexualidade feminina, que se não fosse mantida em harmonia poderia comprometer o equilíbrio da família e do grupo social.

Até a metade do século XX, as expectativas sobre a conduta feminina, as doutrinações religiosas impostas pela igreja católica, as implicações na sexualidade, o controle da feminilidade e as normas sociais, aliadas às exigências de casamento religioso, o batismo dos filhos e a confissão dos pecados, também significavam uma intensa vigilância do corpo e da alma das mulheres.

Às mulheres não cabia outro destino senão o de casar e ser mãe, como sinônimo de sua salvação. Aquelas que por ventura fugissem das regras impostas

pela sociedade e igreja, com comportamentos fora dos padrões cristãos, eram consideradas transgressoras, e no temor de que isso acontecesse, as moças desde muito novas eram preparadas para o casamento, seja nos moldes da igreja católica ou protestantes (ALMEIDA, 2014, p. 63).

As escolas católicas prosperavam cada vez mais, pois se acreditava que sem a educação religiosa nas escolas, as mulheres poderiam ficar vulneráveis ao pecado e isso interferiria no lar católico sustentado em princípios cristãos. Essa crença de que a religião seria um bem para as mulheres foi mantida pela igreja e pelos católicos mais conservadores.

#### 4.4 AS MARCAS DA IDADE NAS MEMÓRIAS DOCENTES

Retomando a questão do envelhecimento – que pensei inicialmente abordar como um eixo da tese, mas que, com o andamento da pesquisa, foi sofrendo desvios em proveito de outras questões e interesses –, pretendia fazer aquilo que, segundo Stano (2001, p.16) seria uma investigação do tempo intrínseco de professores no curso de seu envelhecimento, “[...] a fim de desvelar as possíveis marcas da profissão na gestão/vivência da velhice.” Tempo intrínseco que ultrapassa as condições determinantes biológicas do processo de envelhecimento e considera as determinações dos ambientes físico e social, que considera os fatos e circunstâncias no decorrer do curso de vida (NERI, 1995).

No primeiro encontro, perguntei a elas como consideravam, após ter exercido a docência por longos anos, e agora, com a atual idade, quais eram os impactos na vivência dessa fase que elas viviam. Quis saber também qual era a relação em ter exercido a docência na atual gestão da velhice.

Elas relataram que o que restou é só saudades e que se pudessem fariam tudo de novo, mesmo tendo que enfrentar todos os percalços e desafios que enfrentaram.

Ametista acredita que tudo que passou foi gratificante e muito bom enquanto durou, ressaltando que profissionalmente faria tudo de novo.

As narrativas que emergem da referida questão estão mais relacionadas à saúde, com relata Esmeralda: “meu processo de envelhecimento é normal: não

tenho dores, não tenho enfermidades como: diabetes, tireoide, triglicérides, colesterol, etc. graças a Deus.”

Topázio escreveu: “[...] tenho uma vida ativa, não dependo de ninguém para me ajudar.” Já Rubi disse que, para ela, “[...] o processo de envelhecimento é natural e isso aceito com segurança, me sentindo muito amada por Deus e por toda a família e amigos.”

Segundo Stano (2001, p. 8),

[...] compreender o modo como vem sendo gestada a velhice das professoras é um modo de subverter a naturalização das injustiças sociais, das efemeridades que condicionam o ser humano a processos empobrecedores da vida.

As narrativas nos apresentam formas de viver a velhice, nas quais elas se sentem acolhidas, amparadas pela família, amigos e pela comunidade onde vivem, mostrando indícios da valorização e cuidados relacionados ao respeito pela docência.

Para Debert (1994), a velhice, por ser uma construção social, está sendo inventada.

Ametista destaca que hoje em dia quem diz ‘velho’, menosprezando a pessoa, não são pessoas educadas e falam por maldade. Tais comportamentos podem estar atrelados à construção social da concepção de velhice, realçadas principalmente pela mídia, que

[...] estereotipam a velhice como algo feio, doloroso e sofrido (meramente biológico) ou considera o ser em envelhecimento um modelo para sua própria negação, ou seja, adiando, por meio de produtos de consumo e de um estilo de vida que não considera o curso de vida [...] a mídia e a propaganda vem criando uma imagem de velhice em que se desconsidera as singularidades de seu curso, modificando e impingindo perspectivas novas ao envelhecimento (STANO, 2001, p.150).

Quanto à aposentadoria, considerada como conquista, recompensa pelo tempo trabalhado, representa o afastamento das professoras de um espaço que lhes conferiu um determinado perfil ou identidade profissional. Para a autora, “[...] a qualidade e a forma de viver a aposentadoria são marcadas pela qualidade e pela maneira de viver o exercício profissional nos tempos de produtividade aliada ao seu valor de mercado” (STANO, 2001, p. 29).

As pedras bonitas continuam construindo espaços de existência, sendo que a gestão da sua velhice está permeada pelas experiências do cotidiano passado que foram ressignificadas. O tempo vivido está presente em suas sutis ações do cotidiano atual, nas participações na sociedade, na família, na criação das netas, como no caso de Ametista; ou exercendo outras atividades em que seus conhecimentos são necessários, como no caso de Esmeralda na matemática, que a exercita na administração financeira da loja do irmão; na rotina diária de Topázio que dirige para lá e para cá, entre a cidade e o sítio; nos movimentos da igreja que Rubi lidera, e nas memórias tão vivas de Diamante e Safira.

[...] o privilégio de ser professora pela própria possibilidade de esta carreira permitir um levar para o tempo da aposentadoria o sentido da realização de ações significativas, que refletiram na maneira de organizar o cotidiano no envelhecimento, configurando-lhe modos singulares de estar-no-mundo. (STANO, 2001, p. 108).

Embora as professoras não tenham se estendido nas respostas, sinto uma potência contida em suas narrativas. Um dia essas mulheres estiveram visíveis em um espaço público e, agora, no espaço privado, em seus quintais com árvores frutíferas, suas salas de estar lendo ou fazendo tricô, em suas cozinhas amassando pães, assumem um ser e estar no mundo modificado, mas entrelaçado com aquilo que realizaram por longos anos.

Diante do apresentado, surpreendo-me com Rubi, a professora que diz não se lembrar de quase nada, quando afirma: “[...] minha querida, você deixou os velhos até agora falarem o que eles nunca tinham falado, saíram de suas tocas para falarem, nós estávamos esquecidas” (APÊNDICE C, 2015, p.152).

A escuta cuidadosa da qual me vali, procurando ser respeitosa na relação ali estabelecida, foi trabalhada com essas mulheres não apenas por partilharem a profissão docente, mas também por carregarem em seus modos, discursos e no próprio cotidiano um traço cultural comum: são as pedras bonitas da cidade de Itaporanga, cidade onde cresci e me eduquei, inclusive na presença de muitas delas, as quais fizeram parte da minha história e deixaram marcas na minha constituição pessoal e profissional.

## 5 A EDUCAÇÃO EM ITAPORANGA: MULHERES, PROFESSORAS E PEDRAS

Após apresentar a mulher nos diversos contextos – histórico, social, cultural, político – de ideologias e mentalidades a partir do século XIX, perpassando a história das mulheres na profissão docente e a feminização da carreira do magistério, dialogando com as mulheres professoras de Itaporanga, em suas condições de estudo e trabalho, mulheres que tinham a crença em sua atuação docente como missão, vocação e sacerdócio, e mantinham-se firmadas nos princípios religiosos, venho, por fim, apresentar neste trabalho suas experiências como pedras que se constituíram nesse cenário educacional.

### 5.1 PEDRA ESMERALDA, "MINHA VONTADE ERA SER PROFESSORA"

Em uma de suas narrativas, Esmeralda revela que desde menina seus familiares queriam que ela ensinasse os parentes que moravam no sítio, mesmo sem ter a formação de professora. Essa era uma prática que vinha já desde o século XVIII, continuou no século seguinte, alcançando boa parte do século XX, em que professores leigos ministravam as primeiras letras a meninos e meninas, em razão da carência de mestres no período, principalmente nas grandes fazendas que floresciam no interior da província e nas pequenas cidades (ALMEIDA, 2007).

Esmeralda ressalta as lutas enfrentadas para poder ingressar no curso de magistério, dizendo que isso só foi possível graças à colaboração de Violeta, que tinha sido sua professora de desenho e inglês e era diretora de escola na época. Violeta a incentivara para que cursasse o magistério, porém, por causa do emprego que Esmeralda tinha na época, não autorizaram sua saída para realizar o curso. Foi preciso que dona Violeta intervisse junto aos supervisores do banco onde Esmeralda trabalhava, para que ela conseguisse a autorização, sob a condição de ir somente aos sábados realizar as provas. Durante o primeiro ano, foi esse o percurso de Esmeralda, conciliando estudo e trabalho. Somente no segundo ano do curso ela conseguiu dispensa para frequentar as aulas, isso sob a ameaça de ela deixar o trabalho caso não a autorizassem.

Já atuando como professora, Esmeralda se manifesta contrária às realizações de comemorações na escola e me leva a pensar nas datas comemorativas contidas no calendário das escolas até os dias de hoje.

[...] eu acho que tinha e tem muita comemoração na escola, e isso implica em tudo, tempo para criança, tempo para o professor, comunicação com os pais, eu não concordo. [...] No nosso tempo a gente passava, era pouca comemoração e dava tempo de trabalhar. Dava aula, compensava. Então, pra eu falar bem a verdade, eu não gostava quando tinha comemoração, porque a gente tinha que trabalhar com as crianças, e parar de dar aula e fazer as outras coisas. Então eu achava que se tivesse a explicação da aula e tudo ali, era mais fácil. Eu acho que a escola tem que ensinar, e essas comemorações, esses projetos tiram o foco do professor e se perde muito tempo, não que não sejam importantes, mas os conteúdos são mais, o que eles aprendem lá na escola dificilmente será visto em outro lugar do jeito que o professor explica. As outras coisas eles tem a vida inteira pra ver. (APÊNDICE C, 2015, p.149).

De acordo com Souza (2009), desde o início da República, o Estado patrocinou cerimônias de comemoração das festas nacionais, como desfiles, alvoradas, paradas militares.

No século XX, as festas podiam fazer com que a população tivesse interesse pela escola e, assim, ser meio para dar publicidade à ação educativa, pois tais festas adquiriram caráter educativo.

Ao longo desse século, essas festas e comemorações escolares continuaram sendo anualmente celebradas, fazendo parte do calendário anual de festas da escola, visando integrar a família e a escola.

Esmeralda mostra, por meio de uma fotografia, que a semana das crianças era comemorada com festividades na escola, das quais ela mesma participa no ano de 1944 como aluna.

Embora a semana da criança devesse ser uma proposta pedagógica para evidenciar a criança no centro do processo educativo, Souza (2009) revela que

[...] era comemorada não como uma exaltação da criança em si mesma com atividades voltadas para o entretenimento e satisfação dos escolares, e sim, grande parte, em mais uma oportunidade de transmissão de valores e normas de conduta entremeada com passeios, distribuição de doces e lembranças. É uma festa dos adultos celebrando a infância. (SOUZA, 2009, p. 300).

De um modo geral, as festas escolares, como o Dia da Árvore, Dia dos Animais, festa de encerramento do ano letivo e as comemorações cívicas foram consideradas rituais institucionalizados nas escolas públicas ao longo do século XX.

A essas tradições inventadas foram incorporadas outras ao longo do tempo, como a Semana da Criança, Semana de Caxias, o Mês da Bandeira nas décadas de 1930 e 1940 e a entrega do primeiro livro, a Festa Junina, entre outras, nas décadas de 1950 e 1960. As festas cívicas e nacionais alimentaram o imaginário político, o nacionalismo e a memória nacional (SOUZA, 2009, p. 307).

Nessa perspectiva, a autora diz que essas festas, assim como toda festa,

[...] eram momentos especiais, rituais de conagração e compartilhamento de sentimentos e valores comuns. Integração, identidade, memória [...] nos momentos de festa a escola se abria, sem reservas, à sociedade, ganhando a rua, invadindo a praça, revelando-se à cidade. Da mesma maneira, abria suas portas para receber as famílias como convidadas de honra [...] (SOUZA, 2009, p. 308-309).

Esmeralda explicita essas intencionalidades quando narra que, nesses dias, mesmo sendo contrária e insatisfeita com as festividades na escola, numa comemoração que ela acha ter sido em homenagem às mães, preparou as crianças em duplas para cantar e discursar para as suas famílias (APÊNDICE C, 2015).

Ela traz ainda, dentre suas narrativas, o empenho em ministrar o curso de adultos: “Era assim, de dia eu dava aulas pra crianças e de noite dava para adultos, concomitante [...]” (APÊNDICE C, 2015, p.138).

É sabido que a história de educação de jovens e adultos no Brasil não é nova e tem seus primeiros vestígios durante o processo de colonização, após a chegada dos padres jesuítas, em 1549, que se voltaram à catequização e instrução de adultos e adolescentes, tanto de nativos quanto de colonizadores, diferenciando apenas os objetivos buscados para cada grupo social.

Haddad (2000, p.108-109) diz que

[...] já no período colonial os religiosos exerciam sua ação educativa missionária em grande parte com adultos. Com a desorganização do sistema de ensino produzido pela expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, somente no Império voltaremos a encontrar informações sobre ações educativas no campo da educação de adultos. O direito que nasceu com a norma constitucional de 1824, estendendo a garantia de uma escolarização básica para todos, não passou da intenção legal. A implantação de uma escola de qualidade para todos avançou lentamente ao longo da nossa história.

Segundo o autor, foi somente no final da década de 1940 que a educação de adultos veio a ser considerada um problema de política nacional, mesmo que no período anterior se percebesse as reais condições para que isso viesse a ocorrer.

O Plano Nacional de Educação de responsabilidade da União, previsto pela Constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória. Esse ensino deveria ser extensivo aos adultos. Pela primeira vez a educação de jovens e adultos era reconhecida e recebia um tratamento particular (HADDAD, 2000, p. 110).

Contudo, na década de 1950, a educação de Jovens e Adultos veio a sofrer duras críticas pelos métodos usados, o que acabou levando à sua extinção, por não obter os resultados que se desejava.

Não é objetivo descrever o panorama da educação de jovens e adultos, que mereceu alguns estudos históricos, como o realizado por Haddad e Di Pierro (2000), porém, vale ressaltar que foi na segunda metade do século XX “[...] que o pensamento pedagógico e as políticas públicas de educação escolar de jovens e adultos adquiriram a identidade e feições próprias, a partir das quais é possível e necessário pensar seu desenvolvimento futuro.” (HADDAD, 2002, p. 108).

Foi nesse período, finais dos anos 1950, que Esmeralda atuou nessa modalidade de ensino como professora de uma turma de 16 adultos,

Era assim, de dia eu dava aulas pra crianças e de noite dava para adultos, concomitante [...] Eu dei seis meses, mas não ganhei nada, porque até eu arrumar a papelada daqui de Itaporanga para Itapeva e de Itapeva para...veio a resposta que naquela altura não era mais pra abrir cursos para adultos e eu estava com 16 adultos já sabe? Daí estava no meio do semestre, um pouquinho mais pra frente, eu falei assim pra eles “eu vou por conta e risco até o finalzinho”. Eu estava dando o básico e tinha gente que não sabia nem contar de 1 a 5. Eu estava dando tudo certinho. Aí eu dei o nome de cada um, a numeração, as coisas mais necessárias, por conta e risco e expliquei pra eles “olha, agora não posso mais” e saí de férias. Quando eu voltei das férias, no primeiro dia, acredita que tinha aluno lá. E eu disse “olha, infelizmente não posso”. (APÊNDICE C, 2015, p.138).

Muitos anos depois, ela pode encontrar um desses alunos na cidade, que na época, como ela diz, “não sabia nada”, e ouvir dele que havia ido tirar seu título de eleitor graças ao que aprendeu no curso com ela, deixando de ser analfabeto. Nas

palavras de Esmeralda, “Aquilo ali foi uma gratificação muito grande pra mim. Não ganhei nada, nem em ponto<sup>5</sup> nem em dinheiro, nada, mas foi gratificante” (APÊNDICE C, 2015, p.138).

## 5.2 O LEMBRAR E O ESQUECER DA PEDRA RUBI

Desde o primeiro encontro, Rubi chama minha atenção com frases do tipo: “olha, elas estão com as memórias boas” (APÊNDICE C, 2015, p.134); “[...] eu com essas coisas de dia e ano não estou muito boa mais não” (APÊNDICE C, 2015, p.136) e também quando escuta Esmeralda narrando sobre o mapa de frequência admira-se da “boa recordação!” (APÊNDICE C, 2015, p.143).

Já no segundo encontro, ela diz “Eu não tenho uma memória como a Esmeralda não. Eu não lembro muita coisa. Eu não sou de guardar muita coisa [...]” (APÊNDICE D, 2017, p.156).

Em contraponto ao esquecimento que Rubi diz ter, do *não lembrar-se* de fatos como as colegas, ela narra alguns episódios de sua vida, do ingresso como professora na cidade de Piedade, dos enfrentamentos que teve na escola com as viagens, da colaboração da irmã que ficava com suas crianças, do apoio que recebeu do marido e dos filhos, do dia do recebimento de seu diploma de professora, em que esperava seu filho caçula, e de situações às quais as mulheres estavam submetidas. Rubi não percebe o quanto se lembra.

Os estudos da memória mostram que há o processo consciente de lembrar, ou seja, quando se lembra de algo se esquece de outro e vice-versa, e que a memória como capacidade de lembrar está diretamente ligada ao processo de esquecer.

Não sei ao certo os motivos de Rubi para acreditar não ter uma memória boa, talvez fosse porque ela não se recordava das mesmas coisas que a colega, pois sem que notasse a importância, lembrou-se de momentos significativos em sua trajetória profissional.

Em uma das questões proposta por mim às professoras acerca de ter sido professora na época em que foram e também mulher, abrindo espaço para que elas trouxessem imposições e diferenças percebidas, Rubi me surpreende ao dizer que a

---

<sup>5</sup> Ponto é um termo usado para situar o professor à sua classificação em relação a outro professor. Pode ser adquirido por meio da atuação e tempo de serviço no magistério, bem como em alguns casos, acrescidos pelos cursos de formação, prova de títulos.

única diferença que percebe é a vestimenta e comportamento do professor. Ainda faz uma observação: “não que tem que estar tão bem vestidos, mas tem que ter comportamento de professora, tem que ter respeito”. Ela completa dizendo que “antes era diferente, os alunos tinham a gente como professora, até o cheiro era diferente. Eu lembrava do cheiro da minha professora Margarida, por muitos anos não esquecia” (APÊNDICE C, 2015, p.143).

Se, segundo Braga (2002, p. 14), “[...] a memória e o esquecimento têm uma função social”, exercendo um papel na perpetuação ou estabilização das práticas e nas mudanças, Rubi, ao dizer que “por muitos anos não esquecia”, me remete à afirmação de Pollak (1992), quando diz que nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados são de ordem sensorial, como o barulho, os cheiros, as cores. Assim, há um ser professora que se configura como referência e se estabiliza no cheiro e nas roupas e que leva Rubi a assinalar aí a grande diferença que percebe e a recusar o “modo” de ser professora hoje.

Bosi (2013) diz que esquecer e até omitir podem ser exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas, pois a memória parte do presente, de um presente desejoso pelo passado.

O contexto histórico da concepção que Rubi tem do comportamento e da vestimenta do professor se faz notar na história da educação brasileira do século XX, nos anos de 1920 a 1960, a Escola Nova, com suas novas proposições de âmbito principalmente social, e que exigia do professor “uma conduta moral exemplar e ilibada, apresentada no modo de vestir, de andar, de conduzir a classe, na altivez da autoridade exercida” (SOUZA, 2009, p. 202).

Segundo a autora, nesse período em que se propunham novos modos de atuação pedagógica, que a sala de aula funcionasse de forma dinâmica, com disposição das carteiras diferente da convencional, com a proposta de realização de trabalhos em grupos pelos alunos, maior flexibilização do espaço e descentralização da figura do professor, as imagens das escolas paulistas mostram que há predominância em plena vitalidade do modelo instituído em pouco mais de três décadas (SOUZA, 2009).

Rubi mostra também que está bem informada quanto aos acontecimentos contemporâneos em relação à educação e citou o manifesto que ocorrera no

Paraná, no mês de fevereiro, referente aos cortes dos direitos conquistados pelos professores anunciados pelo atual governo (APÊNDICE C, 2015).

### 5.3 PEDRA AMETISTA, “FOI UM PRESENTE QUE CAIU DO CÉU”

Dentre as narrativas de Ametista, apresento aquelas que de certa forma me despertaram curiosidade, levando-me a me aproximar de uma escola que ela e suas colegas vivenciaram, mas que não fez parte do meu cotidiano. Por isso me peguei espantada, em diversos momentos, seja pelas terminologias, por sua postura como diretora de escola, sua firmeza ao tratar dos trabalhos administrativos da escola e até mesmo pela precisão das datas com que relatava os acontecimentos.

Inicialmente não havia me dado conta da riqueza desse tesouro que Ametista me havia narrado, mas, após várias leituras, voltei-me aos termos e à escola do século XX com suas condições e possibilidades.

Eu lembro quando morava em Itararé, meu sobrinho queria ir morar comigo, eu dizia pra ele “o dia que a tia tiver cadeira, um cargo como professora efetiva, uma escola certa, você vem morar comigo. Aí ele foi na casa da mamãe e disse assim” a tia disse que quando ela receber uma cadeira eu vou morar com ela, não entendi porque, ela já tem bastante cadeira na cozinha dela. (APÊNDICE C, 2015, p. 137).

Essa escola que Ametista apresentou, era a escola primária a que ela teve acesso e que trazia, desde o século XIX, alguns termos para designá-la, como escola de primeiras letras, aulas de primeiras letras ou cadeiras.

Como já abordei em momento anterior, no Brasil, as escolas primárias paulistas se configuraram ao longo do século XIX espelhando-se nos países europeus e nos Estados Unidos, considerados referência da modernização. A partir de então, foram possíveis algumas modificações na configuração da escola elementar na Província de São Paulo.

Historicamente, foi com a Proclamação da República que se inaugurou um novo momento na vida política brasileira, norteadas por uma Constituição que lhe deu nova forma de poder do Estado, como República Federativa. A antiga autonomia, conferida às Províncias, após a Constituição do Império, manteve-se na República em relação aos Estados, atribuindo-lhes competência para legislar sobre assuntos

como a educação. Esta dualidade legal prevaleceu na República até meados do século XX, quando, afinal, foi elaborado um Plano Nacional de Educação.

Nas primeiras décadas do século XX, dá-se então a implantação, a expansão e a estruturação do sistema público de ensino paulista republicano.

A criação de uma rede de escolas impulsiona a organização da carreira docente pela necessidade de formação de professores capazes de tornar tal expansão mais eficiente. Nesse período, foi estabelecido um conjunto de leis que normatizavam o exercício da profissão, fazendo dos professores funcionários do Estado. Ao lado da organização do sistema educativo, portanto, foi-se organizando também a profissão docente (ALCÂNTARA, 2012, p.289).

Com essa normatização da profissão, surgiram também os termos que Ametista proferiu em suas narrativas.

Desde os anos 30 do século XX, já era sabido que o concurso para ingresso no magistério foi o instituído pelo Código de Educação por meio do Decreto nº 5.884, de 21 de abril de 1933<sup>6</sup>. De acordo com o Anuário do Ensino (SÃO PAULO, 1935-1936), podiam se inscrever normalistas diplomadas por escolas normais do Estado e professores de formação equivalente, com idade entre 18 e 45 anos.

Segundo Alcântara (2012), o sistema de classificação dos candidatos baseava-se na média geral que obtinham em psicologia, pedagogia e didática (prática de ensino e administração escolar); o tempo de exercício, em caráter efetivo ou em substituição em escolas oficiais; e a duração do curso da escola onde se diplomou o candidato. “A partir da classificação, as professoras recém-formadas poderiam escolher cadeiras vagas. Essa escolha frequentemente significava afastamento do lar e mudança de cidade.” (ALCÂNTARA, 2012, p. 293).

Ametista, após ter se efetivado, conquistado uma cadeira, levou seu sobrinho morar com ela, como havia prometido.

Conta, ainda, sobre os *mapas de movimento*, que eram os recursos que tinham para registrar a frequência das crianças e também do professor, prática que se estendia desde o século XIX, na qual os professores eram obrigados a emitir mapas semestrais atestando a matrícula e o comparecimento dos alunos na escola. Cabia ainda ao serviço de inspeção, atestar mensalmente a frequência do professor como requisito para recebimento do salário.

---

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1933/decreto-5884-21.04.1933.html>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

[...] a frequência tornou-se alvo de preocupação permanente dos professores, dos responsáveis pela instrução pública e dos políticos que expressavam diferentes posições na forma de interpretar o problema: desleixo dos professores, falta de interesse da população pela escola, descaso dos poderes públicos pela educação do povo (SOUZA, 2009, p.34)

Quando Safira narra acerca de seu ingresso em uma escola de Taboão da Serra e que conseguiu voltar para Itaporanga com conceito de desempenho ótimo, me chamou a atenção, visto nunca ter ouvido falar que existira esse tipo de avaliação do professor. Ametista responde que esse sistema de avaliação era chamado de *boletim de merecimento*.

Durante as quatro décadas, de 1930 a 1960, muitas instituições foram criadas, como a Associação de Pais e Mestres, esperando que auxiliassem e assistissem a escola em suas necessidades. Contudo, os pais não participavam no processo pedagógico e nas decisões escolares, o que resultou na indiferença destes e na pouca expectativa dos professores.

Essas instituições, segundo Souza (2009), foram experimentadas e ensaiadas na rede estadual de ensino primário do estado de São Paulo, visando ampliar as funções da escola e renovar as práticas pedagógicas, por essa razão necessitavam ser fortalecidas.

Somente algumas instituições se expandiram pela rede estadual de forma consistente e eram representadas nas escolas paulistas pelo orfeão infantil<sup>7</sup>, as caixas escolares, a associação de pais e mestres e a assistência alimentar (merenda escolar). Assim, visando a criação e manutenção destas instituições auxiliares,

[...] a Secretaria de Educação passou a atribuir pontos para o ingresso na carreira, remoção e avaliação dos profissionais (Boletim de Merecimento). Por essa razão, multiplicaram-se os dispositivos legais da regulamentação e controle burocrático sobre as instituições auxiliares (SOUZA, 2009, p. 256-257).

Assim como Ametista disse, esses boletins eram expedidos pelos diretores das escolas, conforme consta no artigo 11 do Decreto nº 40.296 de 6 de novembro

---

<sup>7</sup> Orfeão – relacionado à escola de canto, prática de canto vocal ou coral, sem acompanhamento. Fez parte da cultura escolar do século XIX.

de 1956, que incumbe o diretor, dentre várias atribuições, de “XIV- expedir boletins de merecimento dos servidores que lhe forem diretamente subordinados.”<sup>8</sup>

Para Mitrulis (1996), os boletins de merecimento não tiveram sucesso como instrumento de medida do desempenho de professores e diretores de escolas, porém acabaram por reorientar a prática desses profissionais,

[...] na medida em que apontavam para uma redefinição de suas atribuições, mais pedagógicas da parte do diretor, e mais ativas e criativas da parte do professor, com vistas à nova concepção de escola primária que se esboçava. Não temos condições de apreciar o real papel dos boletins de merecimento nas práticas de ensino e de orientação que se seguiram. Porém é certo que em 1963 o elo entre carreira e promoção de alunos estava rompido, legalmente [...] (MITRULIS, 1996, p. 40).

Ametista referencia com precisão as datas em que iniciou o curso de magistério na cidade de Itapeva, o dia em que ingressou como professora eventual, e o ano de 1968, em que participou do concurso de remoção e chegou a Itaporanga, onde ficou até se aposentar, em 1987, e onde vive atualmente.

Referente ao concurso de remoção citado pela professora, a Lei nº 7.378, de outubro de 1962<sup>9</sup>, normatizava o “concurso de ingresso e reingresso no Magistério Público Primário do Estado” e seu artigo 7º passou, pela Lei nº 10.021, de 10 de janeiro de 1968<sup>10</sup>, a ter a seguinte redação:

As escolas e classes vagas de cada Delegacia de Ensino Elementar serão oferecidas, para escolha, aos candidatos habilitados, residentes no território sob jurisdição da mesma Delegacia, logo após o concurso de remoção de professores primários, obedecida a classificação na ordem decrescente dos pontos obtidos.

§ 1.º - As vagas remanescentes do procedimento determinado neste artigo serão oferecidas aos candidatos restantes, em chamada geral, obedecida a mesma classificação.

§ 2.º - Na relação de escolas e classes, vagas referidas neste artigo, figurarão apenas as remanescentes do concurso de remoção (SÃO PAULO, 1968).

<sup>8</sup> Disponível em

<[http://portal.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leisEF/1956\\_NormasJuridicas\(TextoIntegral\)\\_DEC\\_040296\\_06\\_11\\_1956.jsp](http://portal.esporte.gov.br/cedime/legislacao/leisEF/1956_NormasJuridicas(TextoIntegral)_DEC_040296_06_11_1956.jsp)>. Acesso em: 14 nov. 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1962/lei-7378-31.10.1962.html>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/223831/lei-10021-68>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

Ametista, ao revirar seu baú de memórias, conseguiu tirar dele muitos tesouros representados pelas situações que fizeram parte daquele cotidiano escolar e organizacional.

A expressão “foi um presente que caiu do céu”, dita por ela, refere-se ao que ela demonstra com grande emoção e diz ter sido a melhor coisa que lhe aconteceu em relação à transformação de cargo.

Eu substituí a funcionária da secretaria, quando ela voltou da licença gestante, não quis voltar na secretaria e voltou para a sala de aula o diretor da época, me deixou na secretaria, substituindo a diretora. Então, quando foi em 1978 houve a transformação de cargos daqueles que estavam na mesma situação (citou vários nomes). Eram sete ao todo entre Itararé, Itaporanga e Riversul. Éramos sete pessoas. Houve a transformação de cargos para assistente de diretor de escola, foi um presente que caiu do céu. Foi a única vez que eu ouvi falar nisso que aconteceu essa situação, não ocorreu mais que eu saiba (APÊNDICE C, 2015, p.136).

Isso foi possível em cumprimento ao artigo 18 das disposições transitórias da Lei complementar nº 201, de 9 de novembro de 1978<sup>11</sup>, que dispunha sobre o Estatuto do Magistério.

Serão transformados em cargos de Assistente Administrativo de Ensino os cargos de Professor I, II ou III, cujos titulares, em 31 de agosto de 1978, se encontrassem em exercício junto aos órgãos da estrutura básica da Secretaria de Estado da Educação, as Divisões Regionais de Ensino, às Delegacias de Ensino, ou a direção de Escolas, convocados ou designados nos termos da legislação pertinente para prestação de serviços técnicos e/ou auxiliares naquelas unidades administrativas, desde que, na data da publicação desta lei complementar, contem, pelo menos, 2 (dois) anos, contínuos ou não, de exercício naquelas funções e, pelo menos, 5 (cinco) anos de exercício no magistério oficial de 1º e/ou 2º graus do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 1978).

A mesma lei, em seu artigo 78, cria 1500 cargos de assistente de diretor de escola e 24 cargos de delegado de ensino.

Ametista lembra as colegas professoras do “famoso mimeógrafo”, que, em sua visão “veio para facilitar nossa vida” (APÊNDICE C, 2015, p.141).

---

<sup>11</sup> Disponível em:

<<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/1978/lei.complementar-201-09.11.1978.html>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

Essa lembrança me desperta questões relacionadas ao uso das tecnologias na escola, e que o mimeógrafo, naquele momento, assim como durante muitos anos, foi uma tecnologia com a qual os professores contavam. Ele surgiu para auxiliar o trabalho dos professores, propiciar maior agilidade na reprodução de provas, trabalhos, antes feitos à mão, e garantir, assim, mais qualidade pedagógica.

Em sua imperturbável indiferença pelos encantos dos modernos meios de comunicação, seguiam professores e alunos teimando em ensinar e aprender pelo uso das velhas tecnologias- o livro, o giz, o quadro, o lápis e o caderno. A sobrevivência dessa cultura material inscrita num enraizado modo de ensinar e de ser da escola parecia acolher o novo com astuciosa prudência (SOUZA, 2009, p. 249).

Safira é uma das professoras que se deslumbra diante da diversidade de materiais que os professores, aqueles das escolas melhores localizadas em regiões mais abastecidas, podem ter em mãos para desenvolver suas práticas.

[...] eu chego a ter inveja da minha sobrinha-neta, que também é professora, com aquelas coisas bonitas (livros, cartolinas) lá que usa para ensinar, e saber que eu não tinha nada daquilo (risos). Sofri, tinha que fazer tudo, pois não tinha nada, nada, nada [...] Não tínhamos material, não tínhamos nada; Ainda mais agora que tem tanta coisa bonita né? (risos). Tanto material bonito né? Aquele tempo era tudo preto e branco. Em preto e branco não dá não. Hoje tem conforto! (APÊNDICE C, 2015, p.141).

Considerando a fala de Safira, observo que o mimeógrafo, quando chegou às escolas, com certeza inovou muitas das situações da prática docente, e principalmente facilitou o trabalho do professor.

#### 5.4 PEDRA DIAMANTE, “SOFRI NO SÍTIO”

Diamante discorre sobre as várias escolas onde trabalhou contando um pouco dessa experiência. Em dado momento, ela usa as frases “sofri no sítio” e “não era fácil não, como não era fácil enfrentar sítio, que eu enfrentei bastante.” (APÊNDICE D, 2017, p.159).

A expressão de Diamante me faz pensar nas proposições de Alcântara (2012) acerca das condições de trabalho que as professoras enfrentavam nas escolas isoladas rurais, no início da carreira do magistério, onde geralmente aconteciam as primeiras experiências profissionais. A autora denomina como “batismo de fogo na

escola rural” (ALCÂNTARA, 2012, p. 294) esse período de ingresso e enfrentamentos.

Essa denominação, segundo ela, decorria das exigências a que os professores tinham que se submeter, principalmente os recém-formados, enfrentando escolas de difícil acesso, escolas que exigiam deles que morassem na própria escola, ou exigia que o professor morasse na capital, para trabalhar nas escolas aí localizadas ou em seus arredores, ficando muitas vezes longe de sua residência e familiares. Observo isso nas falas das professoras Safira, que ingressou como professora efetiva em Taboão da Serra, próxima da capital São Paulo, e Rubi, na cidade de Piedade, que embora fosse uma cidade pequena do interior, são cidades que ficam distantes da cidade de Itaporanga.

Como geralmente o mais comum era que o professor ingressasse na escola isolada rural, a professora ficava esperando pelo seu batismo de fogo nessa escola, onde enfrentaria os mais diversos tipos de desafios.

O imaginário sobre as condições de vida e trabalho nas escolas rurais causava medo nas professoras iniciantes, porém era um dos meios para se exercer a profissão docente.

As escolas isoladas onde Diamante deu aula, instaladas na zona rural, apresentavam ainda características de organização pedagógica das escolas de primeiras letras do século XIX. Segundo Souza (2009), essas escolas isoladas eram desprestigiadas pelos poderes públicos e também pelos professores. Até mesmo as escolas instaladas na zona urbana, que contavam com estrutura organizacional mais moderna, com um único professor para ensinar a classes de diferentes níveis de conhecimento, ocupavam um lugar secundário no sistema primário do estado de São Paulo. No dizer da autora,

[...] Ao longo do século XX, embora continuassem sendo instaladas nas zonas urbanas, nos bairros populares, em distritos de paz, nas vilas industriais e nos núcleos de colonização, as escolas isoladas, foram cada vez mais, identificadas como uma escola primária tipicamente da zona rural. (SOUZA, 2009, p.148).

Nesse século, funcionavam no estado de São Paulo 1505 escolas isoladas, destas, 1222 eram rurais (SOUZA, 2009). Eram escolas com muitas carências e condenadas ao abandono. Os programas que os professores seguiam eram diferenciados e a duração do curso primário era menor. “A difusão da educação no

meio rural compreendia um investimento oneroso e de enfrentamento de inúmeros obstáculos de natureza econômica, política e social que os governos do estado de São Paulo não ousaram enfrentar” (SOUZA, 2009, p. 149).

Diante das condições que Diamante e o marido viviam, os dois eram professores e enfrentavam grandes dificuldades com os dez filhos, continuaram estudando, cursaram faculdade na cidade de Avaré “Ele ganhava para as despesas da família e eu ganhava para pagar os estudos de nós dois, não era fácil não, como não era fácil enfrentar sítio, que eu enfrentei bastante” (APÊNDICE D, 2017, p.159).

### 5.5 PEDRA TOPÁZIO, “SÃO TANTAS HISTÓRIAS...”

Topázio participou dos dois encontros, contudo falou pouco e apenas quando diretamente solicitada. Mesmo assim, ela traz, em suas narrativas, questões bem valiosas para serem abordadas.

Ao propor que as professoras narrassem alguma trajetória marcante, ela diz “São tantas histórias, acho que tudo que vivi foi de certa forma marcante, pois foi num momento único de minha vida” (APÊNDICE C, 2015, p.150).

Percebi que ela ficou mais à vontade para falar de questões de ordem pessoal, ligadas aos familiares e à infância e sobre como era a organização dela e dos irmãos em relação às atribuições domésticas.

Eu não trabalhei fora, mas trabalhava na casa. Éramos em seis irmãos, quatro mulheres e dois homens, então cada um tinha uma tarefa, as meninas tinham que lavar louça, limpar a casa, passar roupas. Com doze anos eu comecei a lavar roupa da família toda mesmo sabe? Uma era da limpeza, a outra era da cozinha, sabe? Minha mãe costurava pra fora, então a tarefa era dos filhos, a tarefa da casa era das meninas e família grande tinha serviço até. Foi uma luta, a gente teve uma infância bem cheia de coisas, desde sete e oito anos trabalhando. Hoje em dia crianças de dez anos não querem saber de nada, só querem ficar no computador [...] (APÊNDICE D, 2017, p.168).

Lembrar-se dos irmãos, da infância e da casa onde viveu com eles, destacando que a mãe trabalhava como costureira, como Topázio fez, me remete à Bosi (2004), quando diz que “A casa materna é uma presença constante nas autobiografias” (p.435), pois é onde se viveu os momentos mais importantes da infância.

Topázio, ao trazer a distribuição dos papéis entre ela e os irmãos homens, põe à mostra a mentalidade vigente desde o século XVIII, que se estendeu ao XIX e ainda é fortemente presente no XX, herdeira legítima do colonialismo, em que a responsabilidade feminina nunca devia ultrapassar as fronteiras do lar.

[...] não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas [...] (LOURO, 2017, p. 445)

Não vou me estender nesse assunto, visto já tê-lo abordado em vários momentos da tese.

Após Topázio narrar essas lembranças, ela conta a trajetória para exercer a profissão docente, o ingresso como professora na cidade de Itararé, e também a realização dos cursos de Pedagogia e Letras. Contudo, ela não comenta nada sobre os estudos antes desse período, o que me dá sinais de que a instrução referente à educação recebida por seus pais pode não ter acontecido, uma vez que, mais tarde, ela relata ter estudado depois de casada, tendo que deixar as crianças ainda pequenas para isso (APÊNDICE D, 2017).

Bosi (2013, p. 67) pontua que “a nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa do que foi perdida.”

## 5.6 OS DITOS “NAQUELE TEMPO/NAQUELA ÉPOCA”

Algumas narrativas me levaram a questionar as expressões ditas algumas vezes pelas professoras – “naquele/nosso tempo/naquela/nossa época” – e que dizem respeito ao tempo em que vivenciaram suas experiências.

Expressões também muito encontradas quando investiguei trabalhos com o tema memória e entrevistas com pessoas idosas, que a todo o momento dizem frases como “no meu tempo”. A esse respeito, Bosi (2004) diz que “Curiosa é a expressão *meu tempo* usada pelos que recordam. Qual é o *meu tempo*, se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém, pois ela me pertence tanto quanto a outros, meus coetâneos?” (BOSI, 2004, p. 421).

Ametista diz que “naquele tempo não tinha as facilidades que tem hoje”, referindo-se às dificuldades que enfrentava para ir da escola à cidade. Esmeralda usa a expressão “naquele tempo eu era muito rigorosa”, em outro momento Ametista diz “Naquela época, naquela época sua Diamante, que o sonho era ser professor, a geografia era mais palpável”. E Rubi também traz a expressão “na nossa época aquilo pra eles era muito, novidade” (APÊNDICE C, 2015, p.148).

Essas expressões usadas pelas professoras são resultado das divisões a que está submetida nossa vida, em períodos que marcam as fases que devemos deixar algo que vínhamos fazendo para fazer algo novo, nova orientação que transcende nossa vontade.

Ametista, ao se referir à época de Diamante, deixa-me a impressão de que se trata de época muito distante da época em que ela foi professora, e que ser professor não é mais o sonho que impera.

Para Bosi (2004), a pessoa se volta prazerosamente ao passado por ser o tempo que pertenceu a ela, o tempo concreto e social, que abarca lembranças e constitui a natureza humana, cheio de conteúdo, que forma a substância da memória.

### **5.6.1 As tantas memórias, cabedal infinito de fragmentos**

Segundo Bosi (2004, 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.

Nos diversos momentos em que estive com as professoras, percebi que afloraram as mais vivas recordações desde as entrega dos convites, nos diálogos que antecederam os chás da tarde, na despedida no portão da casa delas, após a realização dos encontros quando algumas aguardavam alguém para levá-las para casa. Muitas dessas passagens eu não registrei, pois acredito que foram contadas em confiança, como confidências.

Trago agora algumas narrativas que pretendo registrar como momentos vividos pelas professoras, experiências significativas que permearam o seu modo de constituir-se professora e mulher e que são representados por pequenos fragmentos de suas memórias.

*Fragmento 1: “a carroça de milho”*

Uma das narrativas de Ametista é sobre o retorno do bairro Itaipava, na zona rural para a cidade, onde ela percorreu todo o trajeto em cima de uma carroça carregada de espigas de milho. Esse dia tinha ocorrido a morte do presidente Kennedy.

Numa determinada altura da estrada, havia fogo por todo lado, o que causou seu atraso na chegada à cidade, que aconteceu somente após as 23 horas, visto as dificuldades enfrentadas no percurso.

[...] eu sei que cheguei na casa de papai às 11 horas da noite e uma escuridão, escuridão, tinha acabado a luz. Lembra uns tempos que as cidades ficaram no escuro? Eu cheguei numa escuridão, bati na porta da casa de papai ele disse “com quem você veio?” eu vim de carroça, respondi. “Daí, no dia seguinte que fiquei sabendo da morte do Kennedy.” (APÊNDICE C, 2015, p.137)

A memória de Ametista está relacionada aos acontecimentos além de seu cotidiano, mas são inseparáveis dele. A morte de Kennedy avivou sua memória política, aquela que diz respeito às lembranças de fatos e acontecimentos públicos e políticos.

Percebo indícios dessa memória também nas falas de Diamante quando observa que hoje o custo de vida está muito alto e está difícil viver com o salário de professor. Ela cita o protesto de professoras que acontecera na cidade de São Paulo.

Rubi também manifesta saber desses acontecimentos perguntando às colegas se elas viram o que havia acontecido no Paraná.

Não houve uma discussão mais apurada desses fatos, contudo as lembranças desses fatos públicos, segundo Bosi (2004, p.464) “pode ir além da leitura ideológica que eles provocam na pessoa que os recorda. Há um modo de viver os fatos da história, um momento de sofrê-los na carne que os torna indelévels e os mistura com o cotidiano [...]”.

*Fragmento 2: “não sabia nada como é que funcionava”*

Ao descrever a rotina diária, esforçando-se para conciliar o trabalho no banco e estudos, Esmeralda diz que tinha medo de deixar os trabalhos no banco e enfrentar a escola, pois “[...] não sabia se [...] ia ter condições de dar aulas.”

Em suas férias no banco, ela foi dar aulas e os desafios apareceram:

E no primeiro dia fui dar aula. Não sabia nada como é que funcionava. Na minha cabeça era uma escola bonita, linda e maravilhosa [...] eu estava acostumada a trabalhar sentada no banco, e tinha uma cadeira só e eu não aguentava ficar a aula inteira em pé [...] (APÊNDICE C, 2015, p.140).

A escola que Esmeralda esperava encontrar devia ser aquela sonhada pela maioria das professoras que mal desejam que o curso acabe para assumir uma sala de aula.

Ribeiro (1990) diz que as reais condições da escola não eram conhecidas antes de as professoras tomarem posse, visto que alguns dados eram fornecidos pela Secretaria de Educação que nem sempre os passava corretamente. Sem as informações fidedignas do que elas encontrariam, “as surpresas eram muitas” (RIBEIRO, 1990, p. 104).

Almeida Junior (1951) pontua que a realidade que as professoras encontravam era muito diferente e em quase tudo do que sonharam as jovens recém-formadas.

Embora a escola que Esmeralda sonhou não fosse real, ela decidiu sair do banco e ser professora e foi assim até sua aposentadoria.

### *Fragmento 3: “uma história que eu sei que vai valer também: O fogareirinho”*

Esmeralda lembra Diamante que ela havia trabalhado por sete meses na escola onde era diretora, no bairro Lageado, e que dela ganhou um fogareiro que acabou lhe sendo muito útil.

No fogareirinho, como ela chamava, fazia os chás dos vários tipos de ervas que tinha na horta da escola e servia às crianças, pois vez ou outra uma criança reclamava de dor de cabeça e todos acabam se servindo do chá.

Somente no final do ano foi surpreendida ao descobrir que as crianças vinham de casa sem se alimentar:

[...] e eles vinham de longe e iam chegar na hora da janta em casa, daí já perderam a fome; Eles eram acostumados trazer limonada, pipoquinha, isso não é lanche, não sustenta; então eu mando uma tigela de comida pra você comer junto com eles, pois no sítio tinha coisa com fartura, né? (APÊNDICE D, 2017, p. 158).

Essa situação, à qual Esmeralda e seus alunos estavam submetidos, fez parte de um contexto educacional em que, apesar do programa de assistência alimentar já ter sido ampliado em muitas escolas públicas paulistas, principalmente nos grupos escolares, a escola da zona rural onde ela trabalhava ainda não havia sido contemplada “A partir da década de 1930 foi ampliada, principalmente nos grupos escolares, a assistência alimentar, tendo a sopa, a merenda e o leite distribuídos nas escolas subsidiados pelos recursos da caixa escolar.” (SOUZA, 2009, p. 253).

E eles não conseguiam aprender porque, apesar de serem crianças inteligentes não conseguiam, porque era falta de comida. E a gente sem querer, sem perceber, deixa passar sem saber. E como eu era nova na carreira demorei perceber. Ah e depois todo dia tinha o lanche e o chazinho também. (APÊNDICE D, 2017, p.158).

Mesmo dizendo que deixou passar sem perceber, por ser nova na carreira, a conclusão de Esmeralda vem ao encontro do que Souza (2009) diz em relação à aprendizagem, que ela está diretamente ligada à nutrição e “passou a ser invocada pelos educadores para explicar resultados do rendimento escolar e o baixo desempenho dos alunos pobres” (SOUZA, 2009, p.253).

#### *Fragmento 4: “estava preparada”*

Uma das narrativas de Esmeralda diz respeito ao percurso na realização do curso de pedagogia e as habilitações que o curso lhe ofereceu.

Quando eu fiz Pedagogia, saí com habilitação em supervisão escolar. [...] Aí, não dava direito a nada, só se prestasse concurso, não recebia a mais, nem nada. Aí a notícia é que tinha que fazer “atividades”, bem como é mesmo? Bem, acho que era “disciplinas do magistério”, e aí tinha uma remuneração melhor pra quem fizesse. Então, o curso acontecia aos finais de semana por seis meses [...] olha gente, agora vai formar uma classe de “administração escolar”, que é o que dá direito a ser diretora né? Não vamos parar, vamos

continuar, só mais seis meses. Daí, depois passado um tempo, uma turma foi fazer em Jacarezinho, no paraná "orienta escolar", e eu fui também [...] Então eu tenho as quatro disciplinas escolares, que eles chamam de habilitao né? Eu nem sabia pra que servia tudo isso [...] (APÊNDICE D, 2017, p.161 ).

Com a formao proporcionada pelo curso normal que já havia cursado para ser professora primária e agora pela recebida no curso de pedagogia, Esmeralda define que "já estava preparada na verdade" para assumir a direo de escola.

Disse isso em razão do convite que havia recebido para assumir a direo da escola do bairro Santo Antonio, convite que ela, num primeiro momento resistiu em aceitar, chegando a sugerir que fosse convidada uma de suas colegas que também haviam feito o curso. Contudo "tinha feito mais habilitaoes que elas" (APÊNDICE D, 2017, p.160), e saiu com habilitao em supervisão escolar.

Essas habilitaoes que Esmeralda comenta atendiam às mudanças da legislao vigente. Segundo Tanuri (2000, p.80),

Entre as reformas do regime militar, a reordenao do ensino superior, decorrente da Lei 5.540/68, teve como consequência a modificao do currículo do curso de Pedagogia, fracionando-o em habilitaoes técnicas, para formao de especialistas, e orientando-o tendencialmente não apenas para a formao do professor do curso normal, mas também do professor primário em nível superior, mediante o estudo da Metodologia e Prática de Ensino de 1o Grau.

A lei n 5692/71<sup>12</sup>, que estabeleceu diretrizes e bases para o primeiro e o segundo graus,

[...] contemplou a escola normal e, no bojo da profissionalizao obrigatória adotada para o segundo grau, transformou-a numa das habilitaoes desse nível de ensino, abolindo de vez a profissionalizao antes ministrada em escola de nível ginasioal. Assim, a já tradicional escola normal perdia o status de "escola" e, mesmo, de "curso", diluindo-se numa das muitas habilitaoes profissionais do ensino de segundo grau, a chamada Habilitao Específica para o Magistério (HEM). Desapareciam os Institutos de Educao e a formao de especialistas e professores para o curso normal passou a ser feita exclusivamente nos cursos de Pedagogia. (TANURI, 2000, p. 80).

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 18 nov. 2017.

Essa nova lei assumia pela primeira vez um novo esquema, mais integrado, flexível e progressivo de formação de professores e fixava critérios quanto à formação mínima para o exercício do magistério. Estabelecia também a formação de administradores, planejadores, orientadores, inspetores, supervisores e demais especialistas de educação, que devia ser feita em curso superior de graduação, com duração plena ou curta, ou de pós-graduação.

Sendo assim, Esmeralda, que havia cursado Pedagogia e suas habilitações específicas, estava preparada e legalmente amparada para substituir a direção da escola, por ser uma das exigências para assumir o cargo.

*Fragmento 5: “tinha pai que nunca ia na escola”*

Ao propor que as professoras me contassem sobre as relações interpessoais na escola, como era a relação com os pais e comunidade, Rubi e Diamante responderam que poucos pais procuravam a escola (APÊNDICE C, 2015).

Ametista confirma, mas destacando que alguns procuravam.

Esmeralda então diz que “tinha pai que nunca ia na escola” (APÊNDICE C, 2015, p.146).

Essa situação, comum até os dias de hoje nas escolas públicas, não é nova e vem sendo foco de estudos e pesquisas que valorizam a relação família-escola, na crença de que quanto maior o vínculo dos pais ou responsáveis com o processo de escolarização dos filhos, maiores são as chances de esses sujeitos obterem um bom desempenho escolar.

Essa aproximação entre família e escola vem sendo debatida desde o início do século XX, onde esse tipo de preocupação já existia. No discurso da Escola Nova, havia um esforço no sentido de valorizar a presença da família na escola e nos processos educativos como exercício de cidadania.

Acreditava-se que, no processo de construção de novos conhecimentos, é necessário que os alunos vivenciem na prática o aprendizado da democracia, de modo que, para este acontecer de fato, é preciso que toda a atividade escolar seja permeada por um conjunto de novas relações democráticas, no interior da escola, entre os professores, funcionários, alunos e com a comunidade. Só assim era possível pensar na escola e numa gestão democrática: com a participação das comunidades e pais.

É sabido que de uma maneira ou de outra a escola faz parte da vida cotidiana de cada família, em seus mais diferentes aspectos, seja agradável ou ameaçadora, seja discreta ou presente (PERRENOUD; MONTANDON, 1987).

A relação entre a família e a escola, bem como a presença dos pais e comunidade, depende de muitos fatores como, ocupação dos pais, estrutura e tradição de escolarização das famílias, dentre outros aspectos.

Os pais e famílias das crianças dessas professoras eram trabalhadores rurais, trabalhavam de sol a sol e, na certa, com pouca ou nenhuma escolaridade. Considerando o contexto, penso que aqueles que iam à escola, mesmo que de vez em quando, deviam ir aos eventos comemorativos que a escola proporcionava.

Não percebi na fala das professoras objeção em relação à presença dos pais na escola, bem como o relacionamento delas com eles não me pareceu conflituoso.

A luta que se tem até os dias de hoje, zelando pela presença dos pais e comunidade na escola, diz respeito a maior participação na vida escolar das crianças, colaborando nas decisões de ordem administrativa e pedagógica da escola, como os pais que atuam nos colegiados da APM e do Conselho de Escola. Participação nas reuniões de pais e mestres que são momentos de se discutir assuntos diversos e os pais tomarem ciência do desempenho escolar dos filhos.

Enfim, para se alcançar uma escola dinâmica, participativa, aberta, sensível para se transformar em espaços de igualdade, conhecimento, manifestação, democrática, é imprescindível contar com a presença dos pais e comunidade em seu interior, firmando parcerias coletivas e colaborando nas decisões e ações.

#### *Fragmento 6: fazeres da prática docente*

Segundo Souza (2009), desde as primeiras décadas do século XX, o sistema escolar paulista de educação primária apresentava muitos aspectos considerados modernos para a época, como

[...] instituições compreendendo uma organização administrativa e pedagógica mais complexa como os grupos escolares, construção e manutenção de prédios pelos poderes públicos, programas de ensino ampliados, orientação técnica pelos inspetores, diversificação de materiais escolares, publicação de manuais didáticos e periódicos educacionais, entre outros aspectos. (SOUZA, 2009, p. 377).

Entretanto, em relação aos modos de ensinar das pedras bonitas, prevaleceram as lições repetitivas, a valorização da memorização, a exposição de conteúdos e a realização de exercícios de fixação e verificação, que eram tidos como métodos usuais no século XIX (SOUZA, 2009).

Atento, em algumas narrativas das professoras, a como eram seus fazeres cotidianos e, longe de julgá-los como inadequados, penso que explicitam esse contexto, caso da atividade de Safira:

[...] eu era acostumada a fazer muito desenho com as crianças sabe? E desenhei uma árvore toda bonita e cheia de folhas, e as sílabas que eles estavam dominando eu colocava em cada folhinha da árvore lá, e fui sentar lá no fundo da sala. Peguei uma varinha e falava pro aluno: - fulano vai lá, mostra pra mim o “ba” [...] (APÊNDICE C, 2015, p.145).

Dizem ainda que as mudanças ocorridas com a modernidade não favorecem a aprendizagem, e culpabilizam os recursos atuais:

Para língua portuguesa tinha, aquelas estampas né, e pra geografia, agora hoje pra criança eu acho que torna-se muito vago né. (AMETISTA, APÊNDICE C, 2015, p.148).

Eu acho que não é vago não, é a televisão mesmo, é muita tecnologia, celular com tudo né? Tem computador com tudo que eles querem, então para as crianças de hoje fica meio sem sentido, muita facilidade pra tudo, mas na nossa época aquilo pra eles era muito, novidade. (RUBI, APÊNDICE C, 2015, p.148).

meus netos não largam o celular, tudo consultam no celular, imagina no nosso tempo, nem imagina ter tudo assim na mão e tão fácil, por isso a gente ia buscar, ia atrás e aprendia de forma concreta. Hoje mudou muito. (TOPÁZIO, APÊNDICE C, 2015, p.149).

Ametista também lembra Diamante que a forma como ela ensinava, fazendo uso de recursos como mapas e globo terrestre, possibilitavam maior entendimento da disciplina de geografia e os alunos aprendiam de maneira efetiva. Lembra também do professor que, assim como Diamante, usava cartazes e mapas como recursos pedagógicos.

Os mapas, o globo e outros objetos foram por longas datas símbolos representativos da vida escolar. Quem já não viu ou observou, em alguma parede,

aquela foto antiga de alunos tendo como cenário de fundo o mapa e, à frente, em cima da mesa, o globo terrestre como representações institucionais?

Chamou-me atenção a observação das professoras enquanto, concentradas, olhavam os álbuns de fotografias levados por Diamante, em sua maioria de formaturas e desfiles cívicos. Estavam tão imersas que sequer atentaram para meu diálogo com a professora Esmeralda.

Os desfiles cívicos eram práticas das escolas de antes e que perduram até os dias atuais, como é o caso da cidade de Sorocaba, Itaporanga e outras que ainda mantêm os desfiles cívicos com participação das escolas da cidade.

Essa prática se perpetua desde o início da República, onde o Estado patrocinava esse tipo de festa em comemoração às datas nacionais: “desfiles, alvoradas, paradas militares. Introduzidas também nas escolas, elas adquiriram (como tudo mais) um caráter educativo” (SOUZA, 2009, p. 298).

Durante o século XX, essas festas e comemorações escolares continuaram sendo anualmente celebradas nas escolas primárias paulistas.

#### *Fragmento 7: “as moças não tinham opção”*

Nesse fragmento, penso ser valioso apresentar as vozes das professoras que anunciaram a situação da mulher em sua época.

Tentei retomar uma das questões abordadas no primeiro encontro – “O nosso papel enquanto mulher, enquanto educadora, enquanto mãe, Vamos falar a respeito disso” (APÊNDICE D, 2017.) –, para a qual não obtive respostas diretas das professoras. Pensei que talvez fosse por não fazer sentido para elas, ou pelo modo ingênuo como tratei da questão da mulher como sujeito de direitos, que luta pela igualdade de condições tanto no mercado de trabalho como em diversas esferas da vida social, ou pelo fato de eu ter anunciado o termo gênero e não ter despertado aparentemente o interesse delas.

Solicitei que elas refletissem e contassem sobre o ingresso das moças no magistério, mas pensando como ingresso no mercado de trabalho, se isso acontecia espontaneamente ou por imposição dos pais, se o magistério favorecia as mulheres enquanto mães e esposas.

Como já apresentei anteriormente, Esmeralda só pode ir à escola aos 9 anos, após cuidar de dois irmãos homens e dos serviços da casa. Rubi diz que “As moças

não tinham opção, a não ser serem donas de casa. Eu quando moça nunca trabalhei fora, não tinha no que trabalhar, no máximo era trabalhar numa loja e ainda tinham pouquíssimas lojas na cidade” (APÊNDICE D, 2017, p.167).

Em suas palavras, “nós não tínhamos oportunidades enquanto moças e solteiras, pelo menos no meu caso, até mesmo depois que casei, fiquei um tempo sem estudar e só depois voltei” (APÊNDICE D, 2017, p.159).

São falas que remetem a toda a discussão já apresentada acerca da história das mulheres.

Rubi tem a visão de que as mulheres ainda representam figuras ilustrativas do marido, ornamentos na sociedade, como no século XIX, sobrando a ela somente atribuições da vida doméstica:

[...] isso ainda não mudou em muitos casamentos, né? Eu mesma casei e não fui trabalhar fora. Demorei um tempo pra ir. Costurava em casa. Antigamente as mulheres falavam depois dos homens, aliás, com permissão deles, serviam só pra criar filhos, cozinhar e cuidar da casa. Só isso mesmo. (APÊNDICE D, 2017, p.167)

Diamante discorda de Rubi, “isso é passado, hoje as mulheres evoluíram, antigamente era bem pior.” Esmeralda completa a colocação de Diamante: “E a mulher não votava. Isso foi uma grande conquista. E a gente sabe que foi com muita luta que conseguimos muitas coisas” (APÊNDICE D, 2017, p.167).

Apesar das falas breves, percebi que devia valorizá-las, pois tratam de posicionamentos que abordei em alguns momentos da tese.

Esmeralda me fez pensar numa conquista importante que foi o direito ao voto. Hoje, o que parece tão natural, foi um direito conquistado pelas mulheres com cena de fundo marcada por preconceitos e autoritarismo masculino.

Nos anos iniciais do século XX, as reivindicações femininas voltaram-se para o direito das mulheres de votar e de ter as mesmas oportunidades educacionais que os homens; na segunda metade, seria questionada com mais ênfase a submissão e a dependência do ponto de vista econômico. Ainda nesse século, surgiram manifestações femininas no âmbito político e ideológico, reivindicando educação, instrução, trabalho e profissão, e também o direito de votar.

Almeida (2014) afirma que, nessa época, as mulheres deram início às primeiras publicações em defesa desses direitos: “[...] um movimento que aconteceu no interior das classes médias e altas, dirigidas por mulheres que pretendiam

conseguir maior visibilidade social e mais liberdade individual.” (ALMEIDA, 2014, p. 74). O direito de votar como exercício da cidadania possibilitava maior trânsito na esfera pública, segundo a autora.

No Brasil, o sufrágio feminino foi assegurado pelo decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932<sup>13</sup>, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, o qual disciplinava que era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma do código.

O direito de votar foi conquistado em inúmeros países, entretanto, em vários deles, a participação da mulher “[...] continuou restrita a pequenos grupos de mulheres educadas pertencentes a uma classe social superior” (ALMEIDA, 2007, p.75).

Participar em um processo político, com leis justas e inclusivas, era o que as mulheres, ditas da vida comum, também ensejavam, garantindo e marcando lugares e espaços que elas sabiam que podiam ocupar. Nesse contexto, as professoras, ao comentarem as conquistas das mulheres do século XX, tomando o exemplo do direito de votar e de serem votadas, trouxeram exemplos de ideais democráticos que incluem a participação de todos na sociedade à luz de igualdade e liberdade.

Outro fato que me chama atenção quanto aos direitos das mulheres no magistério é o narrado por Safira, que diz que, por não ser professora efetiva, “não tinha férias né, não tinha nada, não tinha direito de nada” (APÊNDICE C, 2015, p.150). Isso vem elucidar que, se não houvesse a efetivação por meio de concurso público ou contrato temporário, as professoras, mesmo diante de uma situação como a transcrevo abaixo, ficaria desamparada financeiramente.

[...] quando eu sofri um acidente, não tinha férias né, não tinha nada, não tinha direito de nada, não era nem efetiva ainda [...] E eu sofri o acidente [...] falaram pra mim, pode ficar sossegada na sua casa, não se preocupe com nada, a hora que você puder, você volta. E você sabe que eles nunca descontaram nada sabe, então foi muito gratificante, muito reconhecimento, devo muita gratidão a eles. Daí voltei, depois de vinte e sete dias, se não me engano. E voltei, mas eu não perdi nada, quer dizer que, não tendo direito de nada [...]. (APÊNDICE C, 2015, p.150).

\*

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Entre memórias, histórias e fragmentos, que representam saberes docentes, ricos em experiências contidas na prática de mulheres que foram se constituindo professoras, emergem inúmeras possibilidades de desdobramentos das narrativas, fortalecendo os objetivos da tese, como também os ultrapassando, no sentido do horizonte que nos abre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] você testemunha grandes e pequenos episódios que estão acontecendo à sua volta. Um dia será chamado a contar também. Então verá que o tecido das vidas mais comuns é atravessado por um fio dourado: esse fio é a história. (BOSI, 2003, p.10).

As experiências aqui narradas dizem das mulheres professoras, mulheres-pedra, que preferi chamar de pedras bonitas. Pois suas vivências nem sempre puderam ser expressas com a beleza das pedras preciosas, como simbolizadas no nome da cidade, e sim com a dureza, as possibilidades de reconstrução que as pedras nos dão, mesmo quando em estilhaços.

Trouxe pequenos fragmentos de lembranças que, segundo Bosi (2004), podem ter sido inspiradas em conversas com outras pessoas e, com o passar do tempo, passaram a ter uma história em cada professora. As lembranças de cada uma as acompanharam pela vida e foram enriquecidas pelas experiências que tiveram no vivenciar da profissão.

São memórias de mulheres professoras que se constituíram a partir de laços de convivência familiar, escolar, profissional, configurando assim uma dimensão da memória coletiva de Itaporanga. Essa memória coletiva é feita das diversas versões individuais acerca do mesmo assunto de seis narradoras que se dispuseram a contá-las.

Bosi (2004) me ajudou a entender que para salvar a memória que elas têm acerca da profissão docente, é preciso escrever sobre ela, fixando cada traço, mesmo aqueles traços que parecem escapar da memória, tornando-se cada vez mais fugidios.

Mas que interesse teriam essas memórias para a geração atual?

Reunindo pequenos fragmentos de experiência compartilhados por cada mulher-professora, que são para elas tão significativos, guardados como se guarda um tesouro, com suas relíquias valiosas, pedras preciosas e também algumas surpresas, ou restos de coisas que não se usam mais, que pertenceram e tiveram valor em um determinado tempo, apresento a beleza, a dureza, o processo de construção e as possibilidades de se tornar professora no período de 1950 a 1990, na pequena cidade de Itaporanga.

Ouvir as mulheres e suas histórias vividas há tanto tempo me remeteu às histórias e trajetórias vividas por mim como estudante, mulher, mãe, professora, gestora escolar, e os enfrentamentos que também tive no início da carreira, no percurso formativo e na trajetória docente.

A escuta sensível me possibilitou viajar e navegar em meio às muitas histórias, como fios de um novelo que desfaço e que, ao serem puxados, me remetem a outras muitas histórias. Volto a enrolá-lo e não consigo deixá-lo com a forma que tinha antes. Acho graça nessas mudanças.

Agora, ao desfiar os fios do passado dessas professoras, narrei o que, de alguma forma, chamou minha atenção, seja por algum motivo específico, ou mesmo sem nenhum aparente, mas que me impactou de alguma maneira e me foi significativo.

Ao ler e reler a transcrição da gravação, muitas ideias reverberam em mim, como se estivesse diante de um grande baú e convidasse uma a uma para abri-lo, e de dentro dele saltassem lembranças, memórias que viessem iluminar o presente, animando-as a falar das experiências vividas e do passado que até então parecia estar adormecido.

Percebi que as professoras, sentadas em volta da mesa, desfrutaram do momento do chá, mergulharam nesse baú de memórias e de lá tiraram as tantas histórias dos tempos em que lecionaram. Riram, choraram, sentiram-se saudosas, outras mantiveram certa distância, apenas completando as falas das colegas. Uma delas pouco disse de suas lembranças. Uma outra me pareceu estar somente no presente, como se seu passado tivesse sido apagado.

Esse movimento me reportou a outro, como se com elas estivesse no processo de mergulhar em suas memórias e trabalhar nessas lembranças do passado, a fim de ressignificar o presente.

Foi a experiência de muitas ações, de abrir o baú de memórias, mergulhar nas lembranças do passado, expor algumas histórias para as amigas, manter outras nos mesmos lugares, cuidar para que talvez ninguém mexesse naquelas outras histórias que cuidadosamente eram mantidas em segredo, zelar para contar com detalhes os fatos acontecidos, enfim, foi a oportunidade que elas tiveram para falar de seus feitos e de narrar suas experiências.

As histórias contadas por elas, mesmo que narradas com vozes meigas, calmas, até mesmo cansadas, não deixaram de iluminar as cenas vividas por elas.

Essas vozes são potentes, coletivas, respeitosas, atenciosas e uma alimenta a voz da outra. São mulheres que partilham coisas em comum, mulheres reais, que trouxeram, em grupo, seus feitos do passado, dando sentido a eles no presente.

As conversas nos encontros, assim como os temas dialogados, remeteram a muitas coisas e levaram-me a viajar com elas pelo panorama daquela época, ao mesmo tempo em que apontaram os valores predominantes.

Colher as narrativas dessas professoras e apresentá-las, iluminando as relações e as práticas que atravessam e compõem a experiência de constituição da identidade da mulher professora, a fim de que atuem transformando a cidade de Itaporanga, foi um trabalho na certeza de que não é somente minha essa luta, mas de todas as pedras bonitas que sustentam tantos pés e despertam reencontros das lembranças nos espaços da memória.

É preciso lembrar que, no ambiente provinciano do interior paulista, como a cidade de Itaporanga, ser mulher, em boa parte do século XX, era como permanecer enredada nos padrões estabelecidos nos seus anos iniciais e até mesmo no século anterior, pois as cidades do interior “sempre foram mais conservadoras do que as capitais, onde os costumes mudavam mais rapidamente em meio à multidão urbanizada e frequentemente cosmopolita, como ainda acontece nos grandes centros” (ALMEIDA, 1998, p. 170).

Em suas falas, percebi que a família, o casamento e a maternagem eram prioritários em suas vidas, conciliando-os facilmente com a educação de crianças na escola, uma vez que cuidar e formar estavam ligados, mas não sem enfrentar certas dificuldades.

Os atributos de vocação e afeto, conforme elas afirmaram, fizeram parte da satisfação que lhes conferia a profissão conjugada com a realização pessoal, ficando evidente “que, no ato de lembrar, queriam também afirmar-se como pessoas que realizaram algo importante em suas vidas, e, para isso, buscavam um reconhecimento, ainda que tardio” (ALMEIDA, 1998, p. 162).

Para a autora, mesmo incorporando o discurso da missão e da vocação, elas nunca deixaram de realizar suas atribuições docentes com responsabilidade e competência, esta última adquirida pela experiência visto que “não se acreditava nessa apropriação somente durante o período de formação, por melhor que fosse o padrão de excelência atribuído ao curso que frequentavam.” (ALMEIDA, 1998, p. 211).

\* \*

Escrever a tese para mim foi um exercício de empoderamento, em que ao possibilitar que elas falassem, sem atribuir qualquer juízo de valor às suas narrativas, não me preocupei com a veracidade de suas histórias e construí um material a partir da escuta dessas vozes.

Vozes que soaram nas falas breves ou longas, algumas até com teor íntimo, e que permearam o momento em que as professoras e eu pudemos nos debruçar sobre as práticas, vivências, trajetórias, conquistas, frustrações que fazem o cotidiano escolar de tantos professores e indicar que existe um mundo que precisa ser desvelado. Considero isso um ato político.

Além disso, escrever a história dessas mulheres é para mim como um exercício de rompimento dos silêncios que se impuseram, como efeito de uma época, buscando em suas vidas, na pequena cidade de Itaporanga, as histórias de resistência, de luta, de se constituir mulher e professora em meio a muitos desafios.

Chegando ao final do trabalho, entendo que seu valor maior, aquilo que o distingue, reside na concepção que tive e orientou sua realização, isto é, possibilitar que essas professoras contassem suas histórias de vida pessoal e profissional, histórias de um cotidiano que ficou no passado, de uma escola que serviu como modelo de educação de uma época, com práticas que não se adotam mais ao mesmo tempo em que perduram outras, como se o tempo não tivesse passado.

“Pedras bonitas podem falar!”, desde que oportunizados espaços de escuta e abertura que tragam as memórias das professoras com afetividade, sendo este também um ato de resistência.

A experiência trazida, não como uma simples descrição da evidência, foi um meio de questionar e refletir sobre os fatos que elas me contavam, daí o entendimento de que as experiências são históricas foi importante para que eu pudesse compreender que as experiências das professoras, como história passada, constituem o presente e indicam as possibilidades de mudanças a partir delas.

Alcântara (2012, p.303) afirma que “O trabalho docente possui uma historicidade que não pode ser compreendida apartada das experiências (também historicamente construídas) e das trajetórias individuais.” Desta maneira, para as professoras, segundo a autora, perceber o modo como exerceram a docência, não está desconectado de uma experiência histórica da classe, “mas também só pode

ser compreendido na análise das condições e possibilidades do contexto de exercício da profissão” (ALCÂNTARA, 2012, p. 303).

A recuperação da memória dessas professoras representa a recuperação da história de uma categoria profissional formada por uma maioria composta de mulheres que têm se mantido ausentes da organização educacional e das suas instâncias decisórias, mas não do efetivo trabalho cotidiano. “Uma ausência que pode, em parte, ser explicada pelo histórico costume de se fazer sempre uma história masculina, mesmo que nesta o papel das mulheres tenha sido determinante” (ALMEIDA, 1998, p.163).

Ao recolher memórias das professoras, viajei e convidei o leitor a viajar com elas em meio às muitas trajetórias de enfrentamento para se formar professoras. Com elas peguei carona no trator, na charrete, carroceria de caminhão em meio a lamaçais, sol, frio, atravessando todas as estações.

Foi uma viagem prazerosa, pois ouvi-las deslocou-me do meu tempo/lugar para um tempo/lugar que não me pertence, mas que ressoa em mim, e que, a partir de suas narrativas, pude reconstruir e tornar visível.

A expressividade das professoras, bem como a trama dos acontecimentos por elas narrados, vem permeada por histórias não lineares, que por vezes fogem ao contexto histórico. Mas como Ecléa Bosi assinala,

Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. [...] O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia (BOSI, 2004, p. 458-9).

A memória abordada na tese, tal como Ecléa Bosi (2004) aponta, diz respeito à memória-trabalho, pois é uma proposta de voltar ao passado pelos caminhos das lembranças, que revivemos, reconstruímos, refazemos com as singularidades de nossa constituição atual. Nisso reside o trabalho.

O que me propus a fazer foi permitir que essas mulheres aposentadas tivessem direito de narrar a própria vida com prazer, alegria, disposição, longe de impor-lhes obrigação alguma, considerando que “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar: é a sua memória”. (BOSI, 2004, p.68).

Essas histórias de vida estão povoadas de coisas perdidas pelas quais se daria tudo para encontrar e são elas que sustentam nossa identidade. Perdê-las é perder um pedaço da alma. Bosi (2004) brinca com as palavras, ensinando que quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não se deve perder a ocasião, pois, tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, se descobrirá os tesouros da memória.

São a esses tesouros transmitidos a partir das lembranças das professoras que tive acesso e que por serem testemunhos vivos me ampararam, permitindo-me “reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época” (BOSI, 2003, p. 17).

As narrativas trouxeram à tona as vidas dessas professoras, vidas que poderia chamar de minúsculas, invisíveis, de modo que pudessem participar, à sua maneira, da grande história da qual elas dão agora uma versão.

O trabalho docente visto por meio dessas vidas não é de forma alguma homogêneo e uniforme, ao contrário, porta significados e modos de vivenciá-lo inseparáveis da subjetividade de cada professora, mas também das conformações de uma época.

Nesse aspecto, Alcântara (2012) contribui ao dizer que

[...] o entrelaçamento de trajetórias individuais pode permitir-nos perceber continuidades históricas, modos de ser docente e de viver a docência compartilhados por gerações, por saberes imemoriais que constituem a experiência coletiva do magistério. Na trama das recorrências e das rupturas, podemos, assim, recusar a atribuição de uma linearidade à história da profissão, reconhecendo que as maneiras de experienciar a docência produzem-se no mosaico do possível e do pensável, das tradições e dos desafios concretos enfrentados pelos professores em sua faina cotidiana. (ALCÂNTARA, 2012, p. 303).

Por meio das narrativas percebi que as professoras ainda mostraram-se envolvidas por uma cultura cristalizada e fortemente segmentada, reafirmando em vários momentos a valorização da mulher como mãe, esposa e priorizando a família, residindo aí ainda um dos campos de maior conflito para as mulheres na contemporaneidade.

Parecem fazer parte de uma cultura escolar que já não existe mais, mas que ainda permanece vivo em muitas, bem como os valores que a justificam. Então digo que de muitas maneiras o passado é presente no cotidiano escolar atual, sendo

portanto contemporâneo das tecnologias e avanços que a escola experimenta historicamente.

Essas memórias que as professoras guardam da escola, seja nas fotos, nos mapas e plantas dos prédios, nos filmes, nos cartões e cartas, ou nas narrativas, falam de concepções de educação e de mundo em luta; em sucessos e em insucessos; em avanços e retrocessos, em formas autoritárias implantadas e mantidas, contrariando ou dificultando desejos de formas mais democráticas de mundo, de escola, de vida.

Para as professoras primárias do começo do século, o magistério foi o ponto de partida, foi o possível no momento histórico em que viveram. “Significou o trânsito do invisível para a visibilidade e a realização de alguma coisa, que não o pouco prestigiado serviço doméstico” (ALMEIDA, 1998, p. 211).

A partir daí, novos caminhos se abriram e as mulheres continuaram ocupando esse espaço profissional até representarem a grande maioria, e isso vem se desenvolvendo de forma progressiva nos últimos tempos.

Diante desse cabedal de tantas memórias, narrativas, experiências dessas mulheres-professoras-pedras, busco contribuir com a história da educação de Itaporanga, assim como com o processo de constituição da identidade docente.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. A sala de aula foi o meu mundo: a carreira do magistério em São Paulo (1920-1950). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 289-305, abr./jun. 2012.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo. Ed. da Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ler as letras, por que educar meninas e mulheres?** Campinas: Autores Associados, 2007.

\_\_\_\_\_. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI et al. **O legado Educacional do século XX no Brasil**. 3. ed. Campinas. Autores Associados, 2014.

ALMEIDA JUNIOR, Antonio Ferreira de. **A escola pitoresca e outros trabalhos**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BOSI, Ecléa. **Velhos amigos**. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3. ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2013.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **Memória e Narrativa: da dramática constituição do sujeito social**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BRASIL. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 26/2/1932, p. 3385.

\_\_\_\_\_. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971.  
<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 18 nov. 2017.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**. Complementary Methods for Research in Education. 3<sup>rd</sup> ed. Washington: American Educational Research Association (in press), 2004.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa narrativa experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, s.p., jan./dec. 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

DEBERT, Guita Grin. **Antropologia e velhice**. Coleção textos didáticos. Campinas, IFCH/UNICAMP, n.13, março 1994.

FERRER CERVERÓ, Virgínia. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995.

FIGUERÊDO, Raiza Barros de. Joan Scott e a noção de experiência para a compreensão do gênero nas pesquisas em psicologia. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 10. **Anais Eletrônicos.....**, Florianópolis, 2013.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque Book, 2013.

GARCIA, Pedro Benjamim. Paradigmas em crise e a educação. In: BRANDÃO, Zaia (Org.). **As crises dos paradigmas e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.

HADDAD, Sérgio. Escolarização de jovens e adultos - Universidade Católica de São Paulo. 2000  
Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>. Acesso em 29 out. 2017.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2013.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. São Paulo: Globo, 2011.

LOPES, Ana Elisabete; GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Lactette. Correspondências entrelaçadas: percursos de pesquisa com fotografia. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda; CARVALHO, Maria Cristina (orgs). **Educação Infantil: Formação e responsabilidade**. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 111-132.

LOURO, Guacira Lopes. História (Oral) da Educação: Algumas reflexões. **Em aberto**, Brasília, v. 9, n. 47, p. 21-28, jul./set.1990.

\_\_\_\_\_.Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MELLO, Dilma. Etnografia, pesquisa narrativa e fenomenologia: entendendo espaços de fronteira entre três caminhos de pesquisa. In: CORDEIRO, Rosineid; KIND, Luciana (Orgs). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016.

MITRULIS, Eleny. Construindo um novo conceito de escolar primária: caminhos percorridos. Faculdade de Educação USP. 1996.  
Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/812>>.  
Acesso em: 10 nov. 2017.

NERI, Anita Liberalesso. **Psicologia do envelhecimento**. Campinas: Papirus, 1995.

PERRENOUD, Philippe. Le Go-Between: entre famille et l'école, l'enfant messenger et message. In: MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe. **Entre parents et enseignants: un dialogue impossible?**. Paris: Peter Lang, 1987. p.49-87.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Ricardo. **Inspeção e escola primária em São Paulo: trabalho e memória**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Quatro Artes, 1981.

SÃO PAULO. **Anuario do Ensino do Estado de São Paulo (1935-1936)** – (Publicação organizada pela Directoria Geral da Instrucção Pública por ordem do governo do Estado). São Paulo: Tip. Siqueira, [193?].

SÃO PAULO. Governo do Estado. Lei nº 7.378, de 31 de outubro de 1962. Dispõe sobre o concurso de ingresso e reingresso no Magistério Público Primário do Estado e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 06/11/1962, p.3.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.021, de 10 de janeiro de 1968. Altera o artigo 7º, da Lei nº 7.378, de 31 de outubro de 1962. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 11/01/1968, p.2.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

\_\_\_\_\_. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Mulheres, 1999. p. 21-55

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria: História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

STANO, Rita de Cássia M. T. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.14, p. 61-193, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. **A pedagogia de Dewey** (Esboço da teoria de educação de John Dewey). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória. Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, 1997.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.17-18, p. 81-103, 2002.

WORCMAN, Karen; PEREIRA Jesus Vasquez (Coord). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Sesc; Museu da Pessoa; Imprensa Oficial, 2006.

## APÊNDICE A

### CONVITE – PRIMEIRO ENCONTRO

Querida professora,

É com enorme prazer que convido-lhe a participar do trabalho que desenvolvo no curso de doutorado em educação, com o intuito de pesquisar a história da educação da cidade de Itaporanga.

Em 2014, ingressei no curso de pós-graduação- Doutorado em Educação- pela Universidade de Sorocaba, com o projeto *“As pedras bonitas podem falar! Memórias de professoras de Itaporanga/SP sobre a docência.”* Diante das propostas contidas no referente projeto, conto com a participação de professoras de Itaporanga para dar início à produção da tese.

Desta forma, convido-a à relatar suas experiências como professora e, que agora aposentada, acredito que haja muitas lembranças para nos dizer do período em que lecionou: contar sobre sua formação, seus percalços, dilemas, aprendizagens obtidas nesta trajetória de professora e as principais memórias que gostaria de registrar.

Com muita alegria, venho convidar-lhe para o nosso primeiro encontro, um **Chá da Tarde**, que acontecerá no dia 28 de março de 2015 (sábado), às 16h, na Escola Estadual Dona Elisa de Campos Lima Novelli.

Venha participar, rever algumas de suas colegas de trabalho, desfrutar deste reencontro e dialogar conosco sobre a nobre atividade exercida pelos longos anos de sua vida.

Se desejar entrar em contato comigo, fique a vontade. Contatos: *e-mail*: [sandramouraferraz@gmail.com](mailto:sandramouraferraz@gmail.com) ou [mouraefferraz@bol.com.br](mailto:mouraefferraz@bol.com.br) , *facebook* e *telefone* (15) 9.9610-7523.

Aproveito para prestar meus votos de estima e agradecê-la.

Sorocaba, 12 de fevereiro de 2015.

**Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz**  
*Doutoranda em Educação- Universidade de Sorocaba/UNISO*

## APÊNDICE B – CARTA FORMULÁRIO

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>
<p><b>ALUNA:</b> Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz  <b>Tese:</b> Pedras Bonitas podem falar! Memórias, narrativas e experiências de professoras de Itaporanga SP.  <b>Orientador:</b> Prof. Dr. Wilson Sandano.</p>
<b>IDENTIFICAÇÃO DA PROFESSORA PARTICIPANTE</b>
<p><b>Nome completo:</b></p> <hr style="border: 1px solid black;"/> <p><b>Data de nascimento:</b></p> <p><b>Local Nascimento:</b> _____</p> <p><b>Estado civil:</b> _____.</p> <p><b>Tem filhos?</b> ( ) sim ( ) não. <b>Quantos?</b> _____</p> <p><b>Tem netos?</b> ( ) sim ( ) não. <b>Quantos?</b> _____</p> <p><b>Nome dos Pais:</b></p> <p><b>Escolaridade do pai:</b> _____</p> <p><b>Escolaridade da mãe:</b> _____</p> <p><b>Tem irmãos?</b> ( ) sim ( ) não. <b>Quantos?</b> _____</p> <p><b>Quantos anos tinha quando ingressou na primeira série?</b></p>
<p><b>Nome da escola que cursou o ensino primário:</b></p> <p><b>Nome da escola que cursou o ensino ginásial:</b></p> <p><b>Nome da escola que cursou o Magistério:</b></p> <p><b>Nome da(s) escola(s) que lecionou:</b></p>

Estimada professora \_\_\_\_\_,

É com imenso prazer que novamente envio-lhe o convite e espero por sua presença em nosso **2º Chá da Tarde**.

Para que possamos desfrutar do momento do reencontro, peço por gentileza que, se possível, a senhora traga algumas narrativas escritas que irão contribuir na finalização da tese.

Lembre-se que sua voz tem grande valor ao ser enunciada, aliás, neste trabalho, a senhora é a Pedra Bonita que fala e tem muito a dizer, não só a mim, mas para muitos.

Conte uma passagem que acha importante sobre sua trajetória docente.

Narre sobre sua infância: como era sua família, a casa onde morou, bairro, cidade, o que gostava de fazer, quais brincadeiras gostava e/ou outras coisas que achar importantes.

Traga algum tipo de registro (se tiver), por exemplo: cartas, bilhetes, cartões, fotos (até três fotos) que tenham um significado em sua trajetória como professora e escreva uma breve narrativa sobre eles.

Quais são suas expectativas para o futuro? Tem algum sonho que ainda pretende realizar ou alguma situação que ainda não viveu e que gostaria de viver?

Conte-me como é a sua rotina de vida atual. O que faz em casa? Participa de algum projeto ou grupo? Faz alguma atividade física? Desenvolve alguma outra atividade? Viaja? Lê? Fale o que achar relevante.

Como tem sido o seu processo de envelhecimento? Fale um pouco sobre isso.

Escolha uma Pedra Bonita que goste: \_\_\_\_\_

*Obs.: Venha participar do 2º Chá. Se não desejar narrar estas questões por escrito, não é obrigatório, somente as faça se sentir-se à vontade. Conversaremos sobre elas no dia do Chá.*

Gratidão pelo apoio e participação!  
**Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz**

## APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO

**Pesquisadora:** Primeiramente gostaria de agradecer a presença das senhoras professoras por terem aceitado participar desse encontro e contribuir para que eu possa iniciar os registros das experiências das senhoras enquanto professoras da cidade de Itaporanga. Bem, vou falar um pouquinho sobre os objetivos desse encontro e para isso vou ler alguns pontos importantes do projeto, como os motivos da escolha do tema, a seleção e critério utilizado para a escolha das professoras participantes, as razões da escolha da cidade de Itaporanga e outros apontamentos breves, porém importantes.

Peço às senhoras que não se preocupem com nada e que todas sintam-se a vontade para expor suas memórias, suas histórias acerca das trajetórias pessoais, docentes e/ou assuntos que surgirem no diálogo.

Em princípio a escolha do tema de pesquisa surgiu ...(fiz a leitura dos principais pontos do projeto).

E fico muito feliz em estar aqui hoje, posso dizer que até esse momento já aprendi muito com as senhoras, pois desde a entrega dos convites, a seleção das questões a serem trazidas para refletirmos hoje foram experiências maravilhosas. Então eu só tenho que agradecê-las.

Peço que me entreguem o termo de consentimento livre e esclarecido, aquele documento que acompanhou os convites, para que possa anexar a documentação da pesquisa.

**Safira:** O que você acha se nós começarmos essa reunião rezando a oração do Pai Nosso, por ser uma oração universal trará sabedoria a todas nós nessa tarde?

**Pesquisadora:** bem, eu não tenho nenhuma objeção. Sintam-se a vontade caso queiram participar.

**Safira:** vamos ficar em pé para rezar então.

**Rubi:** eu também quero fazer uma oração. Peço ao Senhor Deus, que ilumine a todas nós e que esse momento seja único na vida de cada uma de nós que estamos aqui.

**Pesquisadora:** vamos nos sentar agora e peço às minhas colaboradoras que sirvam as bebidas, os sucos, café, chá o que desejarem e também podem servir os salgados. Tudo isso é pra vocês.

**Safira:** Ametista, quando você se aposentou?

**Ametista:** me aposentei no dia 23 de julho de 1987.

**Safira:** eu me aposentei em 17 de abril 1983.

**Rubi:** olha, elas ainda estão com as memórias boas.

Risos .

**Rubi:** Eu com essas coisas de dia e ano não estou muito boa mais não.

**Safira:** Ametista você continuou trabalhando?

**Ametista:** não!

**Esmeralda:** já faz 18 anos que eu aposentei. Dia 21 de março 1997. Estou quase me aposentando de novo.

**Pesquisadora:** bem, já que as senhoras estão conversando sobre a profissão docente e também acho que a gente não consegue falar sobre outra coisa, o quanto isso é importante em nossa vida, é realmente a nossa vida né?

Eu gostaria de propor que quem quisesse falar um pouquinho, comentar quais foram os motivos da escolha da profissão do magistério. Como se deu essa escolha? Ter sido professora por tantos anos até se aposentar na profissão foi uma escolha pessoal? Ou se não foi, o que a levou a ter sido professora?

**Safira:** olha, que eu lutei bastante para chegar até aqui. Aqui em Itaporanga não tinha nada, só tinha o ginásio, nem o magistério tinha. Eu fiz o ginásio e terminei e fiquei perdida, aí eu falei, o que eu vou fazer agora?

Juntou uma turminha de Riversul, outra aqui em Itaporanga e combinamos, vamos para Itararé, fazer o vestibular, porque você sabia que tinha vestibular para passar? E eu não passei no vestibular. Aí eu fiz opção para fazer contabilidade lá em Itararé. Por incrível que pareça, eu vou lhe contar uma história nada a ver, mas que é engraçada. Alugamos um quarto em Itararé, eu e outra colega. Tinha mais outra moça que eu não lembro quem era elas fumavam muito e eu não fumava, ai que tristeza! Que boba! Aí eu pensei, vou aprender fumar como elas. E comecei a tentar, comecei a fumar.

Risos.

Bem, vamos continuar. Fui tentar fazer o primeiro ano do magistério em Carlópolis. Depois de Carlópolis saiu o curso normal aqui. Eu já estava trabalhando gente em outro emprego. Eu não me esqueço da senhora do correio, ela me dizia, não pare, não seja boba, largue desse serviço e vá estudar. Ela me incentivou de todo jeito. Eu larguei assim meio fajutona, faltava, eu estava na contabilidade da cooperativa. E você sabe que eu fiquei lá, faltando, faltando, de propósito para que mandassem embora, até que me mandatam mesmo, aí veio um advogado de São Paulo, eu entrei com um processo e acabei ganhando a causa. Foi depois disso que fiz o magistério. Foi na época do prefeito Lírio. Então foi bem difícil mesmo.

**Pesquisadora:** então naquela época não tinha o curso de magistério em Itaporanga?

**Safira:** não! Não tinha nada em Itaporanga, imagina ter magistério. E o negócio do cigarro, eu fiquei encafifada com a história do cigarro e a primeira vez que eu fui lecionar, eu fui no bairro dos Campos. Tinha uma senhora que fumava, ela morava pertinho da escola. Eu chegava pertinho da casa dela, ela oferecia um cafezinho, e vamos fumar. Um dia eu fumei você acredita que eu não fui embora, fiquei deitada na sala, não podia dirigir, não aguentava dirigir de tão tonta que eu estava. Ai que tontice! Eu estava no sítio. Aí eu disse a mim mesma, nunca mais vou pôr cigarro na boca e até hoje graças a Deus.

Foi Deus que encaminhou tudo pra mim. Foi uma barreira, mas foi vencida.

Como professora, eu ingressei em São Paulo e venci lá também. Ingressei em Taboão da Serra. Fiquei seis meses lá e vim direto para a escola Epitácio Pessoa. Naquele tempinho que tinha ótimo, bom, regular, lembra? Eu cheguei lá com ótimo e a diretora, coitadinha, era muito boa, considerou a nota que eu levei daqui, pois eu não faltava mesmo.

Era tudo muito corrido, eu vinha para Itaporanga na sexta-feira, mas na 2ª feira de manhã já estava na escola, e olha que eu voltei com conceito “ótimo” direto para o Epitácio Pessoa.

**Pesquisadora:** então o professor tinha um conceito pelo seu desempenho?

**Ametista:** tinha sim. Chamava boletim de merecimento, assim que chamava isso e quem atribuía isso era o diretor da escola.

**Safira:** sim, era e eu fiquei com medo porque era São Paulo, mas graças a Deus sai bem. Lá não tinha recreio, o lanche era dirigido, tinha que ficar com as crianças. Eu cumpri tudo direitinho como era o costume.

**Ametista:** Eu cheguei em Itaporanga em 1968.

Em 1962 eu fiz o curso de aperfeiçoamento para o magistério em Itapeva.

Em 1963 lecionando eventualmente na Maringá, fábrica de cimento. Em 1963 eu fiquei como substituta eventual, estagiária como falava, ficava esperando alguém faltar para dar aula, de 1963 até meados de 1964.

Em 1964 foi que eu peguei a minha escola rural no bairro Barra do Chapéu. Foi daí que eu comecei.

Em 1967 eu ingressei. Tomei posse dia 04 de janeiro e dia 15 de fevereiro de 1967, lá no bairro Barra do Chapéu.

Um ano após, em 16 de fevereiro eu fui removida pra Itaporanga, esperando que na próxima remoção eu fosse para Itararé que é minha terra. Até hoje estou aqui. E agora não vou mais.

Risos.

**Pesquisadora:** O dia 16 de fevereiro não chegou ainda professora?

**Diamante:** ela já virou Itaporanguense.

Risos.

**Ametista:** (chorando) agora o que melhor me aconteceu foi a transformação de cargo pra quem tinha tempo na administração de escola.

Eu substituí uma funcionária na secretaria, quando ela voltou da licença gestante, não quis voltar na secretaria e voltou para a sala de aula e o diretor na época me deixou na secretaria, substituindo a diretora. Então, quando foi em 1978 houve a transformação de cargos daqueles que estavam na mesma situação (citou vários nomes).

Eram sete ao todo entre Itararé, Itaporanga e Riversul. Éramos sete pessoas. Houve a transformação de cargos para assistente de diretor de escola, foi um presente que caiu do céu. Foi a única vez que eu ouvi falar nisso que aconteceu essa situação, não ocorreu mais que eu saiba. Daí eu tinha mais, digamos, direitos de substituir o

diretor, pois era um cargo abaixo do diretor. E assim foi, até que me aposentei dia 23 de julho de 1987.

**Ametista:** E foi publicado no diário do Estado dia 25 de julho, trabalhei três dias a mais. E no meu primeiro dia de trabalho como substituta estagiária que a gente ficava na porta da escola esperando aparecer alguma substituição eu pensei, hoje é meu primeiro dia, será que eu chego no último? Quando eu li no diário oficial minha aposentadoria eu disse “Cheguei!” Cheguei no último dia e já faz quanto anos, em 1987 já faz 28 anos.

**Esmeralda:** Eu também tive dificuldades para estudar.

**Ametista:** Eu lembro quando morava em Itararé, meu sobrinho queria ir morar comigo, eu dizia pra ele “o dia que a tia tiver cadeira, um cargo como professora efetiva, uma escola certa, você vem morar comigo”. Aí ele foi na casa da mamãe e disse assim “a tia disse que quando ela receber uma cadeira eu vou morar com ela, não entendi porque ela já tem bastante cadeira na cozinha dela”. E depois que eu efetivei no bairro Barra do Chapéu, ele foi morar comigo, tinha sete aninhos. E eu não me esqueço disso, que ele dizia que a tia quando tivesse uma cadeira, levaria ele morar com ela.

Risos.

**Rubi:** e todos nós podemos dizer “até aqui nos ajudou o Senhor por isso estamos alegres!”

**Ametista:** Naquele tempo não tinha as facilidades que tem hoje. Depois de tudo isso que contei, ainda tinha que correr pra faculdade. Na minha época tinha mais de 15 km da cidade então não podia viajar diariamente, hoje isso não é nada, então tinha que morar na escola. Viajava na hidráulica de trator, de cavalo, de *jeep*, a pé, de carroça, debaixo de chuva. Tinha que tirar o chinelo por causa do barro, isso quando o chinelo não grudava no chão.

Quando morreu o presidente Kennedy, eu lembro que eu vim do bairro Itaipava em cima de uma carroça carregada de milho em taia, em espigas naquela carroça e demorava, demorava. Chegou numa altura tinha fogo nos dois lados da estrada, eu sei que cheguei na casa de papai às 11 horas da noite e uma escuridão, escuridão, tinha acabado a luz. Lembra uns tempos que as cidades ficaram no escuro? Eu cheguei numa escuridão, bati na porta da casa de papai ele disse “com quem você veio?” eu vim de carroça, respondi. Daí, no dia seguinte que fiquei sabendo da morte do Kennedy. Aí dei graças.

E quando grávida então, em cima de trator, caía de cima do cavalo e assim foi.

Hoje em dia tem tanta facilidade, pensa em chover lá em Barão de Antonina e não vai ninguém aqui na escola na cidade. A maioria né? As mocinhas da cidade são assim.

Risos.

**Diamante:** Esmeralda, você lembra que nós íamos até o bairro dos Silvas juntas? Eu, você e outra professora? E eu ainda dava aulas num bairro mais para frente ainda. Dois anos dando aulas lá e quando chovia só faltava um bote para nos levar.

**Ametista:** Era difícil, mas a gente venceu né?

**Pesquisadora:** e para Esmeralda também foi uma opção ser professora?

**Esmeralda:** E a gente estava comentando aqui entre nós do “Cursos de adultos”. Era assim, de dia eu dava aulas pra crianças e de noite dava para adultos, concomitante, graciosamente, sem ganhar nada, não remunerado, debaixo de lanternas, não tinha luz elétrica, mas contava pontos também. Eu dei seis meses, mas não ganhei nada, porque até eu arrumar a papelada daqui de Itaporanga para Itapeva e de Itapeva para São Paulo, veio a resposta que naquela altura não era mais pra abrir cursos para adultos e eu estava com 16 adultos já sabe? Daí estava no meio do semestre, um pouquinho mais pra frente, eu falei assim pra eles “eu vou por conta e risco até o finalzinho”.

Eu estava dando o básico e tinha gente que não sabia nem contar de 1 a 5. Eu estava dando tudo certinho. Aí eu dei o nome de cada um, a numeração, as coisas mais necessárias, por conta e risco e expliquei pra eles “olha, agora não posso mais” e saí de férias. Quando eu voltei das férias, no primeiro dia, acredita que tinha aluno lá. E eu disse “olha, infelizmente não posso”.

E era assim, nem carteira tinha. Era uma carteira pra lá, tábua aqui, de noite com lampião, mas eu tive que dizer “não posso” e eles concordaram.

Depois de muitos anos, certo dia, encontrei um deles no calçadão da cidade e era um daqueles que não sabia nada, ele disse “Dona Esmeralda, as aulas que a senhora deu pra mim foram muito boas, hoje eu já fui tirar o meu título de eleitor”. Aquilo ali foi uma gratificação muito grande pra mim. Não ganhei nada, nem em ponto nem em dinheiro, nada, mas foi gratificante.

Agora quanto ao meu começo na escola, eu entrei atrasada na escola, porque eu era pajem de meus dois irmãos.

Minha mãe trabalhava muito, e ainda era o ano da maleita, que deu muito forte em casa. Eu não fui nem aos 7 nem aos 8 anos, fui aos 9 anos para a escola. Só que eu tinha tanta vontade que eu fui muito bem na escola, desde o começo fui muito bem mesmo.

Eu não sei a Rubi se teve a oportunidade de ouvir da Dona Margarida, que eu fui uma aluna muito boa.

Porque a mãe da Rosa contava pra mim que ela falava que eu fui muito bem na escola com ela.

Depois fiz até o quarto ano, sempre bem. Eu tinha vontade de estudar. Era uma vontade louca. Eu lia tudo que caía na minha mão. Tinha muita vontade de estudar, mas sair fora para estudar, meu coração não deixava ficar longe da família. Tinha gente que convidava, mas eu não ia.

Sete anos depois, eu saí em 1947 do quarto ano, em 1955 comecei em Carlópolis o ginásio. Tomamos chuvas pelo caminho, pousamos fora, começamos lá. Eu a Safira, a Rubi. Carlópolis foi a base para todas nós. Aquele sacrifício, em cima de caminhão tomando sol, fazia bolhas na minha costa, eu fiz o primeiro ano lá, depois viemos pra cá no segundo ano e terminei o ginásio. Terminei o ginásio e nessa época eu costurava para ganhar. Aí eu falei para mamãe assim “eu queria arrumar um emprego, estava pensando ir até Sorocaba” e todo mundo topou. No fim não deu certo e disse “tudo bem”. Minha mãe não deixava a vidinha dela, daí eu falei “eu queria arrumar um emprego para eu receber no final do mês, para saber quanto é que eu ganhei, porque a costura é coisa baratinha, ganha só um pouquinho, muito pouquinho...”

Ela falou pra mim assim “reze pra São José que você acha um emprego”. Ela era devotíssima de São José, tanto que na chácara onde moro tem um São José e o nome da chácara é São José. E eu rezei! Mas para falar bem a verdade, não rezei com muita fé (risos). Mas ela tinha fé. Na véspera do dia de São José, que é 19 de março, muita gente deve ter conhecido o Cravo, ele era menino e foi em casa e falou que o chefe do posto fiscal pediu pra eu dar uma chegadinha na pensão que ele queria conversar comigo. Eu fui, ele falou que estava na época de reajustar os impostos rurais, e precisava de uma pessoa que gostasse de matemática. Quem me indicou foi o Seu Lírio, porque sua filha estudava comigo e com certeza contava que eu gostava muito de matemática. Daí eu vim pra receber a verba do cafezinho, porque eu não lembro se era cem reais, cem cruzeiros, era pouquinho. Eu fui e falei pra mamãe “eu estou com medo”. Ela disse “vá se você não se acertar, você para”. Aí eu comecei no outro dia, no dia de São José. Ele falava que não precisava correr muito, que dava tempo, mas eu trabalhei direitinho.

Quando foi em agosto, era ano de eleição, o fiscal era candidato lá em São Paulo, e o Seu Antúrio, era secretário ali também, os dois eram candidatos, então fechou o posto dia 18 de agosto. No outro dia, o Seu Lírio me indicou para trabalhar no banco.

No dia 19 de agosto, comecei no banco, com a condição de que se eu quisesse voltar no posto podia voltar, mas eu gostei do banco, tinha mais serviço e ocupava mais a gente. Daí, não sei como é que funcionou e voltou a funcionar o posto, mas eu fiquei no banco. Aí, passaram, desde 1959, que eu estava no banco.

Em 1960, por aí, começou o magistério. E eu trabalhava na conta corrente, era serviço todo dia e não podia faltar. Aí a Dona Violeta, que tinha sido minha professora de desenho e inglês, foi falar pra mim, vem para o magistério, e ela era diretora da escola.

A minha vontade era ser professora. Desde menina queriam que eu desse aula mesmo sem ter diploma, que eu desse aula no sítio para os meus parentes. Ela foi para eu fazer minha inscrição, o gerente não permitiu que eu fosse aquele horário, porque ia abrir precedentes para os outros funcionários. Ela falou “Esmeralda, eu sei do que você é capaz, (até teve um concurso e eu escrevi sobre isso, essa experiência), você pega os papéis com os colegas, você vai fazer as provas” (porque as provas eram aos sábados-sabatinas), até a gente resolver isso.

Fiquei o ano todo indo só aos sábados, fazendo as provas, consegui passar e minhas notas não eram muito baixas não, eram mais ou menos.

No final do primeiro ano, ou no começo do segundo ano, teve a abertura de um banco em Taguaí, vieram os alunos do banco de Curitiba, os diretores de São Paulo, e todos os conhecidos da gente estavam lá.

A Dona Violeta foi lá, conversou com eles e falou “olha, se vocês não permitirem que ela vá frequentar a escola, nós vamos tirá-la do banco” (porque o gerente não deixava, embora os diretores falassem que podia). Aí todos disseram que sim, que era para ir.

E eu fazia assim, às 5h da manhã eu estava no banco, abria a porta, abria meio cofre e tirava meu serviço (se fosse agora tinha morrido de medo)- risos. Às 7h50 eu vinha para o Ginásio, às 11h50 eu ia para casa, trocava de roupa, almoçava e voltava ali onde era a Secretaria da Educação, voltava em quarenta minutos no pé dois, sol, chuva, fosse o que fosse e voltava e trabalhava até a noite, por volta das onze horas. No outro dia, estava lá às 5h da manhã.

A turma falava assim pra mim “você não vai aguentar”, mas eu tinha medo de deixar o emprego seguro pelo duvidoso, porque eu não sabia se eu ia ter condições de dar aulas.

Eu gostei muito de trabalhar no banco, chorei muito quando saí, porque eu gostava muito.

É o que eu faço até agora lá na loja do meu irmão, lidar com a matemática. Eu falei pra eles pra colocarem alguém para aprender meu serviço no banco, mais colocava um saía, colocava outro saía, aí eu disse “coloca alguém para aprender, porque se aprender eu vou sair, se não aprender ou vou sair também”.

Conversei com o diretor de São Paulo, eu fui levar uns documentos lá e falei pra ele “vou tirar férias no começo do ano e se eu me der bem dando aulas, vou pedir para sair”. Ele disse assim: se você precisar de férias no final do ano, tire férias agora pra acertar as coisas do seu curso. Eu disse “não, vou deixar para o começo do ano mesmo”.

E no primeiro dia fui dar aula. Não sabia nada como é que funcionava. Na minha cabeça era uma escola bonita, linda e maravilhosa. E aí enfrentei tudo! E daí quando completou tudo graças a uma colega professora, aquela de Avaré, me ajudou muito, foi muito companheira, eu estava acostumada a trabalhar sentada no banco, e tinha uma cadeira só e eu não aguentava ficar a aula inteira em pé, e ela dava a cadeira para eu sentar.

Terminaram as férias, eu vim e pedi pra sair do banco, fiz um acordo, não recebi muito vamos falar a verdade, mas eles disseram “se você não gostar, a hora que você quiser você pode voltar”. O gerente do mesmo banco da agência de Itaí pensou que havia acontecido alguma coisa com os funcionários e me convidou para ir trabalhar na agência dele.

O gerente do Bradesco de Taquarituba me conhecia também me convidou. Então eu agradeço a Deus, o pouco que recebi, mas tive muito sucesso.

**Pesquisadora:** O que eu proponho às senhoras agora é pensar sobre o início da carreira, como se deu o exercício da profissão docente, se estava diretamente relacionada ao exercício do trabalho em si ou ao reconhecimento da docência como status social?

E isso eu pergunto isso, pensando justamente nas condições que levaram às mulheres ao mercado/mundo do trabalho, a inserção no magistério como profissão quase que exclusiva feminina, e com atribuições intimamente ligadas aos cuidados com filhos, família, marido, irmãos. E nos dias de hoje percebemos o exercício da docência fortemente ligado às questões de remuneração, mulheres sustentando famílias inteiras. O que as senhoras podem comentar a respeito?

**Ametista:** Pra mim foi pura vocação!

**Topázio:** Vocação!

**Diamante!** Vocação!

**Safira:** Vocação!

**Esmeralda:** ah era por vocação, uma missão, pela vontade. Isso era visto nos trabalhos que a gente fazia.

**Ametista:** só pra você ter uma ideia, eu trabalhava com três series, segunda, terceira e quarta séries, uma única lousa. Quando eu vim pra cá foi quando eu comecei o trabalho com uma única série.

Eu peguei a classe que era da Safira.

Eu sempre gostei de primeira série e eu pedi pra diretora da época uma primeira série e como não tinha ela me ofereceu uma segunda série. Foi o único ano que eu lecionei na segunda série, o resto sempre na primeira série. E eu gostava de pegar primeira série daquelas crianças que não passavam pelo pré, aquelas que tinham dificuldades, para poder alfabetizar mesmo. A gente levava criança até pra casa da gente para ensinar.

**Rubi:** eu também! Elas iam em casa. Vinham do sítio a cavalo. Eu cheguei a pegar criança com dificuldades e alfabetizar em apenas seis meses.

**Safira:** o pior é que eu chego a ter inveja da minha sobrinha-neta, que também é professora, com aquelas coisas bonitas (livros, cartolinas) lá que usa para ensinar, e saber que eu não tinha nada daquilo (risos). Sofri, tinha que fazer tudo, pois não tinha nada, nada, nada. (se referindo aos materiais)

**Ametista:** E o famoso mimeógrafo? Aí era mais fácil. Veio pra facilitar nossa vida.

Risos.

**Esmeralda:** ah mas o que aconteceu comigo, não aconteceu com ninguém. Eu não tinha lousa, mas tinha uma janela de madeira lá na escola, eu comprei tinta de tingir roupa, passei na janela para fazer uma lousa, pois não tinha nem lousa para escrever e ensinar. Daí os alunos do primeiro ano passaram para o segundo, mas ficou um menino, porque naquele tempo eu era muito rigorosa, não fui eu que fiz o exame e ele trocava a letra “b” pela letra “p”, ficou de ano, se fosse agora ele passava na hora. Você já pensou?

**Safira:** é, vinham no final do ano os supervisores. No final do ano eles vinham aplicar provas para avaliar o aluno, para ver se você trabalhou ou não trabalhou. Os diretores das escolas da cidade, vou contar para você agora Diamante, se é que você não sabe (risos). O diretor Girassol, lembra que tinha aquele negócio que iam os supervisores, os diretores, as pessoas mais importantes da escola iam lá fazer exames para avaliar as crianças? Eu estava na escola do bairro São Sebastião, instituíram duas classes, tinha uma cozinha à parte, o Girassol foi para cozinhar, nem lembro o que ele fez, se foi arroz com frango, e ele estava tão alterado, nervoso, colocou tanta pimenta que não havia quem comesse (risos).

Aquele tempo era muito rigoroso.

Não tínhamos material, não tínhamos nada.

**Pesquisadora:** a senhora lembra porque o diretor estava nervoso?

**Safira:** Não, não lembro, ele era sempre nervoso (risos).

**Diamante:** É verdade, para a gente entrar no ginásio tinha que fazer exame de admissão.

**Ametista:** sabe a minha filha, há pouco tempo me disse que fala que o hino nacional, tem uma estrofe que fala do sonho e outra do amor. Ela diz assim “a dona Diamante ensinou que primeiro vem o sonho para depois vir o amor e nunca mais eu esqueci”.

**Diamante:** quando eu dava aulas para o segundo grau, aulas de Educação Moral e Cívica, eu ensinava comportamento, como sentar-se a mesa, eu recomendava o Grande Números (?)

**Esmeralda:** a minha sobrinha sempre fala que eu também ensinava elas sentarem, e todas usavam saias, a se comportar. Minha sobrinha, eu dei aula para ela na 4ª série, até agora ela fala que eu ensinei muita coisa que hoje passa batido.

**Diamante:** é verdade, nas aulas de Educação Moral e Cívica elas aprendiam muita coisa, ajudava muito, mas depois tiraram.

**Esmeralda:** e outra coisa que também ensinei muito foi a utilizar o lápis, o caderno sem estragar, eu apontava o lápis de todo mundo e falava “desenhar é só a hora que eu mandar”, tem que ocupar desde a primeira linha até a última e contava, são tantas linhas, tantas folhas, se vocês perderem tantas folhas e tudo para ensinar a economizar.

Eu fui diretora de escola no bairro Santo Antonio e tinha uma professora de Itaberá. Todo dia o cesto de sua sala ficava cheio de folhas de papel em branco. Um dia eu falei para ela, cuide mais do material das crianças, eles estão estragando demais. Os pais do sítio às vezes pensam que é só pedir o caderno que a escola dá, mas isso custa e chamei a atenção dela também, porque o estrago estava demais. Eu falei que ia até numerar as páginas dos cadernos deles para ensinar a fazer economia.

Eu nunca castiguei alunos, mas eu era exigente com eles. Cheguei a ver colega minha deixar aluno estudando a cartilha de joelho no grão de milho na hora do recreio, isso é duro, na hora do recreio, todos lá comendo, brincando e estes lá ajoelhados no grão de milho de castigo.

**Pesquisadora:** O que as senhoras gostariam de comentar sobre ter sido professora, mulher nessa época em que exerceram a docência. Quais impressões ficaram, quais eram as imposições, diferenças percebidas, questões salariais.

**Ametista:** o salário era igual, somente diferenciado era a aposentadoria, como é hoje. Mulher trabalhava 25 anos e homem 30 anos. Agora, não porque eu sou mulher, mas eu acho que as mulheres são mais dedicadas. No magistério sim.

**Diamante:** eu também acho.

**Rubi:** Nós tivemos professores homens antigos bons.

**Esmeralda:** tiveram alguns professores na escola Vicente Russo muito bons, lembram do Jasmim e do Alecrim?

**Ametista:** o Girassol, por exemplo, excelente professor, muito caprichoso. Eu não fui aluna dele, mas trabalhei com ele. Os rascunhos dele pareciam passados a limpo em relação aos meus (risos). A gente trabalhava junto e ele ficava fazendo aquele tal mapa do movimento, aquelas folhonas desse tamanho, não é verdade comadre? Então a gente fazia o rascunho, tudo certinho. Uma vez a gente ficou até 11h da noite lá porque tinha tempo para entregar e no fim eu fiz o verso da primeira folha e

leve pra ele na 2ª feira. Acho que se ele pudesse tinha me devorado (risos) de tanta raiva. Erramos tudo. Tudo que foi feito foi perdido sabe? E daí os meus rascunhos eu rasgava e jogava fora ele dizia “nunca faça isso, um dia a gente precisa do rascunho e o lixo foi embora”. Os rascunhos dele eram todos guardados, uma perfeição. Trabalhamos muito, muito tempo. Muito caprichoso, e os rascunhos dele era melhor que o meu passado a limpo.

**Esmeralda:** Esse é quem?

**Ametista:** O Girassol.

**Esmeralda:** Mas deixa eu comentar uma coisa

**Rubi:** acho que a única diferença, não que tem que estar tão bem vestidos, mas tem que ter comportamento de professora, tem que ter respeito.

**Pesquisadora:** para a professora Rubi, a vestimenta da professora é importante, pode comentar a respeito?

**Rubi:** ah sim, antes era diferente, os alunos tinham a gente como professora, até o cheiro era diferente. Eu lembrava do cheiro da minha professora Margarida, por muitos anos não esquecia.

**Esmeralda:** e os sapatos da professora Acácia, os sapatos da Dona Margarida. Topázio foi aluna da Acácia, tinha aqueles sapatinhos de sapateiro.

**Ametista:** Até na época tinha que ser blusinha de manguinha japonesinha assim, não podia ser né. Os homens eram todos de terno, tudo ajeitadinho. Hoje você não sabe distinguir quem é aluno e quem é professor!

**Diamante:** vai de bermuda, camisa xadrez.

**Ametista:** Só falta ir de chinelo!

**Esmeralda:** uma vez fizeram o mapa, o pagamento, sei lá que coisa e o moço da coleta bateu tudo, chegou lá, num sei quem foi, sei que foi um homem. “Mas eu num sabia que podia fazer de vermelho”, disse o moço da coleta. Mas eu não fiz tudo de vermelho! Coitado, ele era daltônico (risos), fez tudo em vermelho, teve que amanhecer refazendo. Depois tinha que levar num sei pra onde, acho que era pra Itapeva.

**Rubi:** Boa recordação!

**Pesquisadora:** Bem, o que eu gostaria de falar agora, e penso que este é um ponto importante pra gente dialogar, refletir, que muitas vezes a gente fala sobre a velhice né, e muitas pessoas as vezes questionam: mas falar velho professor, velha professora como se a palavra velho desmerecer a pessoa, mas o envelhecer faz parte da natureza humana. Como as senhoras consideram ter exercido a docência, e agora, na atual idade, quais são os impactos na vivência dessa fase que as senhoras estão vivendo?

**Rubi:** Só saudades!

**Pesquisadora:** Só saudades Rubi?  
(risos).

**Diamante:** Verdade! Muita saudade!

**Ametista:** Porque hoje em dia quem fala velho, assim com menosprezo não foram nossos alunos, não foram alunos nossos e não são pessoas bem educadas atualmente, daí falam por maldade. Mas da gente para o tempo passado e o de hoje eu acho é legal, não é legal? É gratificante, é gratificante vamos dizer, é gratificante saber que tudo passou, que nós estamos aqui com a graça de Deus, e foi bom, foi bom enquanto durou, né?

**Diamante:** Se pudesse voltar lá eu voltaria e faria tudo de novo

**Ametista:** Profissionalmente faria tudo de novo, profissionalmente sim.

**Rubi:** Eu faria também.

**Topázio:** Eu faria.

**Safira:** Eu também.

**Diamante:** Eu faria, voltaria..., trabalhar, enfrentar tudo.

**Safira:** Ainda mais agora que tem tanta coisa bonita né? (risos) Tanto material bonito né? Aquele tempo era tudo preto e branco. Em preto e branco não dá não. Hoje tem conforto!

**Diamante:** hoje todos os alunos pulam até por cima das carteiras.

**Rubi:** Talvez seja por isso que nós estamos aqui, talvez seja isso, que eles nunca deram valor.

**Ametista:** Eu tive um aluno, nunca esqueço o nome dele. Ele só andava de calça comprida, chininho de dedo, muito limpo, lindo e muito inteligente. Mas era desses bons alunos que fazem a lição primeiro que os outros e depois fica perturbando os colegas, de carteira em carteira. Então, é diferente de muitos mal educados de hoje, que, são mal educados mesmo né. E ele ficava pra lá e pra cá.

Eu dava aula em três séries ao mesmo tempo, pense em três séries.

Eu disse “você já fez a tarefa?”; “Já, sim senhora!”. Eu falava “então senta menino”. E ele não sentava, quando sentava ficava só um pouquinho e levantava, sentava um pouquinho e levantava. Falei, faz um favor, sente já pedi pra você sentar. E ele olhou pra mim e disse “Eh dona, parece que hoje você tá com o diabo no corpo!”

Risos.

**Ametista:** Porque eu não chamava a atenção dele, nunca chamei, nunca foi preciso, mas aquele dia ele estava muito impaciente né! O menino ficou quase uma semana sem ir na escola, e o pai vinha trazê-lo a cavalo na escola né. Um belo dia eu vi o pai dele chegando lá na venda né, e eu fui falar com ele. Disse, o que aconteceu pai que seu filho não está vindo mais na escola? O pai me olhou firme e disse “Ele disse que não está tendo aula, professora.”

Eu falei, então ele mentiu, está tendo aula sim. Daí ele falou assim, pode deixar que amanhã eu trago ele. E no outro dia levou ele lá na escola, daí eu falei “ porque que você não veio na escola?”. Ele disse “Não professora, porque eu pensei que não tinha aula”.

“Você contou pro seu pai que eu chamei sua atenção? Conteí que a senhora me chamou, mas, não conteí o que eu falei.” (risos). Ai que nervo!

**Safira:** Agora eu vou contar uma piada, piada não, mas aconteceu dentro da sala de aula, lá no bairro dos Benini. Ali, duas salas separadinhas assim, uma sala aqui outra sala ali, e eu era acostumada a fazer muito desenho com as crianças sabe? E desenhei uma árvore toda bonita e cheia de folhas, e as sílabas que eles estavam dominando eu colocava em cada folhinha da árvore lá, e fui sentar lá no fundo da sala. Peguei uma varinha e falava pro aluno: - fulano vai lá, mostra pra mim o “ba”, sabe? mostra o c, pegava, fulano vai lá, pega a varinha vai lá e mostra o cu pra mim. (risos e vários comentários paralelos). Saiu assim normal.

Risos.

**Pesquisadora:** que delícia ouvir essas histórias das senhoras. Em relação a formação do professor naquela época. Eu convido as senhoras pensarem e me contarem agora como era a formação do professor?

**Rubi:** olha, curso além do magistério eu nunca fiz. Eu até fui dar aula na igreja, mas nunca participei de nenhum curso de formação.

**Safira:** Eu fiz curso em São Paulo, assim, para ganhar ponto.

**Esmeralda:** É eu fiz também em São Paulo e em Itapeva.

É tinha sim, com muita dificuldade.

**Pesquisadora:** E às senhoras que fizeram como esses cursos aconteciam? Era uma vez no ano, várias vezes, comentem um pouquinho para que entenda?

**Esmeralda:** os cursos eram dados nas férias.

**Pesquisadora:** Nas férias do professor. Era em suas férias que o professor fazia curso?

**Safira:** Isso mesmo, fazia em suas férias! Era de interesse do professor, quem não quisesse não era obrigado não.

**Pesquisadora:** entendi. Então o professor não ficava ausente da sala de aula para fazer cursos?

**Topázio:** não, a gente só saía da sala de aula por doenças, quando ganhava criança ou caso muito grave, e olhe lá.

**Esmeralda:** a gente parava em uma pensão em Itapeva para fazer os cursos.

**Safira:** era interesse do professor, se ele quisesse ficar parado ficava, se não quisesse tinha que ir para São Paulo fazer os cursos.

**Pesquisadora:** Esses cursos acrescentavam além das teorias, de práticas e conhecimentos, alguma evolução para o professor em termos salariais assim ou não?

**Safira:** O que eu fiz deu. A gente ganhava cada inscrição que a gente ia, a gente ganhava cem pontos, vamos supor, faz inscrição para o ano que vem tinha um acréscimo de cem pontos o fato de eu ter o curso... [inaudível]

**Ametista:** Não sei se vocês conheceram o Narciso? Ele também fez. Esse curso que fizemos era de um ano, íamos para Itapeva fazer. No processo de escolha de aulas, de atribuição fazia diferença ter o curso. Eu achava que a diferença era nisso para a escolha de aulas.

**Pesquisadora:** Quem costumava dar os cursos?

**Esmeralda:** Um que eu fiz era o pessoal da delegacia de ensino mesmo e outro um supervisor de São Paulo.

**Pesquisadora:** Mais alguma coisa que queiram comentar sobre os cursos? Bem, eu gostaria que as senhoras me contassem um pouco como era a relação de professor com aluno, de professor com pais, professor com a comunidade. Porque hoje..., a senhora até citou o caso do menino, a Safira contou a situação de sua aula em que rimos, mas assim, o relacionamento entre as pessoas envolvidas no cotidiano da escola, com os pais com a comunidade, e olha que hoje a gente tem isso muito fortalecido nas escolas, de se ter os pais presentes como parceiros da escola, da comunidade, da escola aberta à comunidade. Então, naquela época como se dava essa relação?

**Diamante/ Rubi:** Muito pouco pai procurava a escola.

**Ametista:** Pouco, mas procurava.

**Esmeralda:** Mas tinha pai que nunca ia na escola, eu dei aula no bairro dos Silvas. Fui a primeira a pegar aula lá. Eu tinha pego o terceiro e o quarto ano, daí outra professora pegou, e o terceiro passou pra ela e eu fiquei só com a quarta série, e na quarta série tinha dois alunos com o mesmo nome, só que um era moreninho e o outro branco. Um deles vinha de longe, eu não conhecia bem, porque eu ia com uma colega professora, e não saía mais da escola, porque nunca deixei os alunos assim sozinhos. E o menino vinha pouco na escola, muito lambão sabe? Muito lambão que ele era, tinha assim o braço todo rachado sabe? Era lerdo, eu precisava ficar falando “vamos fulano”. De repente ele ficava uns três, quatro dias sem vir na

escola. “O que aconteceu, estava doente?”. Eu perguntava, mas ele dizia sempre que era gripe. Ele ia ali uns dias, de repente, faltava de novo, dizia que era gripe, gripe. E eu, inocentemente, acreditava. Daí, ah, quando foi no final do ano, ele não tinha condições de passar, e não passou, devido o número de faltas.

O pai desse aluno foi na loja do meu irmão, que era lá embaixo ainda e contou, ele num sabia quem era eu, num sabia nada, contou, que o menino dele tinha ficado de ano, porque num sei o que, porque a professora mais faltava do que dava aula, (risos). Disse pro que, num sei o que, que num sei o que né, e que ele quase foi denunciar a professora do filho e só não fez porque não sabia nem quem era. E olha, se ele viesse seria a salvação, porque todo mundo sabia, eu tinha a fama de ser “caxias”, pois eu não faltava, os outros podiam faltar, mas eu tinha que ir pra escola. E agora esse ex-aluno, homem adulto frequentava a terceira idade.

Depois de muitos anos, ele já adulto, e eu era presidente do grupo da terceira idade, falava: Você hein, você quase que o seu pai me processou por causa que você faltava na escola. Ele dava risada sabe? Eu falava pra ele assim você mentia pro seu pai e eu que levei a fama. (risos)

E criança é imprevisível. Os pais não podem dizer “meu filho é isso ou aquilo” porque eles tem a capacidade de inventar viu. E os pais não iam verificar se era verdade, mentira, cuidavam das suas coisas, do trabalho e não iam na escola ver o que estava acontecendo.

**Diamante:** eu também quase fui denunciada por uma mãe porque precisava sair cinco minutinhos mais cedo pra dar certo o horário de voltar pra cidade com as outras professoras e eu ia de charrete até o outro bairro. Mas a denúncia da mãe ficou só na promessa, não chegou até mim não. Também não tinha medo não. Ela não ia conversar comigo pra saber o que tava acontecendo, mas comentava com as outras mães e até tentava que as outras ficassem contra mim, mas não deu certo.

“Ametista, não era você a diretora da escola aquela época, não era?”

Risos.

**Ametista:** Não fui eu que dei falta pra ela não gente. Risos. A mulher que dizia que queria denunciar Diamante por causa dos cinco minutos, era numa outra escola (risos) [inaudível]

**Pesquisadora:** são relatos muito interessantes das professoras. Essas histórias que vivenciamos enquanto professoras com certeza marcam nossa vida.

**Ametista:** Eu vou contar um fato que marcou muito. É assim: a professora faltou e trouxe um atestado do posto de saúde. Trouxe um atestado do posto de saúde e na época era o médico do posto que dava atestado e eu não aceitei o atestado dela pra abonar sua falta. Eu não aceitei! Daí ela, a pessoa foi à delegacia de ensino, ao supervisor, e tá, tá, tá... saber porque eu indeferi aquele pedido de abono. Eu falei assim: eu indeferi e tá aqui o atestado dela, tá indeferido e arquivado, tá aqui, por quê? – Por que a senhora indeferiu? Falei: O médico nesta data senhor, não estava lá no posto de saúde, é uma assinatura falsa, então por esse motivo eu não posso aceitar, sabe?

O supervisor disse assim: Mas a senhora tem certeza que o médico não estava no posto de saúde? Sim, porque ele estava doente e hospitalizado fora da cidade. (risos)

E aí, eu podia fazer isso? Não podia fazer. E a professora pegou uma falta justificada e não abonada. A pessoa ficou sentida comigo, e eu também, porque ela quis ... ela foi falsa. Então, isso me marcou muito, porque eu não queria, não pelo fato do acontecimento, é porque eu não pude dar a ela o abono daquela falta, agora eu poderia dar sendo uma coisa injusta? Eu acho que não. E quem corria o risco de sair prejudicada, não era eu mesma? Ser ilícita né? Eu prejudiquei a pessoa porque falta justificada tinha meta, podia dar seis no ano né, seis.

A pessoa era boa professora, boa pessoa, não era faltosa, só que não é por causa disso que eu vou acatar uma falta, um documento falso. Isso me marcou muito pelo fato de eu não ter abonado a falta dela. Mas eu não me arrependo, porque foi uma coisa certa, e isso me marcou, nunca esqueci desse acontecimento, triste acontecimento. Ah, eu era a diretora nessa época.

[inaudível]

**Diamante:** eu também fui uma pessoa muito cricri, mas muito certa e justa. Coisa errada não era comigo não. Nem adiantava. Eu agia certo com todos, então cobrava que agissem certo comigo.

**Topázio:** eu também, nunca gostei e recebi uma educação pra falar sempre a verdade e agir certo com as pessoas.

**Ametista:** Mas sabe Diamante, que eu acho que a geografia principalmente, se não tiver, como a senhora fazia antigamente, com mapas, com globo, etc. né, não sei quem foi aluno do Seu Nardo aquela época, de geografia foi, era um espetáculo aquele homem né? Era assim tudo com cartazes, mapas..

**Diamante:** Coisas palpáveis.

**Ametista:** É isso. Agora minha neta gostou tanto da aula de geografia que ela falou assim: Vó eu quero que você compre um globo terrestre pra mim. Ela foi lá na loja de material e comprou, sabe, ela fica lá, estudando no globo, porque ela viu o globo na apostila, e falou, “só assim pra mim entender vó, que a Terra é redonda, que lá no papel não é redonda”. (risos)

Naquela época, naquela época sua Diamante, que o sonho era ser professor, a geografia era mais palpável. Hoje eu acho, o diretor que me perdoe a exceção, mas eu acho que é muito muito vago...o aluno pode ser bom aluno, o professora pode ser uma boa professora,... sua nora não é professora de geografia né?

**Diamante:** Não, ela é coordenadora de escola e professora de educação artística.

**Ametista:** Ah ela é coordenadora? Então, hoje em dia a professora pode ser uma boa professora, mas a criança não tem interesse; não tem essa visão, capacidade né? O relevo.... ....de madeira, virava assim. Para língua portuguesa tinha, aquelas estampas né, e pra geografia, agora hoje pra criança eu acho que torna-se muito vago né. Quer dizer não é culpa do professor, é o sistema né, é o sistema.

**Rubi:** Eu acho que não é vago não, é a televisão mesmo, é muita tecnologia, celular com tudo né? Tem computador com tudo que eles querem, então para as crianças

de hoje fica meio sem sentido, muita facilidade pra tudo, mas na nossa época aquilo pra eles era muito, novidade.

**Topázio:** meus netos não largam o celular, tudo consultam no celular, imagina no nosso tempo, nem imagina ter tudo assim na mão e tão fácil, por isso a gente ia buscar, ia atrás e aprendia de forma concreta. Hoje mudou muito.

**Esmeralda:** Agora uma coisa que eu não concordo, e vou falar, é muita comemoração na escola, (risos) muita, demais!

**Pesquisadora:** Na escola tinha muita comemoração?

**Esmeralda:** eu acho que tinha e tem muita comemoração na escola, e isso implica em tudo, tempo para criança, tempo para o professor, comunicação com os pais, eu não concordo. No nosso tempo a gente passava, era pouca comemoração e dava tempo de trabalhar. Dava aula, compensava. Então, pra eu falar bem a verdade, eu não gostava quando tinha comemoração, porque a gente tinha que trabalhar com as crianças, e parar de dar aula e fazer as outras coisas. Então eu achava que se tivesse a explicação da aula e tudo ali, era mais fácil.

**Pesquisadora:** a senhora pode comentar sobre isso Esmeralda? Na opinião da senhora a escola não precisa realiza-las?

**Esmeralda:** eu acho que a escola tem que ensinar, e essas comemorações, esses projetos tiram o foco do professor e se perde muito tempo, não que não sejam importantes, mas os conteúdos são mais, o que eles aprendem lá na escola dificilmente será visto em outro lugar do jeito que o professor explica. As outras coisas eles tem a vida inteira pra ver.

**Pesquisadora:** a senhora tem alguma lembrança sobre isso que queira narrar Esmeralda?

**Esmeralda:** sabe tem uma história que eu nunca esqueci. Ametista, que vergonha Ametista, lembra aquela vez que eu preparei as crianças pra cantar? Tinha até duplinha, tudo né? E tinha uma menina que não aprendia. Um dia eles todos brincando lá fora, tem criança que eu não vou falar, mas brincando lá fora, por isso que eu não gosto dessas comemorações e essa menina ditava o verso “lá no alto daquela serra tem um pé de bananeira, teu pai morreu de pus e tua mãe de caganeira.”

Risos.

**Esmeralda:** pense, as crianças quase morreram de dar risada, sabe, e daí, mas muito antes, isso foi no começo do ano. Depois, um dia, num sei se era dia das mães, nós fizemos uma festinha para as famílias, eu preparei as duplinhas para cantar, discursar, e a Ametista (fala rindo) pega o microfone e pergunta pra todo mundo: alguém aí quer falar? Alguém quer falar também?

A Ametista que era diretora da escola nessa época e começou a falar “Eu quero falar, lá no alto daquela serra”, (muitos risos) entendeu né, nossa, eu quase morri de vergonha, e se ela falasse que era eu que falei.

Risos.

**Pesquisadora:** E a Safira, tem alguma história, algo que queira nos contar?

**Safira:** Não, não, sobre isso nada. Só tenho uma coisa que lembrei e foi bem gratificante, quando eu sofri um acidente, não tinha férias né, não tinha nada, não tinha direito de nada, não era nem efetiva ainda, tive uma diretora de escola, uma pessoa muito boa. E eu sofri o acidente, e o supervisor da época, lembram né (elas confirmam), ah, isso sempre foi muito gratificante que eu tive, porque falaram pra mim, pode ficar sossegada na sua casa, não se preocupe com nada, a hora que você puder você volta.

E você sabe que eles nunca descontaram nada sabe, então foi muito gratificante, muito reconhecimento, devo muita gratidão a ele e à diretora.

Depois voltei, depois de vinte e sete dias, se não me engano. E voltei, mas eu não perdi nada, quer dizer que, não tendo direito de nada e ela quebrou o galho para mim, isso me marcou muito, jamais me esqueci desse ato deles.

**Pesquisadora:** E a Topázio? Tem algo que queira nos contar?

**Topázio:** há sim, muitas situações. Sempre me dei bem com meus colegas de profissão e diretores. São tantas histórias, acho que tudo que vivi foi de certa forma marcante, pois foi num momento único de minha vida. Em especial assim não lembro de nada agora.

**Pesquisadora:** E a relação dos professores com os diretores, como era? Dos professores com os diretores, supervisores de escola? Podemos pensar também como era a relação professores, dos diretores com os supervisores, com os gestores na época, já que a Ametista e a Esmeralda exerceram a direção também.

**Rubi:** Muito respeito e medo, muito medo. Eu tinha muito medo! Não gosto nem de me lembrar disso.

Eu, eu me achava muito pequena sabe, num sei se porque foi o primeiro dia de aula eu peguei uma classe de uma professora assim de muito gabarito né, mas eu tinha acabado de me formar. Eu me senti assim muito pequena, e depois de uns dias eu percebi que o diretor estava me sondando, e eu não tinha experiência nenhuma, eu não conseguia entender o porquê dele me sondar.

**Ametista:** Supervisor ou diretor?

**Esmeralda?** Era o diretor?

**Rubi:** Era o Diretor.

**Esmeralda:** Ele sondou lá no São Francisco também, pelo buraco da chave. Porque lá era assim, lá não ia carro mesmo, mas se chegasse, quem chegasse não podia sair sabe? Daí eu estava dando aula, escutei e a porta estava fechada. Tinha o

buraco que eu enfiava a mão pra abrir a porta né? Daí passou tempo assim, eu estava lá perto da lousa, passou um tempo eu fui pegar uma régua que estava na carteira lá atrás, quando eu fui para pegar a régua ele entrou, entrou e eu estava dando...é...como é que fala? Ah meu Deus agora esqueci como é que é... aquele... contém, não contém sabe? Como é que fala?

**Ametista:** Relevos? relevos?

**Esmeralda:** É Matemática, é matemática, os dois, contém não contém né, e... tudo na lousa, tudo certinho sabe. Ele entrou, e era pra continuar trabalhando, e eu fui lá e ensinei e tudo, né, até que ela falou que ele falou que eu estava trabalhando lá com conjuntos, conjuntos, é estava trabalhando com conjuntos que muito me agradou- ele falou sabe-, achou um tema muito bonito. Daí foi embora tudo. Minha prima, a casa dela ficava pra lá, perto da escola, ela via tudo da casa dela, disse que o tempo inteiro esse diretor ficava lá me sondando.

Risos.

**Rubi:** Ah isso é o cúmulo né? Realmente desnecessário. Pra que isso?

**Esmeralda:** ah, mas eu me dava muito bem ele, era muito bravo, mas muito competente.

**Pesquisadora:** Tem mais alguma coisa que as senhoras queiram comentar sobre essa experiência?

**Ametista:** Antigamente né, bem antigamente, antes de mim é claro (risos) antes de mim ainda, bem antes, ser casado com professora era chique, dizia-se que o homem que se casasse com professora era pra ser chupim (risos), casou com professora pra ter vida boa (risos).

Eu tenho uma amiga falecida, que o marido dela dizia que “chuta uma lata aí, sai tudo correndinho de dentro da lata”, eles achavam que era muito professor, só que ela lecionava com um quarto ano no Grupo lá no Paraná né? [inaudível]

**Diamante:** Mas hoje não é mais assim, hoje o custo de vida está muito alto, difícil viver com o salário de professor. Ontem teve até um protesto em São Paulo né?

**Rubi:** Vocês viram o Paraná como ficou?

**Ametista:** Um manifesto né? [inaudível]

**Pesquisadora:** é verdade, em Sorocaba muitas escolas aderiram a greve dos professores. As senhoras acham que esses manifestos são importantes?

**Diamante:** tem mais é que lutar mesmo, ainda mais agora com o custo de vida do jeito que tá. Se ficar quieto daqui a pouco professor tá ganhando salário mínimo.

**Rubi:** No Paraná foi coisa feia. Fiquei assustada de ver como ficou a situação daqueles professores. A televisão mostrou de um jeito que parece que eles estavam brigando por coisa que eles não mereciam. Só Deus mesmo.

**Pesquisadora:** mais alguma coisa que desejam me falar ou comentar? Bem, estamos caminhando para o final desse encontro e eu também desejo deixar as senhoras conversarem, matar a saudade e falarem de outros assuntos. Novamente volto a agradecer por esse diálogo que pra mim foi muito prazeroso.

**Ametista:** Mas você alcançou seu objetivo?

**Pesquisadora:** sim, o objetivo foi ouvir as senhoras e todas essas histórias de vidas, das vivências nas escolas, e eu acho ainda que ainda tem muita coisa para ser dito né, tem muitas coisas que as senhoras vão sair daqui e vão pensar “eu devia ter lembrado disso, eu devia ter falado aquilo” (risos). Foi muito bom mesmo. E, eu vou explicar pras senhoras como funcionará tudo isso a partir de agora. A dinâmica é assim, as senhoras observaram que eu gravei tudo, foi filmado, agora será transcrito e transformado num texto escrito que pretendo apresentar às senhoras no próximo encontro.

**Rubi:** minha querida, você deixou os velhos até agora falarem o que eles nunca tinham falado, saíram de suas tocas para falarem, nós estávamos esquecidas (diversos comentários paralelos e muitos risos).

**Pesquisadora:** Que lindo Rubi! A dinâmica disso tudo funciona assim: agora eu vou juntar tudo isso que foi narrado pelas senhoras, as frases ditas, vou transcrever, sem tirar nada do que foi dito, e aí, aí eu vou dar uma devolutiva pra senhoras de todo esse material. Vou apresentar pro meu orientador do curso pra poder dar continuidade e ver o que vou usar na escrita da tese, pois o material é muito rico.

**Rubi:** eles vão rir muito não vão?

**Pesquisadora:** imagina, vão amar tudo isso e vão valorizar muito (risos). E aí se tiver alguma coisa que as senhoras não concordam que continue na fala, a gente extrai. Caso, por exemplo, as senhoras vejam alguma coisa e achem que não deviam ter falado, até porque o nome de pessoas, a gente não vai colocar, para manter o anonimato inclusive das senhoras substituindo os nomes de todos os citados por nomes fictícios. Como são vivências das senhoras, mas que envolvem outras pessoas, a gente toma esses cuidados. Mas assim, eu deixei meu telefone, tem meu e-mail, as senhoras podem entrar em contato a hora que desejarem. A professora que acompanhou meu trabalho no início é uma pessoa confia muito no nosso trabalho e ela espera que eu, junto com as senhoras façamos um trabalho robusto, colhendo memórias, narrativas e construindo essa tese.

**Ametista:** isso pode até virar livro né?

**Pesquisadora:** nossa dona Ametista poder pode, pois essas memórias, as vozes das senhoras são muito valiosas e significativas para a cidade de Itaporanga, mas nesse momento pra mim isso é sonhar alto demais, e tenho um árduo caminho pela frente, mas quem sabe um dia (risos)

**Pesquisadora:** Bem, agora vou deixar as senhoras conversarem e tomar o chazinho. Olha essa caixinha é a lembrancinha simbólica desse dia. Minha intenção

é seguinte: como as senhoras simbolizam as pedras bonitas eu decorei as caixinhas com esses adesivos de pedrinhas coloridas. Dentro da caixinha tem uma frase pra gente fechar a tarde de hoje, aliás, já está noite, que pra mim foi muito prazerosa, é uma frase do educador Paulo Freire que diz: “*As memórias de mim mesmo, me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte.*” Então, é pra gente lembrar a nossa vivência e as nossas experiências.

## APÊNDICE D– TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO ENCONTRO

**Pesquisadora:** como está faltando somente a professora Ametista, pedi para um colaborador ir até sua casa ver se ela vem, já que ela mora tão pertinho da escola. Caso não venha a gente já começa. Enquanto isso, vou dar as últimas coordenadoras às colaboradoras quanto a disposição dos quitutes.

**Esmeralda:** sabe que a hora que começou a chover pensei ainda bem que Ametista mora perto, não terá problemas para ir ao chá.

**Pesquisadora:** Enquanto aguardamos ele chegar vamos fazer umas fotos com cada uma para registrar esse momento.

**Colaboradora:** alguém aceita uma taça de água ou suco?

**Rubi:** essa foto tem que ficar cheirosa.

**Safira:** bem, eu prefiro que a foto fique bonita mesmo e não faço questão que fique cheirosa.

**Esmeralda:** é foto por todo lado.

**Pesquisadora:** É que vocês são celebridades (risos).

**Rubi:** Não lembro mais quem estava no primeiro chá.

**Colaboradora:** a professora Ametista ainda não chegou de uma viagem que está fazendo com a família.

**Pesquisadora:** Bem, diante disso vamos começar então. E eu vou sentar também, já que as senhoras estão todas sentadas.

**Diamante:** a dona da festa não pode sentar sabia?

**Pesquisadora:** ah é? É verdade! Ai meu Deus!

Risos.

**Esmeralda:** Mas acontece que eu aprendi que todos tem que estar no mesmo patamar, para surtir efeito. Quando nós trocamos de delegado de ensino, ele lá em cima, nós lá em baixo, ele falava lá e nós obedecíamos aqui. Aí trocaram os diretores, e a diretora da escola que eu trabalhava era meio parente minha. Eu nunca falei como parente com ela, mas como minha diretora. Na primeira reunião, a gente sentou, ela pegou a cadeira, disse vamos conversar, e ali ela demonstrou que a maneira dela exigir da gente era completamente diferente. Ela dizia assim, a escola, não precisa ser “aquela” escola, até embaixo de uma árvore você pode dar aula, a aula não depende da escola e sim do professor.

Eu, como diretora, fiz coisas que nenhum diretor fez antes de mim, depois pode ser que tenham feito. Falo isso porque na minha escola tinha espaço bastante, era grande, tinha acabado de construir. Um dia, ela perguntou assim, quem de vocês

permite que faça algum trabalho na escola? Todos pareciam ter medo de responder. Eu respondi! Conteí que eu cedia a escola para aulas de crisma, catecismo, reuniões, para toda comunidade se precisasse. Ela disse assim “é isso que tem que ser feito! A escola é para atender a comunidade! Não é para a comunidade viver distante dela”.

Vou dar um exemplo: “vocês conhecem aquela moça que trabalhava de servente na escola?” Então, quando chegou à época do casamento dela, sua casa era pequena e eu ofereci a escola para ela fazer a festa do seu casamento. Eu ajudei no que pude, fui até madrinha. No final ela chegou em mim e disse: eu quero falar umas verdades para você . Levei um susto e pensei, minha nossa senhora, o que será que não deu certo? Na verdade ela confessou sua gratidão, dizendo que tudo só aconteceu porque eu a ajudei, caso contrário não seria possível. Dali pra frente tudo que acontecia no bairro era realizado na escola. Nem por isso a escola foi prejudicada, depredada , ao contrário, eles ajudavam a cuidar dela. Então é aquela história, mesmo sendo superior, a gente tem que estar na altura dos outros.

**Pesquisadora:** aproveitando o exemplo que Esmeralda trouxe para ilustrar nossa introdução, gostaria de agradecer imensamente as senhoras estarem aqui novamente, e dizer que depois do primeiro encontro eu transcrevi, escutei as senhoras falando várias vezes, eu ouvia as gravações, escrevia, lia, relia e estudava os textos.

Algumas falas ficaram bem nítidas, algumas eu tive bastante dificuldade para ouvir, teve barulho das xícaras, as conversas paralelas, as risadas, as brincadeiras, tudo isso de uma riqueza muito grande, porque a proposta de fazer o chá da tarde, de estarmos conversando, de proporcionar o encontro, tudo isso não foi por acaso, ele teve uma intenção, foi proposital, ao mesmo tempo em que pretendi ouvir as senhoras, conversar sobre as questões propostas nesse grupo de professoras.

Ao mesmo tempo em que estamos nos reunindo para conversar sobre as memórias docentes, essas trajetórias que as senhoras viveram, isso para mim é material para minha pesquisa, ao mesmo tempo é o momento para as senhoras estarem conversando, se encontrando e reencontrando, revivendo momentos da vida que foram importantes, então eu sou muita grata.

Depois do primeiro chá, de todo o material e essa formalidade, teve muita coisa boa que aconteceu. Eu levei esse material para vários congressos que participei. Pude falar em vários cantos do Brasil da prática de pesquisa, como em Maringá, Cuiabá, Maranhão, Campinas, Sorocaba e no ano passado fui para Porto, em Portugal apresentar a metodologia da Pesquisa Narrativa. Eu tenho certeza da importância dessa pesquisa, de estar aqui como alguém possibilitando que as senhoras professoras falem e me colocando disposta à ouvi-las. E eu faço questão de ressaltar que esse trabalho é um trabalho nosso, não só meu, pois se as senhoras não estivessem aqui, não tivessem concordado participar, nada disso estaria acontecendo, então devo toda essa alegria às senhoras. Vou deixar uma cópia da transcrição feita do primeiro encontro com cada uma das senhoras e caso haja alguma alteração que as senhoras queiram fazer, me comuniquem depois para que eu possa fazer, combinado?

Bem, quanto as atividades solicitadas na carta formulário, quem já entregou, tudo bem, quem não entregou depois entrega, se desejar, não tem problema. A Esmeralda me disse assim quando chegou: “eu escrevi seis folhas!” Mas na verdade isso não tem problema, quem escreveu seis, uma, quem não escreveu nenhuma. É

claro que tem algumas informações nesse formulário que vou precisar para preencher o perfil biográfico de cada uma das senhoras para compor a tese.

Então a gente vai iniciar essa tarde e as senhoras podem falar, conversar, tomar água, chá, café, podem comer, tem muita coisa aqui e eu espero que esteja tudo muito gostoso, tudo foi preparado com muito carinho. Esses pãezinhos de ervas foram feitos por uma colaboradora, tem bolo de laranja, outro de iogurte, tem doce de abóbora que uma colaboradora fez, tem queijo branco, tem um bolo quatro leites que outra colaboradora fez; suco de laranja, de maracujá, chá, água fervente para quem quiser fazer outro chá e um cafezinho fresquinho também, e as meninas (colaboradoras) podem estar servindo as senhoras. Ontem a diretora da escola me disse assim “as meninas no período da tarde são todas suas”. Então, enquanto a gente vai conversando elas podem ir servindo as senhoras, e como está calor hoje, fiquem a vontade para solicitar o que precisarem a elas.

Só vamos estabelecer alguns acordos antes, para facilitar depois na hora da transcrição, terá uma colaboradora especial que hoje será minha secretária particular (risos), ela estará deslocando esse gravador próximo a cada pessoa que estiver falando para que a voz fique bem nítida na gravação, então ela ficará sempre em volta das senhoras, pra lá e pra cá.

Então eu pergunto às senhoras, como foi a experiência de escrever as narrativas? Parar um momento para pensar nas questões e escrever/colocar no papel? Me falem a respeito.

**Esmeralda:** Eu gostei. Eu gostei porque a gente sem querer fica voltando lá atrás, sente saudades. Eu fui de escrever muito, mesmo sendo de matemática, de gostar de números, de arquivos, até é com isso que eu trabalho agora.

**Rubi:** Eu não tenho uma memória como a Esmeralda não. Eu não lembro muita coisa. Eu não sou de guardar muita coisa, o meu marido já é, mas eu não. Então, eu ingressei em Piedade, e com muito custo em consegui lembrar o bairro que eu fui, eu tinha acabado de sair do centro de saúde, fazia 12 anos que eu não lecionava. Eu encontrei um amigo, diretor de escola, filho de uma amiga, e ele foi uma pessoa maravilhosa comigo. É que como eu já não era criança, eu tinha feito concurso e fui para o centro de saúde para ter o emprego como segurança financeira mesmo, mas eu nunca gostei, depois quando eu tive oportunidade de passar no concurso para professora eu enfrentei a realidade. Deixei filhos, marido, eles deram apoio muito grande, e fui pra lá, mas logo voltei. Fiquei seis meses. Não tirei sequer um dia de licença. Consegui ficar todo tempo. Além da escola do bairro, o diretor me fez ficar com uma classe que a professora tinha ficado doente de tão danadas que as crianças eram, e eu sem experiência por tantos anos sem dar aulas, mas Deus me deu forças. Eu ia no domingo a noite e voltava na sexta-feira a noite. Minhas crianças ficavam com minha irmã. Foi uma experiência muito boa que eu tive. Deus me deu muita força. Depois voltei pra cá, não dei nem aula no sítio. Fui direto pra escola Vicente Russo e lá fiquei. Assim que me formei também peguei classe na cidade. Deus tem me abençoado muito na jornada.

**Safira:** eu fiquei treze anos na escola rural. Depois eu fui para Taboão da Serra. Eu ingressei lá. Ai que lugar triste! A sorte que tinha uma diretora que era uma coitada, muito boa e depois a gente leva tudo a sério né? Eu vinha fim de semana, voltava na segunda-feira, não faltava, cumpria minha obrigação, saí de lá, removi para a escola Epitácio Pessoa. Fiquei seis meses lá, mas não foi fácil.

**Diamante:** eu trabalhei em vários bairros aqui em Itaporanga. Só em Riversul em trabalhei seis anos. Eu ia e voltava todo dia. Eu acho o povo de lá não é nenhum pouco hospitaleiro. Eu ia de ônibus e a noite, após a aula, meu marido ia me buscar. Tinha um servente, um senhor muito bom, fazia companhia para mim, era muito boa pessoa, devo muito a ele, talvez já tenha até falecido, ficava esperando comigo até o marido chegar, mas ninguém nunca sequer me convidou para tomar um café nesses seis anos, eu ia e voltava todo santo dia.

Aqui em Itaporanga eu dei aulas em vários bairros, bairro Lageado, Ribeirão Branco, Maria Julia, uma escola perto do bairro Samambaial que vai dar numa prainha, não lembro o nome dela agora. A primeira escola que eu trabalhei foi no bairro Rio Verde. A última escola rural que eu trabalhei foi no bairro Maria Júlia, daí fui para a escola Epitácio Pessoa e permaneci até aposentar.

**Esmeralda:** no bairro São Francisco a senhora ficou uns meses também né? Ficou quando eu era diretora, lembra? Naquele tempo era a escola Lageado, a senhora ficou uns meses lá. Daí eu lembro que a senhora passou para o bairro Ribeirão Branco e foi outra professora no lugar da senhora e lembro também que nós mudamos o horário da escola porque a senhora viajava. Eu lembro que teve o aniversário de um dos filhos da senhora, do mais novo, ele caiu de cima do carro no dia do aniversário, a senhora chegou na escola e contou que ele não fez a festa, e como eu estava sozinha lá, lá não tinha presente, não tinha nada, e como criança gosta de doce, eu arrumei uma tigelinha com pedacinhos de goiabada pra ela trazer pra ele e no outro dia ele fez questão de ir com ela, levou um pedacinho de bolo branco. Chegou e colocou o dedinho assim e falou pra mim “isso aqui é doce viu!”.

Risos.

**Diamante:** nossa! Não me lembro disso Esmeralda.

**Esmeralda:** e depois a senhora me deu uma fogareirinho Diamante que eu vou contar uma história que eu sei que vai valer também viu Sandra. É uma das tragédias/passagens que a gente passa. Esse fogareirinho, a gente morava lá no bairro da escola, eu sempre parei lá, morava lá, então tinha a horta, tinha hortelã, erva cidreira, e as crianças daquele ano como tinham mudado de horário, elas vinham para a escola sem alimentação, tomavam só um cafezinho, mas isso eu não sabia. Quando chegavam umas horas da manhã, uma delas falava assim “dona Esmeralda, não aguento de dor de cabeça”. Eu colocava uma canequinha com água no fogareirinho e fazia um chá de hortelã, ou de erva cidreira e ia dar para aquele que tinha reclamado, mas aí outro dizia “eu quero também, eu quero também”. Acaba que todos tomavam uma canequinha de chá e dali a pouco sarava a dor de cabeça. E assim foi gente. Em outubro, que é dia das aves, eu explicando sobre as aves, eu comentei do ovo frito, que geralmente a gente come de manhã, com pão, com arroz, com farinha, come no café da manhã. Foi aí que eles falaram, “nós não tomamos café da manhã professora”. Eu fiquei muito surpresa. Alguns deles tomavam só cafezinho preto. Eles almoçavam às 9h na escola, não sei que horas comiam mais alguma coisa e às 4h ou 5h da tarde jantavam. Esse era o horário deles. Tinha uma das crianças que disse que nem o cafezinho preto não tomava. Minha nossa! Aí eu disse, então nós vamos fazer uma coisa, vocês vão pedir pra

mamãe pegar o restinho que sobrar da janta, o que tiver, ovo, virado de feijão, vocês vão trazer e nós vamos tomar lanche juntos.

Eles eram acostumados trazer limonada, pipoquinha, isso não é lanche, não sustenta. Eu tomava um cafezão de manhã, na hora do recreio comia mais alguma coisa e depois da aula eu almoçava e eles vinham de longe e iam chegar na hora da janta em casa, daí já perderam a fome. Como eu parava na casa de uma prima, ela falou assim, “então eu mando uma tigela de comida pra você comer junto com eles”, pois no sítio tinha coisa com fartura né? E eles se acostumaram trazer o que tinham em casa e comiam comigo. Daí quando já estavam acostumadas a trazer eu disse que não precisava mais que eu comesse com eles, mas que nada, eles disseram que se eu não fosse comer com eles, não iriam comer também. Até o fim daquele ano foi assim.

E eles não conseguiam aprender porque, apesar de serem crianças inteligentes não conseguiam, porque era falta de comida. E a gente sem querer, sem perceber, deixa passar sem saber. E como eu era nova na carreira demorei perceber. Ah e depois todo dia tinha o lanche e o chazinho também.

**Pesquisadora:** Muito interessante a lembrança de Esmeralda. Mas são situações que acontecem no cotidiano da escola.

**Rubi:** do que é o chá que está sendo servido?

**Pesquisadora?** É chá mate com alfavacão, cravo e canela.

**Pesquisadora?** Topázio, o que achou de escrever?

**Topázio:** eu comecei a lecionar em Itararé. Comecei é o modo de dizer, porque eu lecionava na escola Dr. Herculano Pimentel, que fui até eu que ajudei a fundar essa escola porque eu saí procurar aluno quando a escola foi inaugurada, junto com outros professores e mesmo sendo substituta lá, eu viajava para cobrir licença de alguém até Riversul. Saía 4h30, 5h da manhã, porque a Kombi que a gente vinha, vinha distribuindo os professores, então pra chegar na minha escola tinha que sair bem cedo, e foi uns 3 anos assim, até que em 1980 eu vim pra cá. Eu ingressei aqui no bairro da Onça. Fiquei meio ano ali, depois fui para o Samambaial que era mais perto, fiquei um ano lá, depois em vim para o bairro Alvorada, fiquei dois anos mais ou menos e vim para a escola Epitácio Pessoa. Naquela época eu lecionava P1 e P3, eu tinha feito duas faculdades, letras e pedagogia. Tudo isso depois que eu já era casada, tinha todos os meus filhos. Até o 3º ano de pedagogia eu fiz em Itapeva porque em Itararé não tinha, eu fui da primeira turma de Pedagogia de Itararé, fiz três anos de Pedagogia (ficou em dúvida quanto ao número de anos). Letras que eu quis fazer depois que eu tive que ir um ano em Itapeva, viajava toda noite, deixava as crianças pequenas, foi tudo muito difícil, mas a gente venceu.

**Pesquisadora:** então a senhora e a Rubi estudaram depois de casadas e já tinham os filhos?

**Rubi:** Eu recebi meu diploma com um filho na barriga.

**Diamante:** Eu fiz tudo com dez filhos e com muitas dificuldades. Ontem eu estava comentando em casa, a gente passava até fome, porque eu e o marido fizemos

faculdade juntos em Avaré. Ele ganhava para as despesas da família e eu ganhava para pagar os estudos de nós dois, não era fácil não, como não era fácil enfrentar sítio, que eu enfrentei bastante.

**Pesquisadora:** a professora Rubi, professora Topázio e professora Diamante estão relatando sobre a questão de terem estudado depois de casadas. Alguém quer comentar sobre isso?

**Rubi:** nós não tínhamos oportunidades enquanto moças e solteiras, pelo menos no meu caso, até mesmo depois que casei, fiquei um tempo sem estudar e só depois voltei.

**Diamante:** quantas vezes eu colocava o livro lá, assim, criança chorando, balançava o carrinho da criança com o pé e com a mão segurava o livro e lia, não me arrependo não. Não me arrependo de nada que eu fiz, pois deu tudo certo.

**Safira:** eu com a Esmeralda, começamos em Carlópolis, que anarquia não? Ai que coisa horrível! Viajar em cima daquele caminhão. Carlópolis foi a base pra muita gente, mas eu desisti, não sei se a Esmeralda desistiu. Depois criou o ginásio aqui né?

**Esmeralda:** eram vinte e tantas meninas, terminamos em apenas oito (ela nomeia as meninas). Aquele ano eu terminei lá sim.

**Rubi:** eu também fiz lá.

**Safira:** olha vou dizer uma coisa: nós estudamos com muito sacrifício.

**Esmeralda:** Rubi, você falou aí que você não gostava do posto de saúde, mas eu sempre comentei em casa que você tinha um dom pra trabalhar na saúde. Lembra quando a Dália sofreu ataque? Quem amanheceu dando remédio pra ela foi você.

**Rubi:** Não me lembro disso (risos). Eu sempre tive esse lado assim, vamos dizer mais solidário, mas na saúde, eu não me dei muito com médico (soltou risos), os médicos gostavam muito de mim e embora eu tenha ido muito bem, até hoje o pessoal me diz isso, mas eu não gostava de dar injeção, eu gostava mesmo era de fazer visitas nos lares.

**Diamante:** teve um ano, quando eu dava aula no bairro Maria Julia, eu dava aulas para primeira, segunda, terceira séries, tudo junto, tinha um mocinho e ele me falava assim “professora eu quero aprender”, e as crianças morriam de medo dele, porque ele era meio desequilibrado. Devia ter uns 17 ou 18 anos. Eu contei pro meu marido e ele ficou assustado e disse que ia mandar a polícia atrás dele, eu disse “imagina, ele só quer aprender”, e eu ficava penalizada porque ele chegava e falava “professora eu quero estudar, quero escrever cartas pra minha namorada”. Como as crianças tinham muito medo dele eu dava umas folhas de caderno pra ele e uns lápis e ele ia debaixo de uma árvore. Daqui a pouco voltava e dizia “professora, fiz umas cartas bem bonitas pra minha namorada”. Ele tinha escrito, “chutei a bola”, “a bola é da Maria”, essas coisas.

Risos.

**Diamante:** E enfrentei tudo! Ah, tinha uma senhora lá, eu ia de charrete e tinha uma subida bem forte, então o charreteiro dizia que não dava pra subir quando estava chovendo, daí ele dizia “eu vou esperar lá no alto”. Então a gente tinha que sair uns minutinhos antes pra poder pegar a charrete. Íamos a pé, e ela resolveu implicar com isso e dizia que ia me denunciar. Sabe o que ela fazia? Fazia reza de terços na sua casa para pegar assinaturas de outros pais, para me denunciar, mas não pegou, não deu certo. Eu sofri no sítio.

Em outra escola que dei aula, acho que foi no bairro Lageado, tinha buracos no chão da sala, da escola toda, um dia saiu uma cobra do chão e foi uma correria da criançada. Não foi fácil.

Foi lá no bairro Maria Nogueira que a senhora queria me denunciar.

A última escola que eu trabalhei foi no bairro Maria Julia, de lá eu fui para a escola Eptácio Pessoa.

Esmeralda, eu não ia com vocês até o bairro dos Silvas de carro? Depois eu ia mais 1 km de charrete sozinha. Enfrentei dois anos. Mais lá tinha muita gente boa. Lembro que na época tinha uma aluna que teve paralisia infantil que o pai carregava, estudou lá na escola com a gente, depois veio pra cidade, fez faculdade, formou-se professora e até já aposentou. Ela até dirigia. Um exemplo de vida. O pai a envolvia numa toalha plástica, levava para a escola e depois no final ia buscá-la. Olha, são muitas histórias, muitos episódios.

**Esmeralda:** eu como professora dei aulas em menos escolas. Fiquei quatro anos no bairro São Francisco, só que era muito difícil ir para a faculdade de Avaré. Eu tive que subir seis km a cavalo, às vezes chovia, eu tinha que voltar e ficava muito contramão. Como eu era a primeira a escolher, eu já tinha passado no concurso em 1971, e me formado em 1968, eu tinha prioridade e era a primeira a escolher, daí falaram, porque você não escolhe uma escola que você possa ir e voltar? Assim dá pra você ir pra faculdade e vai facilitar sua vida. Foi aí que eu optei pelo bairro dos Silvas e fiquei um ano lá.

Depois surgiu uma classe no bairro dos Campos, que era mais perto, e como era estrada oficial, tinha bastante condução, então quem fosse me levar e buscar era mais fácil, então peguei aulas um ano nos Campos. Depois fui pro bairro Rio Verde e de lá eu só saí pra ficar sete meses substituindo e respondendo pela direção da escola do bairro Santo Antonio. Como eu já tinha feito Pedagogia, já estava preparada, na verdade, me prensaram na parede, pois a Dona Sálvia e a outra diretora diziam “você tem que ir pra lá” eu dizia que não ia, pois eu era professora e até sugeri que pegassem uma das minhas colegas que tinha feito Pedagogia comigo, mas eu tinha feito mais habilitações que elas. Quando eu fiz Pedagogia, saí com habilitação em supervisão escolar. “Safira você não estava na minha turma?”

**Safira:** eu acho que estava sim!

**Esmeralda:** Aí, não dava direito a nada, só se prestasse concurso, não recebia a mais, nem nada. Aí a notícia é que tinha que fazer “atividades”, bem como é mesmo? Bem, acho que era “disciplinas do magistério”, e aí tinha uma remuneração melhor pra quem fizesse. Então, o curso acontecia aos finais de semana por seis meses e como a minha irmã estava namorando lá em Avaré, eu uni o útil ao agradável, fui parar na mesma casa que minha irmã parava e fazer o curso.

Risos.

**Esmeralda:** E num vai e vem, não lembro se eu estava indo ou voltando, mas sei que teve algum problema no ônibus que tive que trocar de ônibus no meio do caminho e encontrei uma colega professora. Conversamos e ela se interessou em fazer o curso comigo e pediu para que eu perguntasse para a dona da casa que eu parava, se ela não a aceitava também para que ela pudesse parar lá e fazer o curso. Daí, ficamos em duas lá e fizemos o curso. Formamos um grupo com outras professoras de Botucatu, de Bauru e os nossos trabalhos os professores tomavam tudo, cada um fazia uma parte, elas faziam lá, nós fazíamos aqui, fazíamos aquelas coisas diferentes e então nossos trabalhos eram dez, dez, dez. E terminamos essa. Dessa turma, alguém delas falou, olha gente, agora vai formar uma classe de “administração escolar”, que é o que dá direito a ser diretora né? Não vamos parar, vamos continuar, só mais seis meses. Daí, depois passado um tempo, uma turma foi fazer em Jacarezinho, no paraná “orientação escolar”, e eu fui também. Sofremos um acidente com meu carro. Então eu tenho as quatro disciplinas escolares, que eles chamam de habilitação né? Eu nem sabia pra que servia tudo isso, fiz pra pajear minha irmã e é claro aproveitar a companhia que estava muito bom, que era o grupo que formamos.

Então, quando eles foram me convidar pra substituir a direção da escola do bairro Santo Antonio, a diretora que estava lá, estava irregular, não tinha a especialização que era exigida pra estar no cargo. Mesmo assim eu insistia pra que eles convidassem outra pessoa, citei até nomes de colegas minhas, mas elas insistiam pra eu aceitar.

Eu não me via como diretora de escola e só como professora, ensinando crianças. Aí eu perguntei “e se eu não gostar?”. Elas disseram: “você volta pra sua sala.”.

Daí eu fui, fiquei de julho de 1980 a começo de fevereiro de 1981, daí eu tive que fazer uma cirurgia grande e não tinha outros funcionários lá, me afastei pra tratamento de saúde e uma professora de Itaí com habilitação em Pedagogia acabou pegando a direção.

Passado um tempo da minha licença eu voltei pouquinhos dias lá no Rio Verde. Tinha no Ginásio, na escola Eptácio Pessoa, duas classes que eram o terror, e o assistente de diretor da escola, disse pra mim assim “eu fui lá, falei com o delegado de ensino, que eu preciso tirar férias e preciso de um assistente na escola e se não for você, outra pessoa eu não quero.”

E olha que lá tinha gente com mais direito que eu. Ele me pegou no pulo. Ele disse que ia viajar e o que eu fizesse, que eu achasse que estaria certo, ele assinava embaixo. Olha, trabalhei umas duas semanas com aquelas duas classes, mas eu coloquei em ordem. Eu dei conta.

As crianças vinham reclamar da professora, na verdade toda noite, eu trabalhava manhã e a noite todo dia. Aí eu combinei com eles assim: “vamos nomear um representante de classe e vocês vão conversar com esse representante como resolver seus problemas e passar pra mim”. Um dos alunos representantes, toda noite, vinha duas, três vezes na minha sala, “dona Esmeralda, é assim, assim, assim...”. Um dia eu disse pra ele, “você como representante da classe de hoje em diante vai começar conversar com os alunos e criar com eles meios pra resolver os conflitos lá e depois você me comunica o resultado.” E não é que começou a funcionar!

Ah e eu conversei com a professora também, ela entendeu e deu tudo certo. Eu fui conversando com eles, explicando que a escola era deles, conscientizando da responsabilidade de cada um e melhoraram muito.

Depois de um tempo, os supervisores foram visitar a escola, só ouvi os passos nos corredores da escola, uns dois ou três deles chegaram e me perguntaram “porque não está funcionando a escola?”. Ficaram surpresos quando eu respondi que a escola estava funcionando normalmente, mas por estarem em silêncio, pensaram que não estava. Eu disse, “podem entrar nas salas e verificar, não precisa ter barulho pra ter aulas.” E entraram, viram cadernetas dos professores, ficaram um bom tempo lá.

E aconteceu um fato muito interessante, tem um professor, excelente professor, que tem tudo em ordem, exemplo pra todos nós, mas justo aquele dia não estava com as cadernetas em ordem. Ele me contou depois que pediu a Deus que não permitisse que ele não caísse do pedestal naquela noite. Eles nem pediram as cadernetas dele, pois estavam acostumados que sempre ele andava com tudo em dia.

Risos.

**Esmeralda:** Depois eu voltei pra escola do Rio Verde e fiquei até 1983. Depois eu fui pro Cruzeiro, fiquei até 1993, me aposentei lá. Eu só trabalhei em cinco escolas da zona rural.

**Pesquisadora:** São narrativas muito interessantes das senhoras, muito ricas. A dona Esmeralda comentou sobre a experiência da escrita das narrativas, alguém gostaria de comentar o que achou?

**Safira:** ah eu nem escrevi, prefiro falar do que escrever, as palavras fogem da minha cabeça. No tempo de professora não tinha como fugir, escrevia cedo, à tarde, à noite, final de semana, corrigia caderno, agora xé. Só escrevi aquelas coisas curtinhas lá da ficha (risos).

**Rubi:** eu gostava de escrever receitas, agora nem isso mais (risos)

**Pesquisadora:** As senhoras trouxeram uma foto, um cartão, um bilhete, uma lembrança, algum registro ou algo que tenha marcado a vida das senhoras enquanto professoras?

**Diamante:** eu trouxe muita coisa.

**Topázio:** eu trouxe um cartão. Posso ler?

**Pesquisadora:** Topázio, fique a vontade, pode ler sim.

**Topázio:** é o cartão que quatro crianças me deram no dia do meu aniversário em 10 de outubro de 1996 “querida professora, te desejo um feliz aniversário, que Deus te acompanhe em todos os caminhos da vida e que te dê muita saúde e felicidade. Te amamos.” Eles sempre faziam isso, no dia das mães, no dia dos professores, sempre tinha alguém que fazia isso. Eu tenho uma boa parte, sempre guardei tudo com muito carinho. Tinha até uma carta que eu queria ter trazido de uma aluna que

encontrou comigo na rua e me deu essa carta, mas nem era mais minha aluna, uma linda carta, mas eu não encontrei.

**Safira:** eu lembro mesmo que eu gostei muito, mas não tenho mais, de umas taças que ganhei escrito “eu e você”, seu eu tivesse eu tinha trazido. Eu tinha uma caixa de coisas, mas não guardo nem holerite (risos).

**Diamante:** eu estou com uma bagagem grande aqui.

**Pesquisadora:** e o que a senhora quer mostrar? Por onde quer começar? Fique a vontade Diamante.

**Diamante:** na verdade pra mim tudo isso aqui é especial viu, são muitos momentos diferentes. Vou precisar de uma ajudante aqui agora com os materiais. Olha que lindo isso aqui! É uma plaquinha gravada! Tem duas, uma recordação de família e uma da 8ª série A. Pode ler a gravação para elas ouvirem.

**Pesquisadora:** Claro que vou ler, elas são muito lindas! A gravação na placa diz: “para a professora que nos acompanha desde a 5ª série o nosso amor e carinho. À professora Diamante, formandos da 8ª série A da Escola Cel Vicente Russo do Amaral”.

Essa outra aqui é uma recordação da família e diz assim “Mais do que mulher, esposa e companheira, acima de tudo soube ser super mestra. Mãe, louvamos a Deus por sua vida. Dos filhos, netos, noras e genros. Itaporanga, 15 de julho de 1994.”

**Diamante:** veja essa foto aqui. Eu, meu marido, meu primeiro neto, filho da minha filha mais velha.

**Pesquisadora:** olha lá, elas estão gostando das fotos! (Risos)

**Diamante:** essa foto foi quando casou minha primeira filha. Eu sou essa carregando meu último filho, irmãozinho dela. As crianças na foto são: (nomeou os filhos e filhas). Esse aqui é meu filho caçula no colo da minha filha mais velha no dia de seu casamento. Ele tinha uns dois ou três meses quando ela casou.

**Pesquisadora:** muito linda essa foto!

**Diamante:** Olha eu trouxe alguns documentos, você pode levar e pode te ajudar. Tem muita coisa sobre Itaporanga aqui e que eu acho que ninguém tem. Ninguém é de guardar essas coisas não.

**Diamante:** Eu trouxe esses documentos sobre a história da cidade e outros dados, tem muita coisa sobre a história da cidade e que ninguém tem. Ninguém é de guardar essas coisas não, só quem gosta mesmo da história.

**Pesquisadora:** eu agradeço, pois eu vou precisar mesmo.

**Esmeralda:** eu não trouxe os cartões que as crianças me davam, elas me escreviam, tinha um escrito um negócio engraçado, que comparava eu e a uma

outra professora, dizia que eu era alva e ela morena, pequenininha que nem um grão de arroz. Eram essas coisas que elas escreviam, eu ria com os bilhetinhos delas, mas são coisas de crianças.

Eu sou muito alérgica com coisa que fica guardada, então até que ficou um bom tempo guardado. Então eu trouxe dois cartões, de colegas professoras. Este aqui eu recebi de uma colega, não de estudo, e sim de profissão. Ela já é falecida. Leia pra nós.

**Pesquisadora:** “Esmeralda, a alegria consiste em unir as mãos para construir um mesmo templo, uma mesma cidade, um mesmo jardim, uma mesma praça onde todos possam se encontrar como irmãos e eu encontrei em você mais que uma irmã, irradiando aquela paz, aquela bondade, que só existe no seu interior. Continue sempre como você é, pois assim o ano de 84, lhe sorrirá ainda mais. É o meu desejo. Barão de Antonina, 83/84”.

**Esmeralda:** lindo, maravilhoso! Eu escrevi sobre ela também. E esse aqui, eu tenho a foto, é quando uma colega professora se aposentou, ela fez surpresa pra nós. Ela colocou uma foto de cada uma na mensagem. Olha que lindo, mexe com a gente. Sobre as fotos, em todas elas estão escritos as datas, os cartões, eu marquei tudo na parte escrita que você pediu. Agora essa foto, é a abertura da semana das crianças no primeiro ano que eu estudei. É a atual escola Cel. Vicente Russo, que antes era o Grupo Escolar. Vê se você acha eu aí no meio da turma, eu era aluna. (risos).

**Esmeralda:** deixa eu dar a outra foto pra facilitar pra você. Esta é a casa onde nasci, olhando esta foto você me acha aí nessa outra que te mostrei antes.

**Pesquisadora:** poxa, que tarefa difícil Esmeralda!

**Esmeralda:** olha que interessante na foto e olha que eu escrevi sobre isso. Eles brigavam muito, meninos com meninas, no caminho pra escola eles brigavam, vinham de longe, a cavalo, a pé. O que é que eu fiz? Eu falei bastante com as crianças sobre coleguismo, conversava, mas parece que não resolvia. Eu ia jogar bolinha de gude com todos juntos, jogar queimada pra juntar. E os meninos tinham tantos apelidos. E sabe que a não ser o apelido que vinha de casa, acabou que as crianças brincavam juntas, comiam juntas, faziam tudo juntas e não tinha mais divisão de meninas e meninos.

Olha, eu sou essa daqui da frente, e sou eu mesma, pode comparar com essa outra foto aqui.

Agora, essa foto aqui, é a primeira comunhão, eu preparava todo ano, na escola do Rio Verde, 1974. Como eu era professora no bairro, as crianças me conheciam e, os pais confiavam também na gente, então acabava que a gente conciliava as atividades da escola com as da igreja também e era bom. Ah, tem gente aí que talvez você conheça.

Essa aqui é a foto da primeira escola que eu dei aula, porém eu não mencionei lá no relato escrito viu?

Essa aqui também é minha casa atual, eu deixo tudo pra você, caso você ache que tem serventia, senão depois você me devolve.

**Pesquisadora:** nossa, quantas memórias hein? Agora, olhando e conversando sobre essas lembranças que emergem desses registros da Esmeralda, (Esmeralda interrompe)

**Esmeralda:** onde está aquele álbum que vocês estavam vendo?

**Pesquisadora:** o que as senhoras sabem a respeito da fundação da cidade de Itaporanga? O que as senhoras sabem da questão que fala das pedras bonitas?

**Diamante:** está tudo nesse testamento aqui. Aqui tem tudo, eu guardei minha vida inteira isso aqui. Tem tudo. Sobre os prefeitos, a igreja, a antiguidade toda e muita coisa. Por isso que vou emprestar isso pra você, sei que quase ninguém tem.

**Pesquisadora:** está tudo aqui Diamante? Eu vou ler tudo mesmo. É um material interessante.

**Rubi:** você guardou tudo isso Diamante? Não acredito! Acho que o professor João Castilho tem muito material, poderia ajudar muito, entende muito sobre a história de Itaporanga.

**Pesquisadora:** verdade, eu pretendo falar com Seu João é que pensei que as senhoras poderiam me contar sobre a história da cidade de outro modo, vamos dizer assim, por via das memórias da cidade mesmo, pelas lembranças, por meio das histórias, que é muito valioso também.

**Safira:** mas o João Castilho tem grandes contribuições pra você, com certeza, ele sabe tudo sobre a história da cidade.

**Rubi:** além do que ele fala com muita propriedade e prazer, será muito bom pra você ouvi-lo.

**Pesquisadora:** muito bem! Falando a respeito das pedras, na carta-formulário, tinha uma questão que era pras senhoras colocarem o nome de uma pedra preciosa que gostem, que achem bonita. Isso é porque, como eu havia comentado no primeiro encontro sobre a importância de mantermos os nomes verdadeiros em sigilo e assim resguardar a identidade das senhoras, zelando para que não seja identificado, então na organização do documento final irei substituir o nome das senhoras pelo nome das pedras que escolherem tudo bem?

**Diamante:** ai, eu acho que sou a esmeralda.

**Esmeralda:** eu é que sou a esmeralda!

Topázio: eu também gosto da esmeralda.

**Pesquisadora:** ai, meu Deus! Quantas esmeraldas! Mas tem mais de uma cor de esmeralda né?

Risos.

**Rubi:** não, eu sou a pedra Rubi. Amo a pedra Rubi.

**Safira:** eu gosto muito da pedra Safira.

**Topázio:** eu marquei a esmeralda também, mas pode trocar. Gosto também da Topázio.

**Esmeralda:** eu li que tem a esmeralda amarela e outras, mas eu quero a verde. E sabe por quê? Tenho uma historinha da esmeralda comigo e vou contar. A minha tia, a irmã caçula da minha mãe, era minha madrinha, e a professora Diamante conheceu e várias pessoas conheceram o Seu Delfino, ele era moço, solteiro, tinha uma loja e meu avô sempre fazia compras ali. Ele deu um colar pra ela. Eu lembro bem, quando ela morreu eu tinha nove anos. Esse colar era um coração e tinha umas pedrinhas assim que faziam um colarzinho assim muito bonito, verde, eu não sei que pedra era, mas era verde, da cor de esmeralda. Eu sempre gostei dessas coisas sabe? Minha irmã não era muito chegada nessas coisas. Daí minha tia ficou noiva de outro, casou e deu esse colarzinho pra mim. Passado um tempo, minha irmã foi pra igreja, colocou o colarzinho, eu ainda era criança e não lembro se ela falou que arreentou, não sei se ela trouxe as pedrinhas, não sei nada. Então, isso aí eu guardei de lembrança porque se ela não tivesse arreentado eu teria até agora. Então, por isso eu gosto da esmeralda, tem uma história.

**Pesquisadora:** poxa, que delícia de lembrança. Mas vou tentar atender a preferência das senhoras, mas caso não consiga terei que escolher outra tudo bem?

**Rubi:** eu sou a única rubi (risos)

**Safira:** e eu a única safira. As esmeraldas que decidam (risos).

**Diamante, Esmeralda e Topázio:** sim.

**Esmeralda:** eu acho que a professora tem que ser o Diamante (risos)

**Rubi:** É. Se comparada a toda essa história de professora que venceu com tantos filhos, também concordo, tem muito valor Diamante.

**Pesquisadora:** então tá, as amigas elegeram a Pedra Diamante pra senhora, tudo bem?

**Diamante:** estou me sentindo muito valiosa assim (risos).

Pesquisadora: Bem, eu trouxe pras senhoras essas caixinhas como lembranças da tarde de hoje, desse nosso encontro. Tem uma frase que é de autora, a Sonia Krammer, e fala assim *“A pedra é parte e todo. Cada estilhaço pode tudo conter. Simboliza a dureza destruída e representa a construção possível. A beleza.”* Tem tudo a ver com a tarde de hoje, com todo esse trabalho nosso e eu volto a dizer, esse trabalho não é só meu, ele é nosso, porque sem as senhoras eu não estaria desenvolvendo essa tese. *“Você é a pedra bonita deste trabalho!”*

**Professoras:** “ai que lindo!”, “a minha parece pérola!”, “a minha é preta!” (cada uma comenta sobre sua pedra e mostra uma pra outra).

**Pesquisadora:** O cartãozinho que vou passar agora, é da autora que me inspirou a desenvolver esse trabalho, a Ecléa Bosi *“uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.”* Então, é isso tudo que nós estamos fazendo, são as nossas histórias, a histórias de cada uma das senhoras, a minha e de cada uma inclusive de todas as mulheres colaboradoras que estão aqui nessa sala, das acompanhantes; são as histórias, suas subjetividades, que dão sentido a uma existência e fazem a história de uma cidade.

Estou para finalizar, mas antes disso, quero comentar com as senhoras que a Esmeralda narrou uma coisa muito importante no primeiro encontro, ela disse que só conseguiu ir pra escola aos nove anos, depois que os irmãos homens estudaram, pois tinha que cuidar deles e dos serviços da casa. Isso me chamou muito a atenção.

As diferenças entre as meninas e os meninos, o ingresso das moças no curso do magistério, seja por falta de opção no mercado de trabalho ou até por imposição dos pais, e até mesmo porque a profissão docente permitia à mulher conciliar algumas atividades com os trabalhos de casa, mãe, esposa. Tudo isso e hoje ouvindo esses três relatos significativos, como a da Rubi que disse que as moças não tinham opção. As senhoras podem comentar como era, o que lembram de como era a vida dos meninos em relação e das meninas? Ser mulher, como era isso em termos de escolha de profissão, privilégios? Gostaria que alguém falasse um pouquinho sobre isso.

**Rubi:** As moças não tinham opção, a não ser serem donas de casa. Eu quando moça nunca trabalhei fora, não tinha no que trabalhar, no máximo era trabalhar numa loja e ainda tinham pouquíssimas lojas na cidade.

**Safira:** Eu trabalhei fora cinco anos. Trabalhei na cooperativa, mas não estudava. Eu tinha feito lá em Carlópolis, mas tinha parado, depois que saiu o ginásio aqui no Epitácio, saí do emprego, fui indenizada, saí numa boa e terminei o estudo.

**Pesquisadora:** é que a gente observa às mulheres cabiam somente às atividades domésticas e o espaço do lar, os cuidados com os filhos, os afazeres da casa, essas coisas né?

**Rubi:** mas isso ainda não mudou em muitos casamentos né? Risos. Eu mesma casei e não fui trabalhar fora. Demorei um tempo pra ir. Costurava em casa. Antigamente as mulheres falavam depois dos homens, aliás, com permissão deles, serviam só pra criar filhos, cozinhar e cuidar da casa. Só isso mesmo.

**Diamante:** isso é passado, hoje as mulheres evoluíram, antigamente era bem pior.

**Esmeralda:** E a mulher não votava. Isso foi uma grande conquista. E a gente sabe que foi com muita luta que conseguimos muitas coisas.

**Topázio:** eu não trabalhei fora, mas trabalhava na casa. Éramos em seis irmãos, quatro mulheres e dois homens, então cada um tinha uma tarefa, as meninas tinham que lavar louça, limpar a casa, passar roupas.

Com doze anos eu comecei a lavar roupa da família toda mesmo sabe? Uma era da limpeza, a outra era da cozinha, sabe? Minha mãe costurava pra fora, então a tarefa era dos filhos, a tarefa da casa era das meninas e família grande tinha serviço até. Foi uma luta, a gente teve uma infância bem cheia de coisas, desde sete e oito anos trabalhando. Hoje em dia crianças de dez anos não querem saber de nada, só querem ficar no computador. Minhas netas não fazem nada.

**Rubi:** eu ainda menina tirava água do poço.

**Esmeralda:** com nove anos eu entrei na escola e deu maleita, no ano anterior deu maleita, que foi em 1940 que nós mudamos pra cidade, todo mundo de casa ficou com maleita, e ficaram amarelos, tomaram uns remédios amargos, uma injeção doída, que eu tenho a marca até hoje, quatro anos eu tinha.

No ano de 41, deu uma outra maleita, só que só deu na mamãe em casa e era uma maleita diferente, tinha horário da febre. Então, de manhã ela estava boa, tirava água do poço, naquele tempo era tudo assim, já reservava, dava pra criação beber e tudo e deixava tudo pronto, fazia o almoço e o serviço até a hora do almoço, daí como meu pai tinha perdido a lavoura por causa da maleita, ele foi trabalhar na prefeitura, então ele saía cedo e na hora do almoço era a mamãe, nós e dois primos que vinham pra almoçar. E a criançada comia, chupava laranja, descascava mexerica e guardava as cascas em cima da toalha pra depois jogar tudo de uma vez e ficar mais fácil. Eles mal saíam, minha mãe deitava, tremia tanto de tremer a cama. Em 41 eu tinha seis anos, meu irmão era pequeno, ela ia deitar com aquele tremor e me falava assim “não deixa as galinhas sem água”. Como ela tinha febre e muita sede, ela não queria que as galinhas ficassem sem água. Eu era desse tamanhinho (apontou a altura da mesa) e ficava o dia inteiro enchendo as latinhas de água das galinhas. Como ela ficava deitada, eu pequena sem experiência nenhuma, pegava os pratos, levava tudo na cozinha, deixava certinho pra depois eu lavar, e ao invés de pegar a toalha e jogar as cascas lá fora eu despejava na beira da mesa, aí eu ia varrer e não aguentava. Eu tinha uma enxadinha pequenininha, ia lá e raspava, depois vinha varria, abria a toalha, quando era pra trocar eu trocava, daí eu ia arrumar a cozinha, ensaboar as roupas que até o outro dia ela dava conta, mas eu deixava ensaboava, esfregava manchinha por manchinha. Tinha muita gente que ajudava e tinha uma parente nossa que ia lá e falava assim “não precisa ficar esfregando muito, passa bem sabão e faça cuia e deixa tudo aí que amanhã está molinho”. Daí facilitou porque eu ficava lá esfregando, deixava lá tudo prontinho, zelando do meu irmão, tratando das galinhas, tinha que dar café pros camaradas e por volta das quatro horas, meus irmãos chegavam e mais tarde passava a febre da minha mãe. Daí eles iam apartar as vacas, tratar dos porcos. Tinha um moço lá que tirava livro na biblioteca e dizia assim pra mim “você ficou o dia inteiro com seu irmão, deixa que agora eu atendo ele”. Deitava ele lá e ficava, e eu tinha que debulhar milho e um monte de coisas. Mas, olha foi um ano, de fevereiro de 41 a fevereiro de 42 eu tomei conta de casa como se fosse gente grande e eu só tinha seis anos de idade. Depois quando eu tinha treze anos de idade, minha mãe costurava pra fora, costurava pra homem e mulher, fazia até terno, ela saiu fazer compra e eu ajudava ela arrematar as costuras. E quando ela saía era pra comprar coisas pra comer, roupas, sapatos, então ela demorava um pouco. Ela tinha começado um vestido pra mim, daí eu peguei o vestido, e estava faltando costura de máquina ainda, pois na máquina ela não deixava eu mexer ainda, eu peguei o vestido fiz as costuras de máquina, arrematei, deixei prontinho. Quando ela chegou, disse pra ela “mamãe, eu terminei o

meu vestido”. Ela, toda surpresa, me disse “mas você costurou na máquina?”. Eu disse que tinha costurado e ela “traz lá pra ver”. Ela gostou tanto que daquele dia em diante, ela continuou costurando só para os homens e eu comecei a costurar para as mulheres. Então, com treze anos eu já comecei a ganhar meu dinheiro, pouquinho, mas já estava trabalhando. Até começar no posto fiscal, depois no banco, depois na escola.

**Diamante:** sabe, meu pai era muito enérgico, de dizer não é não, mas muito certo com as coisas, tinha que pular miudinho com ele. (uma vez cheguei em casa, perguntei da mamãe e ...(inaudível). Era muito bom pai, não deixava faltar nada, mas pelo olhar eu já o conhecia.

**Safira:** Diamante, sua mãe chamava Iris? Lembro que minha mãe, dia de domingo dizia que não era pra ninguém se debandar pra lugar nenhum que nós íamos na casa da comadre Iris.

**Esmeralda:** a Dona Iris encomendava leite espumado pra minha mãe, eu levava uma jarra assim, ela já tirava direto na jarra, ficava alto de espuma.

**Pesquisadora:** Muito bom! Bem, mais alguém quer comentar alguma coisa a respeito dessas questões propostas nesse encontro ou de alguma outra que quiserem?

Então eu vou entregar a lembrancinha do encontro de hoje pras senhoras, é uma caixinha com sachê de chá. Eu mesma fiz com muito carinho pras senhoras.

**Safira:** eu tenho a minha do outro chá até agora.

**Rubi:** Sandra, você está no meu coração, você sabe disso.

**Pesquisadora:** Fico muito feliz por esse momento. Peço, por gentileza que depois as senhoras se dirijam até aquela mesa ao fundo com a colaboradora pra assinar o termo de consentimento do uso de som e imagem que falei com as senhoras e também para organizar as imagens que puderem me deixar para reprodução.

Externo minha gratidão às senhoras pela contribuição. Suas vozes com certeza ecoarão na minha pesquisa e manteremos vivas essas memórias. Muito obrigada mesmo. Agora eu convido as senhoras para juntas fazermos umas fotos e degustarmos de tudo.

Obrigada!

## **APÊNDICE E**

### **TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa. A sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a Instituição.

A Sr.(a) receberá uma via original deste termo onde constam o telefone e endereço da pesquisadora responsável, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

#### **TÍTULO DA PESQUISA:**

*PEDRAS BONITAS PODEM FALAR! MEMÓRIAS, NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS DE ITAPORANGA SP.*

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz

**ENDEREÇO:** Rua Cuba, n.415, Vila Barcelona

CEP 18025-540, Sorocaba/SP

**TELEFONE:** (15) / 99610-7593

**ORIENTADOR RESPONSÁVEL:** Prof. Dr. Wilson Sandano

#### **OBJETIVO (S):**

- Construir a história da docência da cidade de Itaporanga por meio das memórias de professoras aposentadas que lecionaram no período de 1950 a 1990.
- Ouvir as histórias de docência de professoras aposentadas da cidade de Itaporanga; compreender o processo de formação de mulheres professoras numa cidade do interior de São Paulo; fortalecer as raízes locais da referida cidade, no intuito de manter viva a história, por meio do resgate e compartilhamento de memórias; contribuir com a formação/constituição dos novos professores, por meio do compartilhar de experiências vividas.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Serão realizados dois encontros em formato de chás da tarde, utilizando-se como procedimento metodológico o grupo focal (2 horas de duração). Após os encontros que adotará a técnica do grupo focal, será feita a transcrição das gravações dos encontros; registro das memórias e narrativas; coleta de fotos, documentos ou outros registros que as depoentes julgarem importantes e complementares aos seus relatos.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** Toda a pesquisa será realizada com o consentimento das participantes, que a qualquer momento de desconforto, podem se retirar dela.

**BENEFÍCIOS:** Esta pesquisa propositiva abrange a área de estudos da linha de História da Educação.

**CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE:** Não haverá nenhum custo para o participante da pesquisa.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Todo material da pesquisa será utilizado somente para fins de estudo entre os pesquisadores envolvidos, não havendo divulgação em outros meios, garantindo a preservação e o sigilo.

**Assinatura do Pesquisador Responsável:**

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG, \_\_\_\_\_, CPF, \_\_\_\_\_,  
 declaro que li as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do projeto intitulado “*PEDRAS BONITAS PODEM FALAR! MEMÓRIAS, NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS DE ITAPORANGA SP.*”, que tem como pesquisadora responsável Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz, sob a orientação do Prof. Dr. Wilson Sandano e, fui devidamente informado(a) dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa e concordo em participar.

Foi-me garantido também que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Declaro ainda que recebi uma via do Termo de Consentimento.

Sorocaba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL:**

\_\_\_\_\_

(Nome por extenso)

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

**APÊNDICE F****AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM**

Eu, \_\_\_\_\_

RG, \_\_\_\_\_ CPF, \_\_\_\_\_ autorizo gravação da minha imagem (foto e/ou filmagem, gravação) como parte da coleta de dados do projeto intitulado “*PEDRAS BONITAS PODEM FALAR! MEMÓRIAS, NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS DE ITAPORANGA SP*” que tem como pesquisadora responsável Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz, sob orientação do Prof. Dr. Wilson Sandano.

Declaro ainda que fui informado que as imagens serão utilizadas somente para fins de estudo entre os pesquisadores envolvidos, não havendo divulgação em outros meios, garantindo a preservação e o sigilo.

Sorocaba, \_\_\_\_\_, de janeiro de 2017.

**NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL:**

\_\_\_\_\_

(Nome por extenso)

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

## ANEXO A - HISTÓRIA DE ITAPORANGA

①

data

S T Q Q S S D

## Fundação de Itaporanga

Desde o começo do século XIX, os índios Caiuás de índole pacífica, descendentes dos primitivos Guaranis vagavam pelos sertões meridionais do estado de São Paulo. Em 1843, grande parte deles, entre a civilização e a barbárie, veio habitar o município de Itapeva da Fozina. Costumavam vir a essa localidade trocar cera e mel por ferramentas e vestuário. Desejavam sair da área que ocupavam devido à falta que se abisoluta de caça e ao avanço que as civilizadas faziam sobre suas terras. É o que dizia João da Silva Machado o Barão de Antonina, em documento dirigido ao Presidente da Província de São Paulo, com data de 03 de setembro de 1843, dia seguinte àquela que recebera alguns Caiuás em sua Fazenda Pirituba (hoje Engenheiro Maia, entre Itapeva e Itararé).

Através do citado documento o Barão de Antonina solicitava da autoridade máxima da Província, a criação de um aldeamento para tais índios, a fim de que os mesmos pudessem sobreviver sob a proteção oficial. Sem resposta, em 1844, o Barão preocupado com a sorte daqueles índios que viviam na redondeza de Itapeva, atacados de um lado por tribos ferozes e inimigas e, do outro, pelos brancos ávidos de ocuparem suas terras resolveu aldeá-los em lugar seguro e doou-lhes parte de suas terras localizadas entre os

28

data

rios Verde e Itararé, designando-a Mata dos Índios. Para êxito de seus planos, solicitou a presença de um missionário para dirigir o aldeamento.

Nesse mesmo ano, a pedido do Governo Imperial, chegou da Itália um grupo de missionários Capuchinhos para se dedicarem à catequese dos índios brasileiros. Deste grupo foram enviados para Itapira três missionários: Frei Gaudêncio de Gênova, Frei Ponciano de Montaldo e Frei Pacífico de Montifalco. Este foi designado para dirigir o aldeamento criado pelo Barão.

Conforme relato de viagem deixado pelo escrivão da entrada, a comitiva partiu da Fazenda Piritubia no dia 16 de agosto de 1845. Dela faziam parte 19 pessoas, inclusive 08 índios. Dentre elas estavam Luiz Vergueiro, chefe da entrada, os três missionários capuchinhos, Joaquim Francisco Lopez, o próprio Barão e o americano João Henrique Elliot que nos deixou o diário de viagem.

Descendo pelo rio Verde em canoas, os entradistas chegaram no local onde seria a sede do aldeamento no dia 20 de agosto de 1845. Com a chegada do Barão e seus acompanhantes, os índios prepararam uma casa com ramos de flechas para a recepção, mostrando grande alegria com a presença do protetor (a quem chamavam de Pai-guacu - grande Pai) e dos missionários.

③

data

S T Q Q S S D

No dia seguinte, 21, teve lugar a cerimônia de levantamento da Cruz, que tinha sido preparada para essa ocasião. Frei Pacífico fez uma alusão alusiva ao acontecimento e, à noite, os índios apreentaram um cerimonial de acordo com suas tradições. Estava oficialmente fundada Itaporanga, que recebeu o nome de São João Batista do Rio Verde ou São João Batista da Saxina, como também foi chamada durante muitos anos.

Frei Pacífico assumiu a direção do aldeamento e recebeu o título de Vice-Prefeito e Diretor dos Índios. Em 1847, foi construída a primeira Capela dedicada a São João Batista e a população começa a crescer. Em 1855, dez anos depois, a povoação é elevada à categoria de Distrito de Paz e Paróquia (Freguesia) com o nome de Rio Verde.

Em 1862, no dia 30 de dezembro, com apenas 48 anos de idade, faleceu Frei Pacífico.

No dia 06 de março de 1871 o Distrito é elevado à categoria de município e em 24 de fevereiro de 1883 é elevado à Comarca. No dia 21 de junho de 1899, o município passou a chamar-se Itaporanga, nome que perdura até nossos dias e que na língua indígena significa Pedra Bonita (Ita = pedra + poranga = bonita).

Conforme o último Censo, Itaporanga conta com um total de habitantes, sendo na área urbana e na rural.

## ANEXO B- NARRATIVA ESMERALDA

1  
 a) Tanto são as passagens importantes na minha trajetória docente, que dariam um livro, caso pudesse contar todas. Assim sendo, vou falar um pouco do começo do meu trabalho na carreira.

Trabalhava no banco "Bamerindus" e com a criação em 1965 de uma classe do Curso Normal, na cidade, com esforço e ajuda de muitas pessoas, consegui conciliar trabalho e estudo ao mesmo tempo.

Me tornei professora no final de 1967. Mesmo já tendo trabalhado desde 1959 no banco, embora gostasse muito do que fazia, optei por tirar férias e decidir se me adaptava na nova carreira.

Escolhi uma classe na zona rural "Escola Isolada da Fazenda Mercões", que foi remanejada para o bairro "Sagrado", hoje "São Francisco", onde já existia outra classe.

Eu e outra colega passamos a residir em casa de parentes, donos do terreno onde funcionavam essas classes.

No final das férias bancárias pedi demissão, conforme já havia combinado com meus chefes e enfrentar a nova tarefa.

Como o nome já diz essas classes eram realmente "isoladas" e sem meios de condução, comunicação, iluminação etc... Tudo era precário; em compensação as pessoas do bairro eram muito amáveis e acolhedoras, e procuravam ajudar em certas necessidades de nosso dia a dia.

As crianças vinham a cavalo ou a pé, pois a maioria morava longe.

As professoras tinham que improvisar sempre.

Além dos conteúdos do programa de ensino, tínhamos a preocupação em preparar o aluno para a vida em sociedade, passando também os preceitos morais, boas maneiras, saúde religiosa etc...

Trabalhamos bastante sobre: amizade, respeito, companheirismo, religião etc; pois alguns vinham para a escola sem bagagem nenhuma sobre esses assuntos. Conseguimos melhorar até o comportamento dentro da escola.

Na parte religiosa, foram celebradas várias missas na escola, fazíamos novenas davamos aula de religião, preparávamos as crianças para fazer a 1ª comunhão, introduzimos o costume de oferecer o pãozinho bento nos dias de Santo Antônio, costume que foi seguido por vários anos...

Como resultado, nasceu a ideia de, satisfazendo o desejo de uma tia-avó, antiga dona do terreno, construir nas imediações da escola, uma igreja dedicada a Santo Antônio que, conforme a opinião de Frei Arnaldo, irmão do Professor João Castilho e parente dos moradores do Bairro resolveram que seria dedicada a São Francisco, fundador da Ordem a que Santo Antônio pertencia.

A construção da igreja começou quando eu já não trabalhava mais no bairro, de onde só saí para facilitar minhas idas para a Faculdade, em Avaré.

Hoje o bairro São Francisco é muito progressista; contando com a igreja, a casa consagrada, mais uma capela de Santo Espedito, barracão para eventos e outras benfeitorias.

## b) Infância:

Nasci no bairro Cruzeiro. Meus pais descendentes de mineiros, fundadores do bairro, sempre moraram no mesmo lugar, no mesmo bairro até quando meu irmão e minha irmã chegaram à idade de ir para a escola.

Vimos morar na chácara onde moramos até hoje moramos. Nossa casa, recém-construída era de barro batido, rebocada de branco, mais tarde caiada, tinha 6 espaços cômodos, parte assoalhada e parte atijolada com cerâmica vitrificada. Nela residimos por 20 anos até a construção da nossa casa atual.

Brincamos bastante enquanto crianças. Nossa casa sempre foi cheia de crianças: primos, coleguinhas... Além de brincar, ajudava nas pequenas tarefas, sempre, existentes em chácaras. Fui para a escola aos 8 anos, em 1.944.

Meu pai trabalhou na lavoura até os 70 anos. Frequentou a escola apenas por 1 mês, por ter ficado orfão de pai e mãe muito cedo. Porém era bastante inteligente. Gostava de conversar com crianças ou adultos e sempre se saía bem em qualquer assunto. Foi um pai amoroso, conselheiro, que sempre se preocupou com nossos estudos e nos deixou como exemplo, sua coragem e honradez.

Minha mãe frequentou por 1 ano a escola na cidade. Era calma, quieta e muito premeditada. Cuidava da casa, costurava, tanto para mulher, como para homem, fazia bordados, crochê, flores etc. Gostava de ler. Seus doces e assados são lembrados até hoje pelos filhos dos antigos frequentes.

### C) Cartões:

O 1º recebi no final de 1983, de uma colega de trabalho já falecida, da qual me recordo com grande saudade, pois dela recebi muita amizade e muita ajuda com suas experiências na carreira.

O 2º recebi como lembrança, por ocasião da aposentadoria de uma colega de estudos e trabalho: companheira e amiga de sempre; a quem desejo tudo de bom, pois sempre procurou ser dedicada, amorosa e cumpridora de seus deveres.

"A primeira e a segunda; que Deus as recompense por tudo que fizeram de bem na vida.

### Fotos:

a 1ª retrata a comemoração da "Semana da Criança" no meu 1º ano escolar; minha 1ª professora, a inesquecível "Dona Maroca", diretora, demais professores, autoridades e colegas. a 2ª é da casa, hoje "Feira Dominique" onde comecei o curso ginásial "Ginásio Estadual Gov. Jânio Quadros", em 1956, indo até setembro de 1959, quando foi inaugurado o prédio do atual Colégio Estadual "Epitácio Pessoa".

a 3ª é a foto da 1ª Comunhão dos alunos da Escola do Bairro Rio Verde, onde comecei em 1974 e me efetivei em 1977. Nessa escola só me ausentei para responder pela direção das escolas: "Prof. Octávio" do bairro Santo Antônio (7 meses), "Epitácio Pessoa" (+ eu - 2 anos) e finalmente para a escola "Prof. Júlio Gencalves" do bairro Cruzeiro, na qual permaneci até 10 de junho de 1993, quando me aposentei.

d)

Futuro)

Faltando apenas 1 mês <sup>para</sup> completar "82" anos, só posso pensar em agradecer pela minha vida, saúde, minha família, pelos inúmeros amigos que Deus me concedeu e seguir sempre procurando só fazer o bem, sem escolher a quem sonho). Poder ouvir um dia, que nesse "País" saiu da crise, pela qual "estamos" passando.

e)

Na parte da manhã desço até a loja de meu irmão "Casa Americana" e ajudo fazendo um trabalho que sempre fiz e sempre gostei de fazer: anotações, notas e arquivo e as vezes fico tomando conta do caixa quando ele viaja com a família.

Na casa, ajudo em algumas tarefas assisto televisão, descanso, leis faço palavras cruzadas crochê, tricô etc.

Particpei por longos anos do Grupo "Reviver" da 3ª Idade. Fui presidente por 9 anos, levei o grupo para vários lugares, como São Paulo, Aparecida, Campos de Jordão e outras. Fizemos desfile de modas, coroadas da rainha com a presença do cantor Moacir Franco, tivemos fanfarra e coral que eram requisitadas nas comemorações das cidades vizinhas.

Hoje não frequento mais o grupo pois não sou fã de bailes, única diversão do grupo atual. Caminho um pouco e viajo de vez em quando

f)

Meu processo de envelhecimento é normal: não tenho dores não tenho enfermidades como: diabetes, tireoide, triglicérides, colesterol, etc. Graças a Deus. e g) Gosto da esmeralda.

As pessoas são bem unidas, sempre se ajudando, para conseguir êxito em suas programações festivas, que são frequentes, contando com a presença de numerosas visitantes.

Sempre que posso, dou uma chegadinha para visitar amigos e parentes e participar dessas comemorações. Sinto saudades de tudo que passei naquele tempo e me emocionou ao encontrar ex-alunos, já avós, (alguns), participando e ajudando para o bilhantismo de tais festividades, das quais, egoisticamente me acho no direito de pensar que ajudei plantando uma sementinha, que brotou e está produzindo bons frutos...

Trabalhei como professora somente em 4 escolas, sempre da Zona Rural, por achar que ali meu trabalho seria mais útil. E todas me lembro com saudades. Passei bons momentos convivendo com os alunos e com todo o pessoal dos bairros e isso me faz acreditar, que não só ensinei, como aprendi com eles, e muito...

Conclusão: Versos de Fernando Pessoa.

"Ludo vale a pena, se a alma não é pequena."

A alma não é pequena, quando se faz algo buscando a melhoria de uma comunidade, mesmo que isso possa causar dor.

Valeu a pena !!!

## ANEXO C - NARRATIVA AMETISTA

- a) Conte uma passagem que ache importante  
A transformação do cargo de Professor I, em cargo de Assistente de Diretor de Escola, em 08/6/1999
- b) Meu pai era mecânico e minha mãe era de loi eram humildes e muito trabalhadores.  
Morávamos em casa própria, na Vila Lóris, em Itararé. Eu gostava de andar de bicicleta e pular corda, ~~lo~~
- c) No dia dos professores, sempre ganhava presentes. Guardo comigo um selhete escrito por H. Meire Pereira, datado de 15/10/70 o qual tem muito significado para mim.  
Um ano após terei foto com meus alunos da 1ª série.
- d) Minha missão agora é cuidar das minhas netas Ana Flávia e Manuella, com 15 e 10 anos, respec

tivamente. Peço a Deus que me dê saúde e força para vê-las formadas.

e) Atualmente, apenas cuido da casa, das crianças, lido, faço tricô e crochê para passar o tempo. Meu sonho é ver minhas netinhas formadas. Gosto muito de ler.

f) Como da maioria das pessoas: trabalhando, sempre tendo minhas netinhas por perto e pedindo forças a Deus para que eu possa atingir meu maior objetivo: Ver as crianças criadas, felizes e com um futuro promissor.

g) Felizes aqueles que me ajudam a lembrar coisas de antigamente, tal qual você...

Grândia.

Obrigada e que Deus a abençoe.

## ANEXO D - NARRATIVA RUBI

Respostas

- a) Uma passagem importante foi ter a cidade e desafio de ir dar aula numa cidade fora, para realizar meu sonho. Tive que deixar minha família, e casa, foi um grande desafio, mas tive um aprendizado importante em minha carreira.
- b) Minha infância foi feliz, pobre sim, mas o amor era real. Gostava de brincar de roda, petecas, pular corda e outras da época. Tive uma infância com muita liberdade.
- c) Os alunos de 2º série se reuniram para me dar este cartão quando me aposentei. Foi muito emocionante ver o esforço, o carinho e a alegria deles ao me entregar o cartão que guardo até hoje.

- d) Minha expectativa aos 80 anos é terminar meus dias em paz, com alegria junto aos meus até que Deus me chame para junto Dele.
- e) Já tenho limitações quanto à atividades de casa, mas continuo fazendo guloseimas para meus filhos e netos, minha forma de expressar meu carinho e dedicação a eles. Também faço parte de um grupo de mulheres da igreja, dedicadas à ação social e oração.
- f) O processo de envelhecimento é natural e isso aceito com segurança, me sentindo muito amada por Deus e por toda a família e amigos.
- g) Rubi, foi meu primeiro penteado (branco e azul).

## ANEXO E – NARRATIVA TOPÁZIO

- a) Conte uma passagem que acha importante sobre sua trajetória docente. *teve muitas passagens importantes principalmente o carinho e que as crianças tinham comigo, me dando bilhetes e cartões.*
- b) Narre sobre sua infância: como era sua família, a casa onde morou, bairro, cidade, o que gostava de fazer, quais brincadeiras gostava e/ou outras coisas que achar importantes. *Minha infância pobre, mas feliz. Seis irmãos muito unidos. Casa simples num bairro em Itararé. Brincávamos de roda, pega-pega, amarelinha, pula corda, peteca etc...*
- c) Traga algum tipo de registro (se tiver), por exemplo: cartas, bilhetes, cartões, fotos (até três fotos) que tenham um significado em sua trajetória como professora e escreva uma breve narrativa sobre eles. *Me emocionei muito quando no dia de meu aniversário recebi esse cartão*
- d) Quais são suas expectativas para o futuro? Tem algum sonho que ainda pretende realizar ou alguma situação que ainda não viveu e que gostaria de viver? *Não tenho expectativas para o futuro. Já realizei todos os meus sonhos. Só tenho que agradecer a Deus.*
- e) Conte-me como é a sua rotina de vida atual. O que faz em casa? Participa de algum projeto ou grupo? Faz alguma atividade física? Desenvolve alguma outra atividade? Viaja? Lê? Fale o que achar relevante. *Atualmente sou mãe de lar, vou num salão que tenho três vezes p/semana cuidar do pomar, da horta. Viajo p/casa dos filhos. Gosto de ler, principalmente assuntos religiosos.*
- f) Como tem sido o seu processo de envelhecimento? Fale um pouco sobre isso. *Com 76 anos, tenho uma vida ativa, não dependo de ninguém para me ajudar*
- g) Escolha uma Pedra Bonita que goste: esmeralda

Obs.: Venha participar do 2º Chá. Se não desejar narrar estas questões por escrito, não é obrigatório, somente as faça se sentir-se à vontade. Conversaremos sobre elas no dia do Chá.